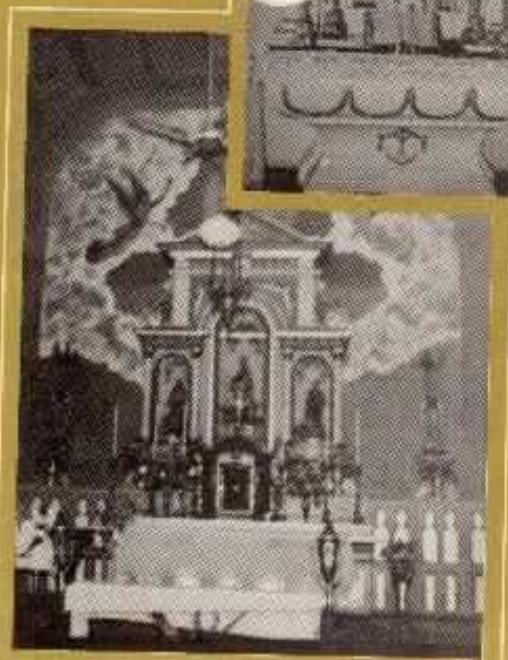


ORGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO DO PIAUÍ
ANO VIII • Nº 16 • TERESINA, JANEIRO/MARÇO 1986

RESENHA

A Talha no Piauí.
Retábulo de Oeiras

Rio Parnaíba
isto por
orge
aleiro
le Lacerda



Manuel Bandeira, Centenário
de um poeta, por Maria
Figueiredo

Você sabe o que é moléstia sem
tempo? Veja em Cultura Popular

Josias Clarence e sua Visão de
Teresina em Entrevista

Editorial

O Piauí é diferente. Tem o seu jeito em tudo, até em fazer turismo. Mas isso vem de longe.

A começar de seus primórdios, de sua conquista, povoamento. Nisto invertemos a tradição, o itinerário tradicional: começarmos pelo sertão.

Na trilha do boi, paulistas, baianos e pernambucanos, a partir do século XVII, foram conquistando os vales úmidos do sul e, em torno dos currais, formando nossas povoações e vilas. Quando chegamos ao norte era tarde e só conseguimos "ganhar uma nesga do mar, que abre os horizontes e estimula os sonhos", segundo o poeta Martins Napoleão.

Mas ficamos com a melhor fatia do mar: bela, limpida, mansa. Sem poluição. De praias virgens, céu de brigadeiro e dunas brancas banhadas pelo sol de um verão contínuo e aconchegante. Em Parnaíba e Luiz Correia. Um sonho de mar.

A atividade pastoril forjou um piauiense hospitaleiro, sincero, trabalhador.

Nesse hóspede é membro da família. Como nos casarões das fazendas de outrora:

O fio da barba ainda sustenta a palavra empenhada.

Assim podemos assegurar que você pode vir ao Piauí. Sem assaltos nem sobressaltos. E também porque temos nossa rede hoteleira, simples, higiênica, acolhedora. Estradas asfaltadas. Artesanato fino, variado e barato. Comida leita com o esmero de quem dela também vai comer. Rico folclore e uma atividade cultural intensa, febril.

E mais: o mistério de Sete Cidades e da Serra da Capivara. O rio Parnaíba e seu delta maravilhoso. As campinas de Campo Maior, onde nossos vaqueiros derramaram seu sangue pela independência do Brasil. O clima ameno de Corrente e Pedro II. A lagoa de Parnaguá e suas lendas. O vale do Gurguéia e seus poços jorrantes. Os peixes fossilizados de Simões. A arquitetura barroca de Amarante, Piracuruca e Oeiras. E o abraço caloroso de Teresina, a cidade-síntese do jeito piauiense de botar o coração em tudo que faz.

Se tudo isso for defeito, que seja esse o nosso bendito, assumido e irrenunciável defeito.

RESENHA

Órgão Oficial da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí

Governador do Estado do Piauí

HUGO NAPOLEÃO

Vice-Governador

JOSÉ RAIMUNDO BONA

MEDLIROS

Secretário de Cultura, Desportos e Turismo

JESUALDO CAVALCANTI

BARROS

Presidente do Conselho Estadual de Cultura

BENJAMIN DO REGO

MONTEIRO NETO

Editora:
LENA MONTEIRO DE CARVALHO

Conselho Editorial:
Carlos Evandro Eulálio
Gloria Soárez Freitas
Amury Teixeira Nunes
Diretor Comercial:
José Elias Martins Arêa Leão
Secretaria:
Sônia Maria Setúbal Cunha e Silva
Transcrição:
Virgílio Queiroz

Colaboradores:

A. Tito Filho, Diogo Bernardo Carvalho Junior, Pe. Matias Léon Sousa, Sônia Cunha e Silva, Chico Castro, Carelho Neto, Francisco Miguel de Moraes, Mauro Paulo Nunes, Osvaldo Lemos, Alcília Afonso de Albuquerque Costa, Dora Medeiros de Lima, Fernanda da Costa,

Jesualdo Cavalcanti

e Silva Miranda, Lena Monteiro de Carvalho, Luis Pires de Freitas, Maria Figueiredo dos Reis, Alisson Santiago Araújo, Maria do P. Socorro Neiva Nunes Régo, Antônio de Moura Borges, Jorge Balteiro, Maria Auxiliadora F. Lima, Eudes Ferreira Lima, Maria Dolores Teles, José Elito de Britto, Selma Duarte e Laura Lealath.

Endereço da redação:
Praca Nossa Senhora, 690 - Centro
Fone: 22-10-06
51-000 - 1990-000 - Parnaíba - Piauí

Os comentários e opiniões aqui emitidas, não são de responsabilidade exclusiva dos autores dos textos.

Planejamento gráfico, ilustração e arte final
Carocas e Carvalho

Sumário



Entrevista: Josias Florence Carneiro da Silva	6
Estranhas Lágrimas: A. Tito Filho	11
A Poesia de um grande: M. Paulo Nunes	13
Manoel Bandeira: Um poeta centenário: M ^a Figueiredo dos Reis	19
Paranaguá: Conselheiro de Estatu: Osvaldo Lemos	23
Cristo das Comunidades Eclesiais de Base: Pe. Matusalem Sousa	27
Fernando Pessoa: A Criação heteroclíntica: M ^a da Socorro P. Neiva	43
A Talha no Piauí: Retábulos II: Dagoberto Carvalho Júnior	49
Descendo o Rio Parnaíba: Jorge Boleticeiro da Lacerda	53
Aspectos da Variação na Concordância Nominal de Número: M ^a Auxiliadora F. Lima	56

NOSSA CAPA

Fotos de Retábulos
do Piauí, do pesquisador
e historiador piautense
Dagoberto Carvalho Junior

RESENHA



Cartas

Minha cara amiga.

No número 15 de Presença, relativo ao período de julho a outubro de 1935, publicou-se carta de Theodônio Tostes ao nosso querido A. Tito Filho, sobre a estada de Da Costa e Silva em Porto Alegre. Como já existem tantas sombras sobre a vida do poeta, convém que dissipermos a tempo as novas que possam começar a formar-se.

Muitos anos se passaram desde que Da Costa e Silva viveu no Rio Grande do Sul e é natural que fuisse à memória de Theodônio Tostes em localizá-lo no tempo e em sua circunstância. Vamos esclarecer os fatos:

1. Da Costa e Silva não chegou a Porto Alegre em 1925. Nesse ano, encontrava-se como delegado fiscal do Tesouro Nacional em São Luís do Maranhão. Foi nomeado delegado fiscal no Rio Grande do Sul em 25 de setembro de 1929, e tomou posse do cargo, em Porto Alegre, em 14 de outubro do mesmo ano. Ficou naquela cidade até novembro de 1930, quando o Governo Federal o designou para as mesmas funções em São Paulo.

2. O Diário de Notícias de Porto Alegre não editou um suplemento literário, mas tão somente uma "Página Literária". Nisso tem razão The-

odônio Tostes. Mas essa "Página Literária" foi efetivamente dirigida, durante algum tempo, por Alberto de Andrade Queiroz e Da Costa e Silva. Assim o afirma o próprio Diário de Notícias, em nota de 4 de maio de 1930: "O Diário de Notícias tecerá hoje a publicação da sua página literária dominical: (...) A direção dessa página estará a cargo dos nossos colaboradores Andrade Queiroz e Da Costa e Silva". Nesse mesmo dia, aliás, a "Página" estampou o poema "Noturno do Guairá", de Theodônio Tostes.

3. Diz Theodônio Tostes que Da Costa e Silva "nunca figurou entre os colaboradores da 'Página'. Não só a co-dirigiu, como nela publicou pelo menos os seguintes artigos: 'Vlechas sem Direção', 'As Musas do Tio Sam', 'O Homem Taciturno', 'O Sol das Coisas', 'Toguete de Lágrimas' e 'O Poeta Bili'.

4. A referência que faz o, no prefácio às Poesias Completas, aos componentes do grupo literário frequentado por Da Costa e Silva em Porto Alegre tem por fonte Alberto de Andrade Queiroz, tio de minha mulher, e Augusto Meyer, meu mestre e amigo. Ambos referiam-se a encontros praticamente diários com o poeta, na Livraria do Globus, num café que dela ficava perto. Aqui também deve ter havido uma falha de memória: desta feita, daqueles dois fraternal amigos de Da Costa e Silva, que me mencionaram Theodônio Tostes, poi quem ambos nutriam enorme admiração, entre os figurantes do pequeno círculo de escritores, dos quais Da Costa e Silva era o mais velho. Tinha, então, o nesso poeta 45 anos.

Muito obrigado por tudo.

Alberto Da Costa e Silva

Tenho em mãos a Revista Presença, recebida ontem à tarde e, só me conformei depois que a li, pois é muito importante a gente estar fora da terra ler ate propaganda. Senti-me muito perto do Piauí e acompanhando a situação da cultura de nossa terra, bem retratada na revista. Obrigado por tudo.

Pe. Matusalém Sousa
Rio de Janeiro - RJ

Estevo muito agradecido pela oferta magnífica da Revista Presença, verdadeira obra-prima de literatura e arte gráfica.

Seu esforço, sua dedicação, sua aprimorada cultura intelectual na feitura de tão bonita revista, e como esforçado secretário de Cultura, Desportos e Turismo reforçam os expressivos axiomas que muito nos envadeceem: O Piauí existe; o Piauí agora.

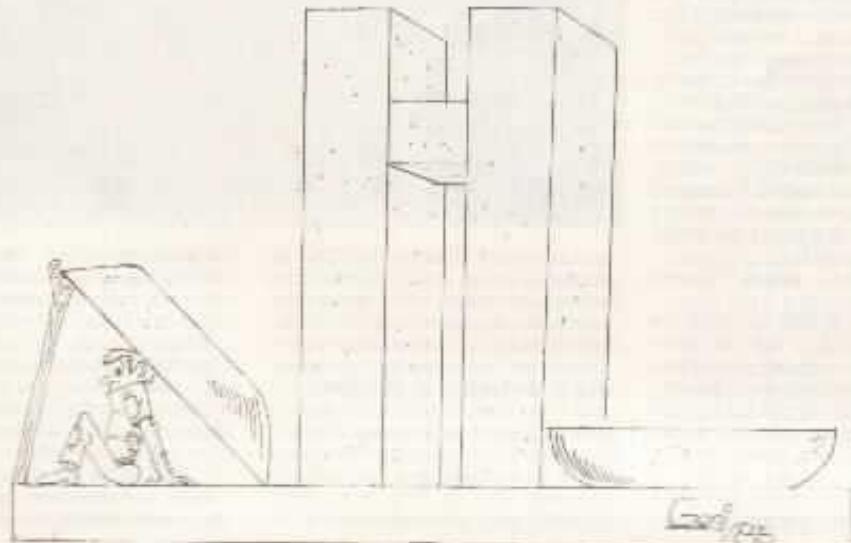
Acerte a mais sincera expressão de minha admiração e estima.

Dr. Raul Furtado Bucellar
Academia Pernambucana de Letras

Temos a satisfação de comunicar o recebimento da valiosa doação de 1 (um) exemplar da Revista "Presença", nº 15/ 85.

Ressaltamos a importância desta doação para enriquecimento do nosso acervo e melhor atendimento aos usuários. Ao mesmo tempo, solicitamos, que esta Biblioteca tenha o privilégio de continuar recebendo periodicamente essa publicação.

Margarida de Andrade
Mathews de Lima
Dir. da Biblioteca Pública Federal
"Presidente Castello Branco"
— Pernambuco —



Josias Clarence Carneiro da Silva

Entrevista

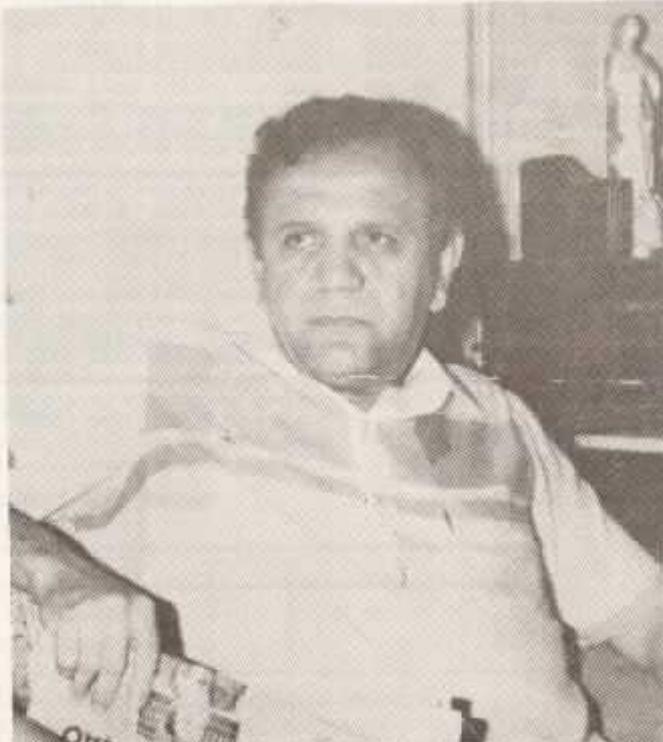
Entrevista com o escritor, professor e pesquisador
Josias Clarence Carneiro da Silva, concedida a REVISTA
PRESENÇA por Sônia Cunha e Silva e Francisco Castro

PRESENÇA — A REVISTA PRESENÇA tem a honra de ouvir o depoimento do escritor e historiador Josias Clarence Carneiro da Silva. Queremos que o senhor diga, inicialmente, alguma coisa sobre sua vida, sua família.

JOSIAS — Sônia, eu nasci de uma família de média burguesia, nessa mesma casa na qual estou dando esta entrevista. Meu pai foi um homem, humilde sem muita instrução, mas com sua visão muito avançada. O seu objetivo era me formar. Tinha aquela concepção de que precisava de um bacharel na família. Tinha também a certeza de que o único legado que podia nos deixar era realmente a instrução. Leto muito, achou que se sentiu gratificado, porque, de dez filhos, conseguiram formar três. Estudei em colégio burocrata, mas também com muita dificuldade. Se tivessem me dado realmente orientação não seria estudado em colégio como o Bandeirante ou o Leão XIII, que eram escolas da elite, privativas. Embora tivéssemos tradição, não tínhamos condições financeiras para estudar em determinados colégios. Ele fazia um sacrifício muito grande e era bem relacionado em Teresina, conseguindo nos colocar nos melhores educandários. Agora, a primeira manifestação, o primeiro desejo de escrever me veio aos 15 anos de idade. Já escrevia na revista literária no Leão XIII...

PRESENÇA — Era a "Voz do Estudante"?

JOSIAS — Foi isso aí. Você me lembrou bem, era a "Voz do Estudante". E era orientada pelo saudoso Pacheco, que morreu num desastre aqui perto, em Demerval Lobão. Finito o Pacheco dizia: "Josias, eu observo que você tem muita tendência". Apesar de minha timidez — quando estudante era bastante tímido — Pacheco me incentivava para



que escrevesse alguma coisa. Daí, fui tomando gosto. Nós tínhamos uma educação, assim, mais humanista, mas tenho a impressão que o ensino aquela época era muito melhor. Nos davam um embasamento que hoje, apesar de todas essas facilidades dos meios de comunicação de massa, a gente vê que estas gerações têm muito pouco a nos oferecer. Não sei se estou exatamente certo em todos os aspectos. Eles têm uma visão humana muito mais ampla que a nossa. No

meu tempo quase que não havia rádio. Aqui em Teresina poderia ver uns três ou quatro aparelhos. Eles têm dificuldades, porque tudo que deveria ser feito já foi feito. Mas têm mais facilidades, por exemplo, têm maiores informações, acontecimento que se passa na Cidade, logo todos ficam sabendo, através de um vídeo de televisão.

PRESENÇA — Num país com nosso, sem memória, qual o papel de um memorialista, um pesquisado

JOSIAS — O de documentar. É o papel da Secretaria de Cultura, coletar assim depoimentos de pessoas como o Zé Maria, que é uma pessoa já octogenária; o doutor Valdir Figueiredo Gonçalves; o professor Tito Filho; o desembargador Vidal de Freitas; essa gente que assistiu realmente o desabrochar, o progresso desta cidade de Teresina. Também em referência à memória de Teresina gostaria de fazer um apelo ao Wall. Ele poderia fazer um levantamento das primeiras famílias que povoaram a cidade, que se estabeleceram aqui com algum sacrifício. Isto poderia ser um trabalho conjunto da Prefeitura e do Governo do Estado, através da Sectur.

PRESENÇA — Josias, o professor Tito Filho falou uma vez que Teresina não nasceu no Pódi e sim na Praça da Bandeira...

gica, já tinha uma vila influente na confluência dos dois rios. Era o ideal. O Pódi Velho era um polo central. As famílias ricas podiam estar em Amarante, mas as famílias campo-maiorense e unifenses economicamente era muito mais importantes que amarantinas, haja vista os Castelo Branco, os Almendras. Essa gente era realmente de um grande patrimônio, os Gaicos também... então ele resolveu construir a cidade lá. Mas logo viu que as enchentes iriam atrapalhar, e resolveu trazer a cidade pra cá, colocando a cidade na praça hoje chamada Da Bandeira, ou Praça Marechal Deodoro, onde está o marco da cidade. Depois é que surgiu o Campo de Marte e o Largo do Sarau, onde está localizada a praça. O Campo de Marte é hoje o Verão.

PRESENÇA — E as terras, a quem pertenciam?



JOSIAS — Até certo ponto ele está certo. O Sarau procurou uma série de lugares, quer dizer, ele achava que o Paranaíba seria o rio da integração. A partir de 1848, havia a necessidade de se o escudo natural de fluxo e refluxo norte-sul de nossa economia. Então, ele procurou uma série de cidades que ficavam no Vale do Paranaíba para escolher a futura capital, e chegou a pensar em São Gonçalo do Amarante. Mas o Pódi Velho, pela sua posição estratégica,

JOSIAS — Existem algumas contradições. Tradicionalmente pertenciam à família Gonçalves Pedreira uma família maranhense de Caxias, que se radicou aqui no Vale do Paranaíba...

PRESENÇA — Manuel Domingos também...?

JOSIAS — F., o Manuel Domingos era Pedreira, e tinha umas honrarias ali, onde é a Socopo, onde hoje é a casa de João de Deus Fonseca. Ninguém sabe se eles doaram

ou que tipo de negócio fizeram. Acontece o seguinte: é que o Sarau determinou que os funcionários que viessem de Outras teriam melhores salários, casas, etc. As modalidades dessas casas e desses herrenos é que não sei bem avaliar. Só com documentação é que se poderia saber. Houve algumas famílias que ficaram mesmo em casas de palha, como a minha família, que é muito esquecida, os Carneiro da Silva, de Campo Maior. Estes se estabeleceram na Rua São José, em casa de palha, na beira do rio. Havia outro aparentado nosso, da família Couto, do doutor Durvalino Couto, que se estabeleceu ali na Rua dos Negros, tudo em casa de palha. Só quem podia construir assim casas imponentes, solarengas, era a família Almendra, do comendador Jacob Manuel de Almendra, era o senador Teodoro Pacheco, que não era exatamente senador; eram os Ferreira, os Rego Monteiro. Por exemplo, o Barão de Ourique construiu aqui muitas casas. A Igreja das Dores não foi exatamente construída por ele, mas ele fornecia muito material de graça. Mas a família tem essa impressão de que foi ele, o coronel João do Rego Monteiro, o Barão Ourique. O doutor Franklin Emírito de Meneses Dória pediu ao engenheiro Newton César Buritiamaqui a planta de uma capela, como queria sua esposa, filha do marquês de Paranaguá, devota de Nossa Senhora das Dores. O nome da igreja deveria ser Nossa Senhora dos Remédios, mas como ela era devota de N.S. das Dores, sua vontade prepondeou, por ser a mulher do presidente da Província. Depois veio o Frei Serafim — e, outra crise, o povo está engatado: a Igreja de São Benedito foi construída em 1861 —, e sim a Igreja das Dores, já no fim da década de 70, 1870, a igreja caiu, após uma inversão muito grande. Houve até uma parte muito interessante, registrada nos jornais da época, em que um artista mexicano que veio colocar um ornamento na torre da Igreja das Dores despenhou lá de cima e morreu. A igreja também caiu no final da década de 70. O governador da Província na época, Manuel do Rego Barreto, de família pernambucana, contratou com o coronel João do Rego Monteiro para reconstruir a igreja. Nesse intérrompido, chegou o Frei Serafim de Cárnia, com o mesmo objetivo. Como o Barão de Ourique já estava realizando a obra, ele resolveu fundar a Igreja de São Benedito. Agora, uma família importante que não é muito falada no Piauí é a família Motada, que leva uma progressão, na política, mas social muito grande, e que morava ali na sua hoje Senador Teodoro Pacheco. A primeira Loja Maçônica era deles. Eles foram os pri-

meiros maçons do Piauí. Simplicio Dias de Parnaíba, também foi maçom. Existe um retrato num esmalte, hoje no Museu do Piauí, tirado no interior de uma Loja Maçônica da Inglaterra e cuja legenda está errada. Foram justamente estas sociedades secretas que ajudaram a fazer a independência do Brasil. Eles tinham uma correspondência altamente secreta e eficiente, e foi através dela que, em poucos dias, se soube do Grito da Independência em Parnaíba. Existe até uma tese, defendida pelo Dagoberto, sobre o verdadeiro Dia do Piauí, muito sensata. Ele não entendeu a estratégia. Simplicio Dias fugiu por pura estratégia, que até recentemente ainda se aplica: o padre Balduíno fugiu, Juliana fugiu da Inglaterra. Então todas as cabeças coroadas fugiram estrategicamente na hora do perigo, como De Gaulle que trouxe a capital da França voltando em seguida.

PRESença — Qual foi a tese do Dr. Dagoberto Carvalho?

JOSIAS — É que a independência teria que ser, inexplicavelmente, feita na sede da capital da Província. Tudo certo. Geralmente acontece isto. Onde era o centro cultural? Era Oeiras. Mas, a independência do Brasil não foi feita na Corte, no Rio de Janeiro. Foi feita às margens do Ipiranga, na Capitania de São Paulo. Portanto, há exceções.

PRESença — Sua tese é só por causa disso ou tem outros fundamentos?

JOSIAS — Não. Na minha tese eu acho que deve se guardar o 19 de outubro como o Dia do Piauí. Os parnaibenses foram os pioneiros, embora tenham se retraído, tenham fugido...

PRESença — Mas eu conheço pessoas que acham que deveria ser o 24 de janeiro.

JOSIAS — E justamente isto que estou justificando...

PRESença — Mas como é que ficou isso?

JOSIAS — Meu ponto de vista pessoal é 19 de outubro mesmo, de acordo com minhas pesquisas.

PRESença — Mas quais foram suas fontes? Como você chegou a esta conclusão?

JOSIAS — Porque lá só onde primeiro houve a manifestação de independência. O povo de Oeiras estava envolto, inclusive o Visconde, embora o respeite por ter sido um político e colhido para a época de

desmando e caos —, foi uma figura apagada. Simplicio Dias, embora tivesse fugido, não ficou à parte. Lá na região de Camucim ele gastou seu dinheiro em gratias, para as tropas vir combater Fidé...

PRESença — Quem prendeu Fidé foi a tropa do Visconde e não do Simplicio Dias.

JOSIAS — Ali, mas o Simplicio Dias era assim um corsário, enquanto o Visconde era um trópico, um agricultor. Simplicio foi criado num herói de ouro. Opal deixou nada menos que 10.800 missas para ser celebradas em sufrágio da alma dele. Há precedentes no Brasil? Eu desconheço. Por acaso vejo restante o patrimônio que eles possuíam. O festejo no qual se contava o pão integral do Piauí não era Oeiras, era Parnaíba. Vejam que os testemunhos estão lá: Clóvis, o primeiro poeta e de lá; Leonardo, de Nossa Senhora Castelo Branco, saindo de lá. Então não era Oeiras. Os oeirenses que me perdoem mas, historicamente, a solidariedade oeirenses não era requintada. A parnaihanta era. Eu estive inclusive na casa dos Clark, com dona Isaura, que faziam um verdadeiro ritual no jantar. Ninguém encontra isso em Oeiras. Mas o povo de lá é bom, hospitalar... Mas as casas são rústicas. Cessou o servir. É tanto que o presidente da Capitania sentiu que a cidade não se desenvolvia devido à sua má localização, centralizada demais.

PRESença — A questão das duas datas, o que você pode fazer para modificá-las?

JOSIAS — Acho que deve permanecer. O que deve modificar, inclusive o meu grande mestre Arimatéa Tito diz que "no Brasil do Piauí está 24 de janeiro e não 19 de outubro", o dr. José Antônio de Abreu, nosso confrade da Academia, pesquisou e provou por A maius B que a independência do Piauí deveria ser dada como prioritária, a manifestação dos independentes de Parnaíba, antecendente, o 24 de janeiro. Ocorre que o escudo do Estado já estava feito. Ele foi feito em 1922.

PRESença — Mas essa ideia do Saravia em trazer a capital pra cá, foi boa?

JOSIAS — Foi até demais, embora aquela seja tão querida, mas é justamente por isso toda cidade às margens de rios tem um processo de evaporação bem mais acentuado. Mas o calor humano é muito mais interessante que o atmosférico.

PRESença — Mas o Saravia veio pra cá por competência ou...

JOSIAS — Era competência. Saravia tinha o rival da imprensa e as duas línguas diziam isto que eles tinham um caso. Não acredito por que ela era uma mulher muito honesta, bem casada, embora não fosse muito

feliz com Dom Pedro II. Teresa Cristina não era lá uma mulher de muitas virtudes, claudicava de muita pena, mas por outro lado era uma mulher de grandes virtudes, tinha muita sensibilidade, tocava belas árias, piano e fazia pinturas. A filha Princesa Isabel, saiu a ela: não tinha vaidades, gostava de negros (...), fio gorda. O Gastão fino, ela gorda. Mas tinha suas virtudes. Não é beleza física, mas espiritual. Teresa Cristina foi considerada a "Mãe do Brasil". E tinha uma consideração especial pelo Saravia. É talvez que ela realmente o apoiou para fazer a mudança assim um tanto "marra". Daí a homenagem a ela no nome da cidade.

PRESença — O Saravia é mestre?

JOSIAS — Não, era branco, Pinto. Não casou, morreu solteiro.

PRESença — Josias, as famílias que sempre mandaram no Piauí desde a fundação, elas continuam: houve mudanças?

JOSIAS — Não, isso é aqui trajetória muito natural: elas nascem, crescem, há um clímax, depois a decadência. Vou mostrar vozes os verdadeiros fundadores da cidade (mostrando um mapa). E direi, não tem hoje projeto nenhum; Almeida, muito relativo; Castilho Branco, mantém-se desde o séc. 17; Costa Neves, desapareceu; Burlamarque, desapareceu — o tal principal do Burlamarque está Rio Silva Prata, desapareceu; Soá Mendes, tem mais ou menos; Pitanga, tem também; Ará Teles, também; Alves Noronha, ligado a Porto, também tem projeto mas, por questões familiares abandonou os Gneiros da Silva Porto, mas por projeto familiar abandonou os Gneiros da Silva; Teixeira Mendes, também desapareceu; Gonçalves Coylem; Os Gonçalves Portela que eram donos de uma grande loja comere onde hoje é a JET; Morada, também desapareceram, embora ainda haja remanescentes nesse povo de São Luís ligados por casamento aos Camilo Silveira; Miguel Rosa, com relativo projeto que pertence a dona Paz, do doutor Renato Pioz; Renato Monteiro, nosso atual governador, mas por questões familiares acrescentaram Napoleão do Rego — isto é, um parado, é que Napoleão III expulsou Vitor Hugo Aguiar Monteiro, com relativo projeto; os Carcamanos tiveram lativa projeto, como por exemplo família Tajra que não era esta fortuna fabulosa de hoje, mas lá tinha alguma coisa; Curi, dona Maria de Lourdes Curi tinha uma grande loja acima de Tercinaria; os Said, (Carlos Si tinha uma grande loja). Fazendo exceção, a família mais poderosa do século passado, até o inicio deste,

a Cruz Santos. Eles têm grande projeção no Rio de Janeiro com o Guarani Cruz Santos, mas aqui não têm mais. A família Fertaz se estabeleceu no início do século passado, mas a família mesmo é Moura Pinto: eles tinham Leônio Pereira Ferraz Moura Pinto, e abandonaram o prenome ficando a casa dos Ferraz: os Carvalhos vieram de Oeiras, mas são os mesmos desta região de Monsenhor Gil. Voltando aos Cruz Santos, eles são ligados aos Silva Braga de Monsenhor Gil. Esta família foi onde sans o primeiro eclesiástico a ser consultado para ser bispo de Piauí, mas não aceitou. Os Ferraz daqui não são os mesmos do Rio/São Paulo. Os do Piauí descendem dos Moura Pinto, e têm projeção, haja visto o nosso prefeito, que desconde de uma família inglesa, os Debney, que tiveram algum relevante na guerra de Sucessão dos Estados Unidos. Vieram para Caxias e casaram com os Wall. A família de Dagoberto Ferreira de Carvalho é uma das mais importantes do século XVIII ao XIX. De Oeiras tem os Sousa Martins, o saudoso e confiável inesquecível que é o Petrâncula São: eles são Vieira de São Bento. Os Tupety são famílias de grande projeção, embora de origem mexicana e mais recente: eles sempre desfrutaram, tanto em Oeiras como em Teresina, de grande prestígio.

PRESença — E o O. G. Rego?

JOSIAS — O. G. Rego de Carvalho é descendente de um irmão do Duque de Caxias e do Barão de Toffé. Nós somos Egados no Duque de Caxias pelo ramo carioca. Por exemplo, o segundo barão de Urucui foi casado com a filha de Caxias: a Ana de Loretto Carneiro Fernandes, que casou-se com um parente nosso, o José Carneiro da Silva, Barão de Urucui. A outra casou-se com Negreiros da Gama. Os outros descendentes de Caxias são os Carneiro da Silva, só ligados a outras famílias.

PRESença — Como foi essa ligação dessa irmã de Caxias com o O. G. Rego de Carvalho?

JOSIAS — O Barão de Toffé era gaúcho. Ele deve ter vindo nessas guerras pro Rio de Janeiro, e lá casou-se com a irmã do Duque de Caxias, me parece que a Camila Alves de Lima e Silva. Daí os netos do Barão veio para Oeiras e ligaram-se aos Rego, a família Moraes Rego, que é também do O. G. Rego, sendo assim de duas famílias importantes.

PRESença — Aproveitando o deixa, fale da arquitetura de Amarante.

JOSIAS — A arquitetura da cidade é uma das mais interessantes, inclusive das cidades que conhecemos no Piauí, as bordas das janelas são as mais interessantes em variedades e diversidades. A janela da casa do Odilon Nunes, por exemplo, tem um

pouco do Barroco, na formação da parte superior.

PRESença — Josias, fale um pouco dos Nogueira Cavalcante.

JOSIAS — Sim, os Nogueira...
PRESença — Os Cavalcante eram italianos?

JOSIAS — Eu não sei bem... existe aquela tólice, se me permite uma observação, do mestre Gilberto Freire que diz que Cavalcante com I, é descendente de italiano, e com L, é do ramo bastardo. É tólice. É como Burlamarque: tanto faz com E ou com I, tudo é a mesma coisa. Eles também vieram da Itália, mas nunca tiveram essa preocupação. Mas os Cavalcante têm. Inclusive eu conheci gente que descrevava do professor Oscar Cavalcante, e diziam: "Cavalcante você não é dos primeiros". Mas ele era da elite florense, que se envolveu em política e foi expulsa da Itália. Passaram por Portugal e de lá para Pernambuco. Antes de irem para o Sul do Piauí, já haviam vários Cavalcante em Teresina, independentemente da família do nosso secretário Joaquim Cavalcanti. Mas é realmente uma família de grande tradição.

PRESença — No Piauí tem vários Castros. Tem Castro de São João do Piauí, de Amarante, de Batalha... que negócio é esse? O que foi que houve?

JOSIAS — Eu não sei bem explicar esse povo de Castro. Mas é o seguinte: os de Amarante tiveram grande projeto, embora de origem humilde; os de Valença são importantes, e me parecem, entretanto, a família Castro é que deu origem à família Nogueira. Essa havia-me esquecido de relacionar: o padre Francisco Nogueira teve um caso com uma Castro, e legitimou os filhos vindos daí a família Nogueira. Os Castro de Batalha não sei explicar bem. Batalha tem muito a ver com Castro. Outra família que é igual aos Ferraz: a família Sousa Pires São Meneses. Eles não querem saber de São Meneses, querem saber de Fortes. A família Lages, é Araripe: quando eles foram para o Amazonas, enriquecer por lá, era muito difícil a vida e eles vendiam lages. Quando voltaram adotaram o nome. Tem ainda os Portelas — os Ferreira também querem ser Portela —, você sabe, com o devido respeito, o Petrólio Portella Nunes, eles não querem aparecer Nunes, que nem o doutor Lucídio Portella Nunes.

PRESença — Porque?

JOSIAS — Ah, eu também gosto de saber porque. Eu não conheço grandes Portela em Portugal. Mas conheço Nunes. Estes alicerçaram no rei de Portugal.

PRESença — Mas Nunes não vem do espanhol não?

JOSIAS — E, mas em Portugal, eles viviam com o conde Dom Henrique

que, no alvorecer de Portugal nós encontramos Nunes. Agora não. E como Guinosa. Eles podem ter sido importantes na Espanha, mas em Portugal não foram. Encontraram algum Guinosa importante já no fim do reinado português, quando tiveram alguma projeção.

PRESença — Eus Pires?

JOSIAS — Me esqueci de falar também nos Moura Ferreira e dos Barista, que foram também famílias importanissimas no Piauí.

PRESença — Fa família do Renato Castelo Branco, que em seu livro: "Renato Aquém e Além Mar", me parece um pouco fazendeiro.

JOSIAS — Ele é de uma família que tem mantido, ao longo do desenrolar do século, algo muito interessante: o status que sempre tiveram. Quase todo Castelo Branco é poeta, escritor, artista plástico... agora eles têm mantido uma grande linhagem. Mas, de origem mesmo, lá no fundo, eles não tinham essa linhagem. Fizessem tímidos que receberam ventos do Cunha e dos Silva. No Brasil, quem tem Silva é gente que não tem nome. Mas na Espanha e Portugal quem tem Silva é gente de alta linhagem. Inclusive os Silva quem que sua origem tinha sido de Freitas Silveira, um príncipe que fugiu de Irlanda e fundou nova ordem na Itália. Tem também a família Pereira da Silva, do Chico Pereira da Silva, que só de Valença.

PRESença — Josias, e o H. Dohal?

JOSIAS — A família Dohal e Costa Neves. Esse Dohal é porque o pai achou o nome muito interessante: é argentino. Hidemburgo Dohal vem dos Neves. Quero crer que do Abdias Neves.

PRESença — E da Anísio Brito?

JOSIAS — E de Pinacoteca. Os Brito Passos, os Brito Melo. A família Melo é também muito importante.

PRESença — Eles são muito brancos...

JOSIAS — E realmente são muito apundios. Os Almeida Magalhães e os Meneses todos são muito importantes em Pernambuco. Em Parnaíba tem aquele contingente muito grande dos Silva Henrique, dos Dias da Silva, de Veras, de Pontenelle, de Cruz Santos que migraram pra lá; de Castelo Branco e de Moraes Correia, que fundou a cidade de Luis Correia, e quem primeiro iniciou a indústria de sal no Piauí.

PRESença — E os Arcosverde?

JOSIAS — Os Arcosverde são da Paraíba, não do Piauí. Me esqueci de falar também de uma família muito importante de Amarante: os Sobral. Arcosverde Sobral. E não podemos esquecer também os Ribeiro Gonçalves, os Moura, de Socorro.

a Cruz Santos. Eles têm grande projeção no Rio de Janeiro com o Guarani, Cruz Santos, mas aqui não têm mais. A família Ferraz se estabeleceu no início do século passado, mas a família mesmo é Moura Pinto; eles tinham Leônidas Pereira Ferraz Moura Pinto, e abandonaram o prenome ficando a casa dos Ferraz, os Carvalhos vieram de Oeiras, mas são os mesmos desta região de Monsenhor Gil. Voltando aos Cruz Santos, eles são ligados aos Silva Brito de Monsenhor Gil. Esta família foi onde saiu o primeiro eclesiástico a ser consultado para ser bispo do Piauí, mas não aceitou. Os Ferraz daqui não são os mesmos do Rio/São Paulo. Os do Piauí descendem dos Moura Pinto, e têm projeção, havia visto o nosso prefeito, que descende de uma família inglesa, os Debney, que tiveram algum relevo na guerra de Sucessão dos Estados Unidos. Vieram para Caxias e casaram com os Wall. A família de Dagoberto Ferreira de Carvalho é uma das mais importantes do século XVIII ao XIX. De Oeiras tem os Sousa Mattos, o saudoso confrade inesquecível que é o Peixoto Sá; eles são Vieira de Sá, o R. Sá. Os Tapety são famílias de grande projeção, embora de origem mestiça e mais recente, eles sempre desfrutaram, tanto em Oeiras quanto em Teresina, de grande prestígio.

PRESença — E o O. G. Rego?

JOSIAS — O. G. Rego de Carvalho é descendente de um irmão do Duque de Caxias e do Barão de Tere. Nós somos ligados ao Duque de Caxias pelo nome curioso. Por exemplo: o segundo herói de Lencois foi casado com a filha de Casimiro, a Ana de Loreto Carneiro Fernandes, que casou-se com um parente nosso, o José Carneiro da Silva, Barão de Urucu. A outra casou-se com Negreiro da Gama. Os atuais descendentes de Caxias são os Carneiro da Silva, já ligados a outras famílias.

PRESença — Como foi essa ligação dessa Irmã de Caxias com o O. G. Rego de Carvalho?

JOSIAS — O Barão de Tere era gaúcho. Ele deve ter vindo nessas guerras pro Rio de Janeiro, e lá casou-se com a Irmã do Duque de Caxias, me parece que a Camila Alves de Lima e Silva. Daí os netos do Barão viram para Oeiras e ligaram-se aos Rego, a família Moraes Rego, que é também do O. G. Rego, sendo assim de duas famílias importantes.

PRESença — Aproveitando o deixá, fale da arquitetura de Amarante.

JOSIAS — A arquitetura da cidade é uma das mais interessantes, inclusive das cidades que conheço no Piauí, as barrocas das junchas são as mais interessantes em variedades e diversidades. A janela da casa do Odilon Nunes, por exemplo, tem um

pouco do Barroco, na formação da parte superior.

PRESença — Josias, fale um pouco das Nogueira Cavalcante.

JOSIAS — Sim, os Nogueira...

PRESença — Os Cavalcante eram italianos?

JOSIAS — Eu não sei bem, existe aquela tólice, se me permite uma observação, do mestre Gilberto Freire que diz que Cavalcante com I, é descendente de italiano, e com E, é do ramo baiano. É tólice, E como Burlamarque, tanto faz com E ou com I, tudo é a mesma coisa. Eles também vieram da Itália, mas nunca tiveram essa preocupação. Mas os Cavalcante têm, inclusive eu conheço gente que desbocava do professor Oscar Cavalcante, e diriam: "Cavalcante você não é dos primeiros". Mas ele era da elite florentina, que se envolveu em política e foi expulsa da Itália. Passaram por Portugal e de lá para Pernambuco. Antes de irem para o Sul do Piauí, já haviam vários Cavalcante em Teresina, independente da família do nosso secretário Jesuadino Cavalcante. Mas é realmente uma família de grande tradição.

PRESença — No Piauí tem vários Castro, Tem Castro de São João do Piauí, de Ananindeua, de Batalha... que negócio é este? O que foi que houve?

JOSIAS — Eu não sei bem explicar esse povo de Castro. Mas é o seguinte: os de Ananindeua tiveram grande projeção, embora de origem humilde; os de Valença são importantes, e me parecem, cearenses. A família Castro é que deu origem à família Nogueira. Essa havia-me esquecido de relacionar: o padre Francisco Nogueira teve um caso com uma Castro, e legitimou os filhos vindos daí a família Nogueira. Os Castro de Batalha não sei explicar bem. Batalha tem muito e Fortes Castelo Branco. Outra família que é igual aos Ferraz: a família Sousa Fortes Sá Meneses. Eles não querem saber da Sá Meneses, querem saber de Fortes. A família Lages, é Araripe: quando eles vieram para o Amazonas, enriquecer por lá, era muito difícil a vida e eles vendiam luges. Quando voltaram adotaram o nome. Tem ainda os Portelas — os Ferreira também querem ser Portela —, você sabe, com o devido respeito, o Pedro Portela Nunes, eles não querem aparecer Nunes, que nem o doutor Lacerda Portella Nunes.

PRESença — Porque?

JOSIAS — Ah, eu também gosto de saber porque. Eu não conheço grandes Portela em Portugal. Mas conheço Nunes. Eles alegaram que o rei de Portugal.

PRESença — Mas Nunes não vem do espanhol não?

JOSIAS — F, mas em Portugal eles estavam comandando Dom Henrique

que, no alvorecer de Portugal nós encontramos Nunes. Agora não. E como Guincho. Eles podem ter sido importantes na Espanha, mas em Portugal não foram. Encontraram algum Guincho importante já no fim do reinado português, quando tiveram alguma projeção.

PRESença — Eos Pires?

JOSIAS — Me esqueci de falar também nos Moura Leiteira e dos Batista, que foram também famílias importissimas no Piauí.

PRESença — E a família do Renato Castelo Branco, que em seu livro: "Renato Aquém e Além Mar", me parece um pouco faraóide.

JOSIAS — Ele é de uma família que tem mantido, ao longo do desenrolar do século, algo muito interessante: o status que sempre tiveram. Quase todo Castelo Branco é poeta, escritor, artista plástico... agora eles têm manejado uma grande linhagem. Mas, de origem mesmo, lá no fundo, eles não tinham essa linhagem. Esses títulos que receberam vêm dos Cunha e dos Silva. No Brasil, quem tem Silva é gente que não tem nome. Mas na Espanha e Portugal quem tem Silva é gente de alta linhagem. Inclusive os Silva querem que sua origem tenha sido de Espanha. Silvio, um príncipe que fugiu de Irlanda e fundou nova ordem na Itália. Tem também a família Perzola da Silva, do Chico Pereira da Silva, que são de Valença.

PRESença — Josias, e o Il. Dobal?

JOSIAS — A família Dobal é Costa Neves. Esse Dobal é porque o pai achou o nome muito interessante: é argentino. Hidembingo Dobal vêm dos Neves. Quero dizer que do Abdias Neves.

PRESença — E a do Anísio Brito?

JOSIAS — F de Pinacurica. Os Brito Passos, os Brito Melo. A família Melo é também muito importante.

PRESença — E eles são muito brancos...

JOSIAS — E, realmente são muito apurados. Os Almeida Magalhães e os Meneses todos são muito importantes em Pinacurica. Em Parnaíba tem aquele contingente muito grande dos Silva Henrique, dos Dias da Silva, de Véras, de Fontenelle, de Cruz Santos que migraram pra lá; de Castelo Branco e de Moraes Correia, que fundaram a cidade de Luis Correia, e quem primeiro iniciou a indústria de sal no Piauí.

PRESença — Eos Arcos?

JOSIAS — Os Arcos não são da Paraíba, não do Piauí. Me esqueci de falar também de uma família muito importante de Amarante: os Sohral. Arcos e Sobral. E não podemos esquecer também os Ribeiro Gonçalves; os Moura, de Socorro

Moura, ainda viva, é a mesma do Maranhão, os Moura Rego. Os Arcos de são recentes no Piauí. Talvez no inicio da década de 20 desse século.

PRESença — Josias, e a vida dos teresinenses no inicio do século, como era nosso modus-vivendi?

JOSIAS — Prevaleceu sempre o machismo do homem. A mulher naturalmente saía para as festividades, naquele estilo bem patriarcal, com raríssimos acontecimentos sociais. A mulher era realmente muito reatada. Vivia para o lar com suas prendas domésticas, semi-analfabetas, e nem mesmo as da elite estudavam. Às rapazes andavam impecavelmente vestidas, até de chapéu, num clima desses. A praça preferida era a Rio Branco. Os bailes, em casas particulares. Havia grandes bailes, por exemplo, na casa de João Broxado, onde hoje é a Livraria Corisco. João era um homem dado às artes, às lettras, e particularmente às artes musicais. Todos os seus filhos tocavam algum instrumento. Ele ainda hoje tem um filho, o comendador Dionísio Broxado, que mora em Teresina e toca piano. Tinha também o Raimundo Manuel da Paz, construtor do Theatro 4 de Setembro, que também oferecia grandes tertúlias. Tinha também os presépios aqui perto, na Vermelha, já descendo a Baixa do Chico. Era o presépio de dona Quequé, a segundona mulher dele. Tinha a parte estética e a parte dinâmica, movimentada, em que as figuras teatrais se apresentavam, atendendo toda a cidade. Em minha casa também recitava um João Pinheiro, sempre muito magro e bem vestido. Vinha também o João Neves, que era filho natural de Abdias Neves; vinha Abdólio Reis, o grande. Vera Holanda, Vitor Gonçalves Neto, que mora em Caxias atualmente e, o grande atirador que era a Guadalupe Lima, além do violinista Moraes Rego.

PRESença — Essa Guadalupe foi a primeira professora de Teresina?

JOSIAS — Não, Guadalupe era uma advogada, uma mulher muito politizada e inteligente. Ela foi a figura principal do movimento estudantil de Teresina, na década de 40.

PRESença — Ela foi vereadora?

JOSIAS — Parece que sim. Só sei que Guadalupe era quem comandava a massa, fazia discursos belíssimos, arrebatava aplausos no Theatro 4 de Setembro, na Praça Pedro II, no Rio Branco, enfim, concluía o povo. Havia também na minha época o professor Antônio Ribeiro Gonçalves, doido a artes dramáticas, que traduzia do francês as obras que levava ao teatro.

PRESença — Havia recitais de poemas em Teresina?

JOSIAS — Havia. Havia nos-

“... Todos os prédios em torno da Praça da Bandeira deviam ser preservados”.

tes de tertúlias em casas particulares. Raramente se fazia no Theatro, e nessa época ainda não havia o Clube dos Diários.

PRESença — O primeiro clube?

JOSIAS — Não. Não em ainda o primeiro clube. O primeiro foi onde fica aquela casa que servia de restaurante dos estudantes, e que hoje está caída aos pedaços na Rua Alvaro Mendes. Na minha rua, a Pucatuba, moraram as figuras mais celebres da intelectualidade teresinense. Nela moraram Carolina, Júlio Mirlins Vieira Gonçalves Neto, Dálva Santana, a primorosa Abdólio Reis e uma série de figuras que se projetaram na vida artística como Hidemburgo Doibal e até o Torquato Neto, que fez uma música sobre a rua, pedindo que ela não tivesse o nome mudado para São João.

PRESença — Josias, agora vamos passar para os tombamentos na cidade. Ali na Praça da Bandeira não deveriam ser tombados aqueles prédios?

JOSIAS — Eu acho que eles deviam ser tombados. São de grande valor histórico. Ali, perto do Museu do Piauí, havia o prédio do Fórum que foi totalmente descharacterizado com reformas, da mesma forma que outros prédios das proximidades. Todos os prédios em torno da praça da Bandeira deviam ser preservados.

PRESença — Na década de 60 houve a liberação sexual no mundo todo, e aqui, como foi?

JOSIAS — Um escândalo. Mas um escândalo não na época tinha repercussão muito maior do que hoje. O modelo Chanel foi dos primeiros a mostrar a mulher com seus decotes muito lindos, cinturas bem marcadas. Tudo em considerado provocação.

PRESença — E o comportamento de rapazes e moças?

JOSIAS — Rapazes e moças faziam um namoro mais platônico. Raramente ele pegava na moça. Só um cheirinho...

PRESença — Isto na vista do pai?

JOSIAS — Não. Eu estava

ao contrário (risos). Quando minha irmã Natália casou-se na década de 40, o noivo veio pedir na porta minha casa. Ai perguntaram-lhe: “Você tem conságrem de pedir filha do João Carneiro em casamento?” Ele respondeu, e com uma vintagem não veio bêbado. Os pedidos em felizes geralmente por intermédio um familiar ou uma pessoa amiga que levava uma carta pedindo mão — não era o corpo não, era só a mão (risos) —, então aquilo era amor platônico.

PRESença — E o entendimento época?

JOSIAS — Ah, esse penava, entendido da época em tido com portador de uma molestia infecção contagiosa muito grande. Fracassava, morava e as pessoas se afastavam. Tinha deles que possuíam uma certa projeção, de pessoas imprudentes. Esses eram exilados pelo país. A mulher era mais difícil, e largada sempre foi muito mais difícil de se ver. Homossexualismo sempre existiu. Isso é uma toxicez muito grande que vem da Grécia antiga. Antigamente não se falava disso, e no futuro todos serão androgínos. No ano 2.0 a homem não terá mais sexo. No meu livro eu citei um deboche contar por uma velha amiga que dizia a mim: “havia umas 20 a 30 milheiros em torno de uma árvore, alinhados os coros do cromos, provocado por um machado. E que elas tinham certeza que por ali passara um homem”.

PRESença — Josias, você é uma pessoa existencialmente feliz?

JOSIAS — Feliz. Eu realizei tudo o que quis, e não dou muita satisfação à sociedade não. O que deseja fazer eu faço. Agora, não que afrontar a sociedade. Atualmente vivo do magistério em Caxias. Leio no com muita dificuldade, e nem consegui um lugar ao sol aqui. Quer dizer, eu tentei na Universidade de Caxias, fiz uns “anexos”, e não fui bem sucedido.

PRESença — A Universidade está perdendo um pesquisador. E tão...

JOSIAS — Eu acho que deveria ter me aproveitado como pesquisador, mas é aquele problema... Se obrigado a viajar três dias por semana para dar aulas na Universidade de Caxias, porque nunca consegui uma vaga na Universidade local que está cheia de pernambucanos, cearenses, paraibanos. Não sou contado, que devem ser pessoas de valor, mas o certo seria aproveitar pessoal da terra. Não sou gênio, mas sou uma pessoa esclarecida. Mordia à parte entendendo um pouco de História, Geografia, Sociologia, acho que merecia ser aproveitado em nossa Universidade.

ESTRANHAS LÁGRIMAS

AUTOR - A. Tito Filho
Presidente da Academia Piauiense
de Letras.

É o título de célebre soneto de Félix Pacheco, publicado no livro "Via Crucis" (edição de 1900):

Lágrimas... Noutras épocas verti-as.
Não tinha o olhar exxuto como agora.
- Alma, dizia então comigo, chora,
Que assim minorarás as agoniias!

Ah! quantas vezes, pelas faces frias,
Umas, outras apôs, a toda hora,
Gota a gota rolando, elas, outraas,
Marcaram noites e marcaram dias!

Vinham do oceano d'alma imenso e fundo,
De espuma às ondas salpicando o flanco,
Numa treméncia amargurada e louca.

Nos olhos hoje as lágrimas estanço...
Rolam, porém, sem que as descubra o mundo,
Sob a forma de risos, pela boca!

A obra "Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro", de Andrade Muricy, reproduz a forma de produção poética de Félix, copiando-a do livro "Via Crucis" (2º volume - pág. 312 - edição de 1951).

Depois da publicação de "Via Crucis", Félix Pacheco, resolveu alterar o soneto. E publicou-o na revista Literatura, de Teresina, que circulou de 1912 a 1913. Eis-lo:

Lágrimas... Noutras épocas verti-as.
Não tinha o olhar exxuto como agora.
Alma, dizia então comigo, chora,
Que o pranto atoga e amala as agoniias.

Ah! quantas vezes, pelas faces frias,
Por mal do meu amor, que se ia embora,
Gota a gota rolando, elas, outraas,
Marcaram noites e marcaram dias!

Vinham do oceano d'alma imenso e fundo,
Ondas de angústia em suspiroso arranço,
Numa desesperança acerba e louca.

Nos olhos hoje as lágrimas estanço;
Rolam, porém, sem que as descubra o mundo,
Sob a forma de risos, pela boca.

Assim, o quarto verso do primeiro quarteto ("que assim minorarás as agoniias") passou a "Que o pranto atoga e amala as agoniias".

O segundo verso do segundo quarteto ("umas, outras apôs, a toda hora") sofreu esta modificação: "Gota a gota rolando, elas, outraas,"

O segundo verso do primeiro terceiro ("de espuma às ondas salpicando o flanco") foi alterado para "Ondas de angústia em suspiroso arranço,"

O terceiro verso do primeiro terceiro ("numa treméncia amargurada e louca") mereceu transformação: "Numa desesperança acerba e louca".

xxxx

Félix Pacheco, segundo depoimento de Félix Aires, forneceu a Laudelino Freire, para publicação em "Sonetos Brasileiros" (1913) a primeira versão, isto é, a

que saiu do livro "Via Crucis", também acolhida por Félix Aires nas obras "Os Mais Lindos Sonetos Piauienses" e "Antologia de Sonetos Piauienses", de 1940 e 1972, respectivamente.

xxxx

J. Miguel de Matos ("Antologia Poética Piauiense" - 1974) transcreve o soneto por esta forma:

Lágrimas... Noutras épocas verti-as.
Não tinha o olhar exxuto como agora.
Alma, dizia então comigo, chora,
Que o pranto diminui as agoniias.

Ah! Quantas vezes, pelas faces frias,
Por mal do meu amor, que se ia embora,
Gota a gota rolando, elas, outraas,
Marcaram noites e marcaram dias?

Vinham do oceano d'alma, imenso e fundo,
Ondas de angústia em suspiroso arranço,
Numa desesperança acerba e louca...

Nos olhos hoje as lágrimas estanço,
Mas rolam todas sem que as veja o mundo,
Sob a forma de risos, pela boca?

xxx

Como se vê, o quarto verso do primeiro quarteto não coincide com as duas versões anteriores, pois aparece em J. Miguel de Matos assim:

"Que o pranto diminui as agoniias".

xxxx

No mais, J. Miguel de Matos reproduz a forma publicada pela revista Literatura.

xxxx

A Revista da Academia Piauiense de Letras, de 1922, página 16, reproduz a mesma redação da revista Literatura.

xxx

Altevir Alencar encontrou no jornal "Poliantheia", da Associação Literária Curicana (hoje extinta), edição de 23-4-1932, mais modificações no famigerado soneto:

Lágrimas - noutras épocas verti-as.
Não tinha o olhar exxuto como agora.
Aconsellava-me a mim mesmo, chora,
Chorando ensinarás tuas agoniias!

Ah! Quantas vezes, pelas faces frias
Por um amor cruel que se ia embora,
Rolando, gota a gota, elas outraas
Marcaram noites e marcaram dias.

Vinham do oceano d'alma imenso e fundo,
Ondas de angústia em suspiroso arranço,
Numa desesperança acerba e louca...

Nos olhos hoje as lágrimas estanco.
Mas rolam todas, sem que as veja o mundo,
Sob a forma de risos, pela boca!

xxx

Observe-se que sofreram transformações, comparados com os anteriores, os seguintes versos:

- 1) Terceiro do primeiro quarteto.
- 2) Quarto do primeiro quarteto.
- 3) Segundo do segundo quarteto.
- 4) Terceiro do segundo quarteto.
- 5) O segundo do primeiro terceto está em desacordo apenas com a versão do livro "Via Crucis".
- 6) O terceiro do primeiro terceto também só está em desacordo com a forma de "Via Crucis".
- 7) O segundo do segundo terceto está em desacordo com as outras versões.

xxx

A Revista da Federação das Academias de Letras do Brasil, numa das suas edições (entre 1939 e 1940) publicou deste jeito o soneto, copiando-o do livro "Via Crucis", de Félix Pacheco:

Lágrimas... Noutras épocas verti-as.
Não tinha o olhar enxuto, como agora.
Alma, dizia, então, comigo, chora,
Que assim minorarás as agoniás!

Ah! Quantas vezes, pelas faces frias,
Umas, outras após, a toda hora,
Gota a gota rolando, elas, outrora,
Marcaram noites e marcaram dias!

Vinham do oceano da alma imenso e fundo,
De espuma às ondas salpicando o flanco,
Numa frenesia amargurada e louca.

Nos olhos hoje as lágrimas estanco...
Ralam, porém, sem que as descubra o mundo,
Sob a forma de risos, pela boca!

xxx

Félix Pacheco faleceu em 1935. Três anos antes do seu falecimento deliberou organizar o livro "Poesias", UMA SELEÇÃO DE VÁRIOS OUTROS LIVROS, como confessa o autor, no prefácio. Na Casa Anísio Brito há um exemplar - edição da Tipografia do Jornal do Comércio - Rio - 1932 - e nessa edição se imprimiram estes dizeres: EDIÇÃO DEFINITIVA. Esse exemplar traz dedicatória de Félix Pacheco, grafia da época: "À Biblioteca Pública de Therésina - off. Félix Pacheco".

Cópia do livro - edição definitiva, orientada por Félix, página 121:

Lágrimas... Noutras épocas verti-as.
Não fui de olhar enxuto como agora.
Eu próprio então me aconselhava: "Chora,
Que o pranto é um refrigerio às agoniás".

Ah! quantas vezes, pelas faces frias;
Melancolicamente, hora trás hora,
Gotta a gota rolando, elas, outrora,
Marcaram noites, e marcaram dias!

Vinham do oceano da alma, estranho e fundo,
Quentes, num debulhar sincero e franco.
Mal reprimindo a minha angústia louca.

Nos olhos, hoje, as eliminou e estanco.
Jorraram, no entanto, sem que as veja o mundo,
Sob a forma de risos, pela boca!

As alterações foram várias, como se pode observar.

- Segundo verso do primeiro quarteto:
"Não fui de olhar enxuto como agora".
- Terceiro verso do primeiro quarteto:
"Eu próprio então me aconselhava: Chora,"
- Quarto verso do primeiro quarteto:
"Que o pranto é um refrigerio às agoniás."
- Segundo verso do segundo quarteto:
"Melancolicamente, hora trás hora".
- Primeiro verso do primeiro terceto:
"Vinham do oceano da alma, estranho e fundo,"
- Segundo verso do primeiro terceto:
"Quentes, num debulhar sincero e franco,"
- Terceiro verso do primeiro terceto:
"Mal reprimindo a minha angústia louca."
- Primeiro verso do segundo terceto:
"Nos olhos, hoje, as eliminou e estanco,"
- Segundo verso do segundo terceto:
"Jorraram, no entanto, sem que as veja o mundo,"

xxx

Tenho esta última versão como a definitiva - a do livro do poeta publicado em 1932. Assim quis ele.

Visite, em Campo Maior - PI
o Museu do Couro
e o Monumento do Jenipapo

Eusébio — DA COSTA E SILVA — A Poesia de um Grande

autor — M. Paulo Nunes
Escritor e Ensaísta



Conta o romanista José Montello, em um de seus artigos, que um mestre espanhol, o professor Angel Ballmuena Prat, por ocasião do centenário do criador da dramaturgia espanhola - Calderón de la Barca, afirmou que existem três modalidades de centenários, na ordem das comemorações intelectuais: os de vanto, os de fogo e os de galo. Ou seja: de revisão, de culto entusiasta e de iria admiração.

Na comemoração do centenário da nascença do maior poeta piauiense - Du Costa e Silva, nascido na cidade de Amarante, aquela Estado, é de culto entusiasta o tun que se vem dando à efeméride.

Iniciadas com um ano de antecedência com duas sessões especiais no Senado Federal e na Câmara dos Deputados, além de um Seminário realizado em Teresina, todas as atividades vêm sendo coordenadas por uma comissão instituída pelo Governo do Estado, no âmbito da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, no sentido de dar a maior expressão possível àquele evento tão significativo para o povo e a cultura piauiense.

No cidade natal do poeta serão realizados vários atos oficiais alusivos à data, como a inauguração da "Pousada Velho Monge", numa homenagem à mais encantadora imagem do poeta sobre o rio Parnaíba, e de uma exposição de livros e fotografias de Du Costa e Silva, na "Casa Odilon Nunes", o museu da cidade.

É que se trata, não apenas do seu maior poeta, aquilo que tão bem sucede captar a vida e a alma do povo piauiense, sendo também da sua poesia mais popular, cujos versos são cantados nas aulas - como a letra do Hino do Piauí, de sua autoria, declamados nas academias de leturas, fixadas nas praças públicas e ora espalhados em antologias de cordel.

E não é para menos. Pela voz do poeta como que fala a própria natureza piauiense, como neste famoso soneto IV do *Sob outros céus*, do livro *Pandora*:

Eu sou tal qual a Parnaíba: existo
Dentro em meu ser uma tristeza inata.
Igual, talvez, à que no rio assiste
Ao refletir as árvores, no mato...

O seu destino em retratar consiste,
Parece... o rio tudo o que retrata.
De alegre que era, vai tornando triste,
No lindo espelho móvel de ouro e prata...

Parco até que o rio tem saudade
Como eu, que também sou desta maneira.
Saudoso e triste em plena mocidade.

Dói-se em mim o fenômeno sombrio
Da refracção das árvores da bura
Na superfície trêmula do rio...

Antônio Francisco Du Costa e Silva, nascido na rua das Flores, em um dos casarões de Amarante, a 23 de novembro de 1885. Foram seus pais Rodolfo Hermógenes Du Costa e Silva e Veneranda Angélica Santana de Oliveira e

Silva. Pertenceu pelo lado paterno a um dos velhos troncos familiares piauienses que remonta a José Antônio Da Costa e Silva, seu bisavô, imigrante português, de origem transmontana que se mudou para o Brasil no fim do século XVIII ou início do XIX, estabelecendo-se como comerciante e farrimutador em Aldeias Altas [hoje Caxias] no Maranhão. Ai veio a casar-se com Ana Carolina Violante Sodré Meneses Castello Branco e Silva, de uma antiga família surtancada e descendente do fidalgo português Francisco da Cunha Castello Branco e Silva, chegado ao Piauí em 1701. E a terceiro de uma prole de nove filhos. Seu pai, Rodolfo Hermógenes, era negociante e homem do campo, tendo exercido cargos eleitorais em Amarante e o da Capitão da Guarda Nacional.

A influência passou-se o poeta entre a fazenda e Amarante, desde cedo convivendo com a fauna rural que marcaria profundamente sua poesia.

Aos 14 anos lecionava as primeiras letras a meninos da vizinhança e aos 16 publicava suas primeiras composições poéticas na revista do Grêmio Literário Amarantino. Menino ainda, como nos contam suas biografias, e aqueles que de perto com ele conviveram, dedicou-se à escultura em madeira e à pintura, tornando-se conhecido como santo, como nos mostra em seu poema "O Carrossel Fantasma", já de feição modernista:

"Eu fui o mais feliz dos meninos do meu tempo:
gostava todo o direito das imagens que fazia
(já tinha o dom divino de um criador de imagens)
a dar voltas e voltas nos cavalos de madeira,
que galopavam automaticamente, fui o cavalo árabe..."



Por volta de 1900, Lúcio - como é chamavam pais e irmãos - concluiu, em Teresina, os preparatórios no Liceu Piauiense.

Em 1906 matriculou-se na Faculdade de Direito de Recife, onde conviveria com uma geração das mais brilhantes, incorporando-se à vida literária, boêmia e jornalística do Recife e privando

com seu grande amigo Augusto Rodrigues, com Carlos Lúcio Fernandes e com seus colegas da Academia Assis Chateaubriand e piauiense Christina Castello Branco. A este último, numa república da ruanda Aurora, ditaria o famoso soneto "Saudele" que, com lembraria mais tarde Christina Castello Branco, viu surgir famoso santo "quase de imprensa" do cérebro, dos lóbios, o coração de Du Costa e Silva". (1)

Para Alberto Da Costa e Silva filho do poeta e perfeito exegeta da sua obra, "a permanência da Costa, como estudante em Pernambuco marcou decisivamente a sua vida e a sua obra. Mas a formação do poeta já se fizera no próprio Piauí, onde lhe chegavam às mãos no início do século, os livros de Verlaine, Baudelaire, Francis Jammes, Mallarmé, Poe, Antero de Quental, Antônio Nobre, Cesário Verde e Cruz e Sousa, que seria poetas de sua predileção durante toda a existência".

E continua: "No Recife, uma nova influência se exerceu sob o espírito do jovem estudante, o pensamento evolucionista e federalista de Laurindo Leão, cujas ideias fizeram época na Faculdade de Direito e predominaram entre rappers como Carlos D. Fornadas, Orris Soares, Trajano Chacon, Antônio Carneiro Leão, Augusto dos Anjos, Emború Eu, viesse a ser publicado em 1914 quatro anos depois do *Sangue*

muitos de seus poemas foram escritos no mesmo período em que Du Costa e Silva compôs o seu primeiro livro e sob o signo da mesma influência: o pensamento de Laurindo Leão, a frase curta entraçada de Cesário Verde, o romântico de Antônio Nobre e Félix, o sarcasmico e o satanismo baudelaíriano, o angústia dolorosa e o misticismo puntista da Antero de Quental". (2)

O primeiro livro do poeta, *Sangue*, é publicado no Recife em 1908. É uma estreia auspiciosa. Rapidamente se esgota a edição e o último exemplar existente mostra da livraria foi daí retirado por um admirador de poeta que para isto quebrara o vidro e mostruário. Seu êxito foi prodígio por todos os contemporâneos e

poeta, o exemplo de Olegário Mariano para quem o sucesso do livro "foi um dos estruturas mais expressivas a que pude aplaudir na vida" ou Mário Rodrigues que assim se manifesta: "Quando procurei um irmão para o barão assombroso, diviso, apesar da distância do tempo, esse Alvaro de Azevedo, que aos vinte anos e na época era o maior dos poetas brasileiros". (3)

Ali lhe em tais pertence o soneto "Saúde", uma nova canção do cílio e no qual estão presentes os grandes temas da poética de Du Costa e Silva: o amor materno, a simpatia, o Rio Parnaíba, o sentimento do caído. Eis-lá:

Saúde! Olhar da minha mãe rezando,
E o pranto lendo deslikando em fio...
Saúde! Amor do minha terra... O Rio
Cuitéu de águas claras suculento.

Noites do junho... O cuburú com frio,
Ao luar, sobre o arvoredo, piando, piando...
E, ao vento, as folhas lívidas cantando
A saudade imortal de um sol de estio.

Saúde! Asa de dor do Pensamento!
Cemidos vilos do caminhão ao vento...
As mortalhas de náufragos sobre a areia...

Saúde! O Parnaíba - velho moço
As barbas brancas alongando... E, ao longe...
O rugido dos bois da minha terra...

Apesar de ter sido um livro de estréia, nelo estão presentes as qualidades mestras que marcarão o obra poética de Du Costa e Silva.

Para Darcy Damasceno Sangue, sendo um livro Simbolista, "revelava um artista curioso por outras possibilidades expressivas." E acrescenta: "Se a temática o prende aos moldes gráficos, não chega a levá-lo a cega subordinação; ao contrário, limita-se a alguns tópicos de tratamento universal, como a sciéncia, o infinito, o eterno, a contemplação". Simbolista, "existe a exageração cultista, o rebuçamento gratuito". Escrivendo sob a ascendência do pensamento munito e Irenomênito", depõe Alberto De Costa e Silva, "transforma o que poderia ser um otimismo rosa naquela expressiva do 'Cântico do Sangue' com sua fluidez musical e seu colorido vocalico". (4)

Em Sangue estão também incluídas composições definitivas do poeta como o já citado "Saúde" ou os dois sonetos de Matos, o cílio "Rio das Garças" pelo qual sempre manifestou a mais viva predileção.

Na verde catedral da floresta, num coro
Triste de cantochão, pelas naveas da mata,
Desce o rio a chorar o seu pôrptimo choro...
E o amplo e fluido lençol das lagrimas desata...

Caudaloso a rolar, desde o seu nascedouro,
Num rumor de orações no silêncio da oblaia.
Ao sol - lembo um rocal todo irizado de miro,
Ao luar - rendas de lux com vidrilhos de prata.

Alvés garças a pior, arrepiadas de frio,
Seguem de aberto olhar a vitrua correnteza.
Pendem ramos em flor sobre o espelho do ria...

E o Parnaíba, assim carpindo as suas magosas,
- Rio da minha terra, ungido de tristeza,
Refletindo o meu ser à flor móvel das águas.



quando do aparecimento do Livro proclamou no Jornal *A Época*, as alusões qualificadas dessa poesia:

"Du Costa e Silva encontra, na sensação imediata das coisas, forte messa de idéias e sentimentos pessoais que exprime revestidos de uma forma tão impressiva que as próprias palavras lhe brotam emotivamente com uma opulenta e maravilhosa espontaneidade.

A sua atitude é sempre a de um espectador voluptuoso das belezas da Universo."

E acrescenta: "Sente-se que tem uma infinita alegria, serena e sôbria em conduzir-se comunicativamente com o vasto canário do mundo. Sem nenhuma preocupação ética ou espírito de lógica metafísica, mas com uma impetuosa fúria de dar valor verbal ao que vê e ao que sente, ele é bem um refletor de toda essa beleza ótica que, diante de sua retina maravilhada avulta de formas novas que movimenta com um vivo sentimento do ritmo e anima de um colorido quente e forte como a dos pintores impressionistas."

E Antônio Salles, em 1919, julgamento abrangente sobre o poeta: "Quem conhece, como eu, a obra de Du Costa e Silva, há de afirmar conigo que entre os candidatos à sucessão da gloriosa triade dos grandes poetas pioneiros - Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac - ele é um dos que melhores esperanças dão à poesia nacional". (5)

Conhecedor profundo da nossa natureza e perfeito intérprete de usados significativos da fauna e da flora piauiense, o poeta que com este livro representar os trabalhos e os dias dos homens de sua terra. A memória popular se fixou em sonetos como "A Moenda" que talvez pelo seu valor onomatopeico seja o de maior presença na tradição popular".

"Amarante", "A Boisa", "O Ahoio" que exprimem as imagens mais vivas da terra natal:

AMARANTE

A minha terra é um céu, se há um céu sobre a terra:
É um céu sob outro céu tão límpido e tão brando,
Quem eterno sonho natal parece estar sonhando
Sobre o vale natal, que o sol é luz descortina...

Que encontro natural o seu aspecto encerra!
Junto à paisagem verde, a igreja branca, o bando
Das casas, que se vê, pouco a pouco, apagando
Com o nuovo perfil nostálgico das serras...

Com o seu povo feliz, que ri das suas próprias mágoas,
Entre os tristes rios, lembrar uma ilha, alegre e linda,
A cidade serrando aos escudos das águas.

Terra para eu amar com o grande amor que eu tenho!
Terra onde tive o berço e do ondo espero ainda
Sete palmas de glória e os dois braços de um lenho!

Em 1917, quando Zodáco ainda se achava no prelo, o poeta vai ao *Correio da Manhã* levar um artigo, tornando-se conhecimento da morte de Verhaerlen, poeta que profundamente o marcara. Tomada de súbita emoção, senta-se à mesa mais próxima e compõe de um jato o longo poema "Verhaerlen" que a revista *Apolo* editaria.

Em 1919 aparece *Pandora*. É livro de literatura clássica, unindo os temas gregos aos do seiscentismo português, com o que o poeta procura retomar as raízes de nossa cultura.

Tristão de Athayde e João Ribeiro saúdam-no como um grande livro. Para este os melhores do livro são os amigos da "Elegia", justamente os mais tocados pelo aspirito grego.

Para Tristão, um artigo primoroso, reproduzido no livro *Contribuição à História do Modernismo*, em 1939, "a técnica segura do Sr. Da Costa e Silva dá-lhe ao livro uma harmonia afeita, feita de pureza e de beleza. Não procura prender-se a uma escola ou tendéncia, abrindo o espírito à atração da carne, às evocações mitológicas, às coisas simples da natureza, à emoção de um indefinido saudade, à virtuosidade no engenho e na expressão."

Para concluir: "Terminam o livro alguns vilancetes e outros sonetos à maneira de L. Francisco Manoel de Melo, onde o poeta revela o poder de sua virtuosidade, gosto e conhecimento de versículo."

"Vemos, assim, que o Sr. Da Costa e Silva é um verdadeiro poeta, de técnica segura, de inspiração discreta, de gosto, e que raramente se deixa vencer pelo artifício."



Após o nascimento do terceiro filho e com virtude de complicado consequência do parto, m. Alice, deixando o poeta mergulho no mais profundo. Alinha-se do convívio de todos os poucos vai retomando dolorida serenidade.

Em meados de 1921 parte para São Luís do Maranhão, e Delegado Fiscal do Tesouro. Maranhão traz inúmeros vexos. Plauí rever os amigos e as cidades da terra natal.

O Maranhão parte para o Rio Janeiro, em 1923, e al demora um ano, retorna novamente ao Maranhão, de volta ao Rio de Janeiro, em 1925.

No Rio publica, em 1926, "Verônica", o livro escrito sob impacto da perda de Alice e anos de maguada vivas.

"O poeta acha elegância e destino. Antes procurar espiritualizar a terra, o mundo, os sertões de Amarante, continuar a ver-se espelhado no Parnaíba. Agora, sem abusar o sentimento da proximidade da ausência (no caso significado a morte da bem-amada) sabe-se próprio riso e oscila entre car como poeta ou lastimável inutilidade da dor humana." (8)

Agora é natureza que o poeta associa à dor pela perda amada, como se vê em "O Eta Mistério."

Novamente em Minas Gerais, transferido pelo Ministério da Fazenda, nessa época a publicação de *Pandora*. Como ocorre em Parnamáhuco, estava profundamente vinculado aos seus novos intelectuais aproximando-se de figuras como José Oquendo de Araújo, diretor do *Diário de Minas*, de Francisco Campos e substituto de um grupo de escritores e poetas jovens, cuja vocação literária estimuladora, como Abílio Renaut, Anita Mochado, Emílio Moura, Mário Cesarino, Milton Campos, Carlos Drummond de Andrade, ao lembrar a predileção do poeta pelos versos de Abílio Renaut, evoca os seus dílos irônicos como aquela passagem em que afirmava a rir que preferia ter nascido no Plauí pois o Maranhão só não comportava outro grande artista, depois de Gonçalves Dias. (7)



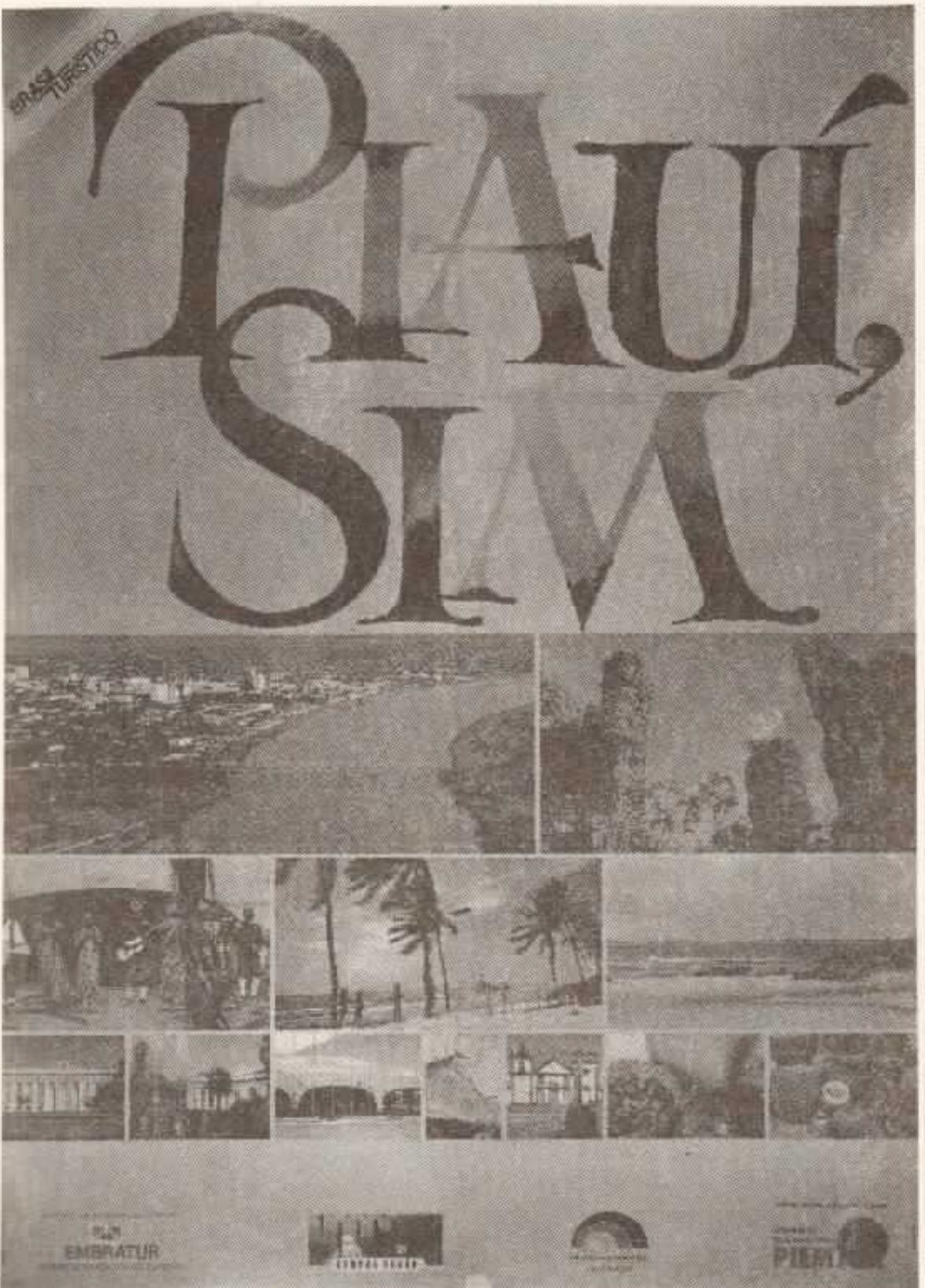
Desde a tarde violacea um que parte
Para tão longe, pura não sei onde,
Eu vivo a interrogar, calado e triste,
A natureza que me não responde.

Falo à estrada no espaço, à flor na fruta
A perguntar em vão se o céu existe;
E tudo que a luz mostra e a treva escuta
A voz da minha simpática rosinha.

Se há um mundo divino, além do hum
Indago, e o vento, as águas, a urvare
Têm o mesmo mistério soberano...

A vida não revela esse segredo,
Que a morte oculta num embrião arca
Que enche os homens de dúvida e de

Após a publicação de *Verônica* o poeta segue para Manaus a fim de tomar posse no cargo de Delegado Fiscal do Tesouro Nacional no Amazonas e no Acre.



Mostra de
CINEMA
piauiense.



HERBERT PARENTES FORTES, DIAS 20, 21 e 22 / MARÇO 86

PROMOÇÃO: SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO
CENTRO ACADÉMICO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/UFPPI - EMURAFILME

Literatura
1

MANUEL BANDEIRA Dois momentos

Maria Figueiredo dos Reis:
Professora de Literatura Brasileira da UFPI

MANUEL CARNEIRO DE SOUSA BANDERA
FILHO é o nome completo do autor de Estrela da Tarda. Nasceu em Recife, a 19 de abril de 1886. Faleceu, a 13 de outubro de 1968, no Rio de Janeiro. 1986 é o ano do centenário daquele que nasceu com uma "estrela da vida inteira". Ele, que se viu condenado à morte aos 18 anos, ameaçado pelo estigma da tuberculose, viveu nada menos de 82 anos, dos quais 50 foram dedicados ao culto da poesia. Este nosso trabalho foi escrito em 1978. Não foi publicado, como se pretendia, para comemorar os 10 anos da morte de Bandeira. Sai, agora, para festear os cem anos de vida do Poeta.

No nosso estudo sobre a poesia de Manuel Bandeira, consideramos dois momentos, a partir das obras analisadas. O primeiro denominado UMA NOTA DE TRISTEZA. Aqui estudaremos A CINZA DAS HORAS, CARNAVAL e RITMO DISSOLUTO. O segundo momento chamamos de LIBERTAÇÃO E FUGA, onde analisaremos os livros LIBERTINAGEM, ESTRELA DA MANHÃ, ERA DOS CINQUENTÁNOS, BELO BRÉU e OPUS 10.

I. UMA NOTA DE TRISTEZA

Nesta leitura das primeiras produções de Manuel Bandeira procuramos penetrar, o melhor possível, neste ânimo de poeta, quando ensaiava publicamente seus primeiros versos. Bandeira já andava pela casa das trinta anos, quando nos deu a A CINZA DAS HORAS. Tendo escrito versos desde muito cedo, já uns dezenas anos publicara, no Correio da Manhã do Rio de Janeiro, um soneto em alexandrino e poesia, sem observar uma seleção cronológica de suas produções, publicou: A CINZA DAS HORAS (1917), CARNAVAL (1919), e RITMO DISSOLUTO (1924), obras que constituem, no plano da nossa leitura, o primeiro momento público de Bandeira.

Em A CINZA DAS HORAS encontramos composições datadas do ano de publicação da obra, ou lado de outras escritas desde 1906 (A Beira Dágua, Seminário); ou de 1907 (A Arca, D. Juan, Mancha). O mesmo ocorre em CARNAVAL, onde alguns sonetos (O Súculo - 1912; A Ceu - 1907; Verdes Mares - 1908)



MANUEL BANDEIRA
Desenho de
Luis Lacerda, 1945

misturam-se com versos escritos em 1919. No RITMO DISSOLUTO aparecem poemas ainda datados de 1913 (Mar Bravo, Carinho Triste).

Embora não tenha havido por parte do poeta uma apresentação dos seus trabalhos numa ordem sequente de composição, é importante notarmos, desde A CINZA DAS HORAS, os primeiros fugas de influências sistemáticas dos estilos "pau-sabistas". Muita embora, ainda aqui, presa aos cuidados da cima, usava o poeta o ritmo livre, em poemas como "Paisagem Noturna", "Ruço". Em CARNAVAL, a desacostumada com a rima e o metro, registrada no poema "Sonho Da Uma Turca-fura Gorda", só vai completar, em RITMO DISSOLUTO, quando o encontramos inteiramente livre, original, de próprio, no domínio total de sua arte.

Nessa etapa inicial de sua obra, o tono poético de Bandeira mistura-se com o sabor das lâgrimas primavrais, e aquela melancolia que envolve o canto do poeta e os deixa tristes, chansardres, quites.

A nota triste que predominia nos poemas contidos nos três livros em estudo é constante. A partir dos títulos das poesias ela se faz presente: Desentanto, Runúnici, Desesperanço. Já no poema "Epígrafe" com que Bandeira abra o seu primeiro livro, ele nos diz:

..... Menino,
..... Menino;
Fui, como os demais, feliz.
Depois, veio o meu destino
E fui de mim o que quis.

O que lhe teria feito o "meu destino" está cantado em verso que completa o primeiro momento poético de M. Bandeira, traduzido numa nota da tristeza. Assim, logo no poema seguinte, ele nos pede:

"Fechou o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto."
(Desencanto)

E o próprio Autor que nos aconselha a não seguir na leitura da sua A CINZA DAS HORAS, se é que não temos motivo para chorar. Assim nos prepara para o que iremos encontrar nos poemas seguintes, quando conclui o seu "Desencanto" com o prognóstico do verso:

"Eu faço versos como quem more.".

Não foi apenas o "meu destino" que lhe fez o que quis, também o "meu vento" gozou, com o destino, das suas "Versos Escritos Nós".

"Meus pobres versos como viram!
Pra isso fiquem esquecidos
Quando o meu vento os atirou."

O amor para o poeta é igualmente motivo de tristeza, pois é apenas Chama e Fuma:

"Amor, fogeira fuma a ardor!
Amor — chama, a, depois, fumaça...
E, diante do amor, o poeta faz uma Confissão:
... buscas, halucino e me ambarado."

A hora do amor é abstrata, existe apenas no pensamento, no sonho que chega a ser mítico, mas na sua Rota Espiritual, ele nos deixa interrogativos, quando afirma:

"E te amo como se ame um passarinho morto."
Ainda sobre o amor, Manuel Bandeira conclui:
..... que isso de amar
No fundo é amargo e triste o dôr maior do que tudo."
(Manchia)

Então, o poeta continua a ver em tudo:
"Desencanto"
"Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto..."

"Desalento"
"Lembrança amarga do meu passado.
Como ela pungo! Como ela dói!
Porque hoje o vejo mais desolado,
Mais desgraciado do que ela foi..."

"Desesperança"
"Minha respiração se faz como um gemido.
Já não entendo a vida, e se mais a aprofundo,
Mais a descomprendo e não lhe acho sentido.
Sinto que a minha vida é som som, sem objetivo...
Ah, como dói viver quando faltou a esperança!"

Já em "Defírio pergunta com desânimo, desesperança, desalento:
"E mortos eu desamparo e sem conforto?...
Como a casa é deserta! E como a tarde é fria!
Plange cada vez mais o soluço do vento.
E parece sair da minhulma sombria.
Desdúlio... Desesperança... Desalento..."

Há nos cantos de Manuel Bandeira uma tristeza plena alcançada, pouco a pouco, através da ironia própria, uma linguagem especial, conduta por um vocabulário escolhido, onde tudo é suave, calmo. Isto, lento, escuro, muiado, silêncio, diafano, úmido, amargo, dolorido... Quanta má traduz o autor de A CINZA DAS HORAS,

"Aquele curva, o vão torvo.
O meu destino aquela curva!"
(Ruço)

Para pintar a natureza, prefere o poema momentos que nos levam Aquela incusa, aquela profunda melancolia.

"MORRE A TARDE. Era no ar a divina fragrância
Fura, a mortisca luz do crepúsculo urda.
Na Árvore, no ocaso o no azul da distância.
Morre a fúria..."
(Enquanto Marrem as Rosas)

A morte é sempre uma lembrança presente embora o Autor procure vê-la, quase sempre, relativamente ao letitório, talvez exactamente porque perceba o seu poder, apreendendo-o.

"A morte a surpreendeu um dia que sonhava.
(Inscrição)

"A duas gurupés passara já seu surgiu.
— Era só eu, e morte era uma menina."
(Elogio Para Minha Mãe)

A própria natureza também morre na poética M.H. Assim em "Cantileno":
"O dia morre. Cheiou tanto!"

Em "Cropiastula da Outono":

"As flores morrem. Toda a rulva entra o murcha"

Ainda em "Cantileno", toda a imensa e encantadora pelo poeta transborda, quando ele diz:

"Minhalmo é um menino doente
Que a cada acidente sua em vila."

O poeta que nos aconselhava a não confundir revolucionário com A CINZA DAS HORAS, encontra seu primeiro livro de versos com uma lição: "Renuncia"

"Enquanto estás tu tristeza incisa.
E pede humildemente a Deus que a faça
Tua doce e constante compaixão..."

"Tão contrastado pelo sentimento de felicidade
Que os penetrava. Um lento, suave júbilo

"Tão contrastado pelo sentimento de felicidade
Que os penetrava. Um lento, suave júbilo
Que os penetrava... Que nos penetrava como uma
espada de fogo...
Como a espada de fogo que apunhalava as santesas
antáticas!

E a impressão em meu sonho era que eu estávamos
Assim de negro, assim por fura inteiramente de negro,
— Dentro de nós, ao contrário, era tudo claro e
luminoso!"

(Sonho da Uma Terça-feira Gorda)

Pois, já no "Poema De uma Quarta-feira da
Cinzas", o nosso Pierrot não sonha mais e, na verdade
"Nublada a vista em pranto inútil,
Dolorosamente ele possa.
Veste-o uma túnica inconsolável,
Feita de amnho e de desgraça."

Depois não mais a simbólica figura de Pierrot,
mas então o próprio poeta procura alguém que possa
ouvir a sua "Confidência" que, sendo segredo, deve
ser dito ao ouvido:

"Em suas mãos de morto, ô minha Noite escura!
Aperfeiçoar as minhas mãos geladas. E um repouso
Eu te diria na noite a minha desventura
E tudo o que em mim hú de grave e curinhoso."

Também presente no seu CARNAVAL, "A Dama
Branca" que o acompanha "Há tantos Aves", e que
"Na minha vida sem lei num rai
Sorriu-me em todos os desenganos.

"Essa constância de uncos a fio,
Sutil, captara-me. E imagina!
Por uma noite de muito frio
A Dama Branca levou meu pai."

Finalmente encontramos o "Epílogo" do
CARNAVAL feito apenas de tristezas, pois o poeta já
nos havia dito ser:
"— O meu carnaval sem nenhuma alegria..."

RITMO DISSOLUTO

O travoz amargo das tristezas se faz sentir
ainda nos cantos de RITMO DISSOLUTO, ensaiados
naquele mesmo tom doce, suave, de tão grande beleza,
conseguido, como nos poemas anteriores,
através de uma linguagem especial, de um
vocabulário próprio. Para perceber o ritmo real dos
poemas de M.B. você precisa suavizar a voz e,
lentamente, da maninha, ir traduzindo a melancolia,
a dor, a tristeza, ou o desencanto deste poeta. A

CARNAVAL

É ainda a tristeza a nota dominante no poeta de
CARNAVAL. A presença das figuras simbólicas de
Pierrot, Arquim e Columbina é marcada pelas
lágrimas de Pierrot que perdeu sua Columbina,
levada por um Arlequim

"TORNA A MEU LETTO. Columbina!
Não procurem em outros braços
Os requintes em que se afiou
A vadiaria dos meus braços."
(Pierrot Místico)

Quantu ironia no destino de Pierrot! Ter que
dividir sempre o amor de sua Columbina.

"O seu desencanto não tem um fim.
Pobre Pierrot! Não lhe quisiras assim.
Que são tais amores?... — Ingenuidade
E o gesto de buscar a própria dor.
Ela é de dois?... Pois aceita a metade!
Que essa metade é talvez todo o amor
De Columbina..."

Até onde se identificam Pierrot e Manuel
Bandeira, não o sabremos dizer, mas o poeta nos diz
que pretende com esta obra compor

"Um carnaval todo subjetivo:
Um carnaval em que o só motivo
Fosse o meu próprio ser interior..."
(Epílogo)

Novamente o lirismo triste se vai repetir nos
versos de Manuel Bandeira. Ainda aqui, uma poesia
suave, leve, rincos, que precisa ser lida em tom
conveniente, comedido. E como um susurro o canto do
Senhor Manuel Bandeira. Tão perfeitamente diverso,
mas intencionalmente oposto ao grito ressonante,
forte, vibrante de Castro Alves. No ponto brilhante, uma
poesia para despertar, no poeta pernambucano,
uma poesia para acalentar.

"ES NA MINHA VIDA como um luminoso
Poema que se lê comovidamente
Entre sorrisos e lágrimas de gato...

— Um poema luminoso como o mar,
Aberto em sorrisos da impura, onde as velas
Fogem como garças longínquas no ar...
(Hiatus)

A felicidade em CARNAVAL aparece apenas
quando, em sonho, Pierrot, agora fantasiado de
Domínio, encontra sua Columbina também de Domínio
fantasiada

"Tão contrastado pelo sentimento de felicidade
Que os penetrava. Um lento, suave júbilo

inspiração lhe chega em quadros vivos da natureza, exatamente quando o momento é de tristeza. E, sem desespero, mas em agonia, M.B. confessou:

"E enquanto a mansa turde agonia
Por entre a neve fria do mór
Toda a minhaima foge na brisa:
Tenho vontade de me matar!"

Oh, ter vontade de se matar...
Bem sei é cousa que não se diz.
Quo mais a vida me pôr dar?
Sou tão fidi!
— Vem, norte mansa... —
[Felicidade!]

Ainda a desesperança e aquela idéia do suicídio se repetiu em "Mar Bravo"

"As minhas chãeras humíidas,
Meus velhos údios de iconoclasto,
Quandim-se absortus diante da vasta,
Pérfida vaga que tudo arrasta,
Mar que intimida!

Como te invejo! Dentro em meu peito
Eu trago um pântano insatisfeito,
De curvopidas desesperanças..."

Depois, a certeza da proximidade da morte que chegou naturalmente, embora assim não tivesse ser

"A NOITE... o silêncio...
Se fosse só o silêncio!
Mas estu queda dágoo que não pára! que não pára!
Não é da dentro de mim que ela fui? seu piedade?...
A minha vidu foge, fogu — o sinto que foge inutilmente!"
(Noturno da Moscô)

Em RITMO DISSOLUTO M.B. volta a ser menino. O Menino Deente:

"— Deidi, vhi-te enhora!
— Deixu o meu filhinho
— Dorme... dorme... meu..."

Um menino em busca de um brinquedo, de um balão:

"Ela, fui subindo...
muito serenamente...
para muito longe...
Não chiu na Rua do Sabão.
Caiu muito longe... Caiu no mar. — nas águas
puras do mar alto."
(Na Rua Do Sabão)

Um menino querendo "Baldezinhus",

"O Vendedor infatigável apregoa:
— "O melhor divertimento para as crianças!"

E em torno do homem loquaz os menininhos pol fazem um círculo inominável de desejo e espanta.

Mas agora os vendedores são "Os Men

Cavoeiros" que trabalham como se brincassesem

"Adoráveis carvoarinhas que trabalhais com

brincasgas!

Ei, cavoeiro!"

Confuso, o menino cresceu; cresceu, continuou doente, continuou desejando um brinquedo talvez um brinquedo impossível,

"Oh, viver contigo!
Viver contigo todos os instantes...

Vivermos juntos, como seria viver a verdadeira vida
Harmoniosa e pura,
Sem lastimar a fuga irrecorável dos anos,
Dos anos lentos e monótonos que passam,
Esperando sempre que maior ventura
Viesse um dia no beijo infinito da mesma morte..."

(Na Solidão das Noites Úmidas)

Finalmente o nosso menino/poeta consegue desvendar os segredos da vida, cantando-nos "estrada", onde descobre que:

"Nas cidades todas as pessoas se parecem.
Todo o mundo é igual. Todo o mundo é tida a ge-

En quanto que no campo:

"Cada criatura é única." —
E descobre um segredo maior, o segredo da vi-

Descreve que, quer na cidade, quer no campo:

"Que a vida passa! que a vida passa!
E que a morte não vai acabar!"

Finalmente lhe resta na vida apenas um "Coro Trites", um carinho que ninguém quer, porque ninguém quer aquela

"Tristeza da criança que se deve afagar e acalmar.
(A minha tristeza também!...)"

Toda a tristeza do mundo, somado à tristeza

criança, se traduz nos versos de Manuel Bandeira.

(Continuação no próximo número)

Paranaguá: Conselheiro de Estado

No regime monárquico-constitucional brasileiro o Imperador era o chefe nato do Poder Moderador e as suas decisões saíam sempre com a co-responsabilidade intelectual de uma elite de conselheiros por ele escolhidos. Como Imperador constitucional.

Dom Pedro II contava, pois, com seu Conselho de Estado Pleno que, quando convocado, reunia-se na Imperial Quinta da Boa Vista, bairro São Cristovão, no Rio de Janeiro, habitualmente à noite,

Oswaldo Lemos. Jornalista, pesquisador e escritor

Durante o Império, de 1822 a 1889, funcionaram, assim, três Conselhos: o Conselho de Procuradores Gerais das Províncias do Brasil, de 1822 a 1823; o primeiro Conselho do Estado, de 1823 a 1834 e o segundo Conselho de Estado, de 1842 a 1889 — este, também, conhecido como Terceiro Conselho de Estado ou, simplesmente, Conselho de Estado Pleno.

Às vésperas da queda da monarquia, 1889, praticamente não havia assunto de maior preoccupation política, econômica ou social, que não merecesse a pronto, competente e expositiva apreciação dos conselheiros do Império.

O paranaense João Lúcio da Costa Paranaguá acumulou por quase dez anos o mandato de senador pela Província do Paraná, com as atribuições de membro do Conselho de Estado Pleno. Aqui é importante lembrar que a última reunião do Conselho, realizada no Paço Imperial, às primeiras horas da manhã do dia 10 de agosto de 1889, teve sua ata lavrada por Paranaguá, como Marquês.

Sua entrada como Conselheiro ocorreu na sessão plena do dia 16 de setembro de 1880, quando estava

em exame um projeto de lei no qual se refundia, com algumas alterações, a Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, sobre terras devolutas.

A lei de 1850 proibia as aquisições de terras devolutas por outro título, que não fosse o de compra, com exceção das terras situadas nos limites do Império com países estrangeiros, que podiam ser concedidas gratuitamente. O primeiro artigo do novo projeto autorizava o Governo a dispor das terras devolutas, vendê-las, afirmando-as ou concedendo-as a título-gratuito.

Paranaguá, expondo o seu voto ao Imperador, disse que o projeto era de grande importância, visto como as alterações propostas pela Lei nº 601, tendiam a facilitar o aproveitamento e cultivo dos terrenos devolutos, ampliando os meios de adquiri-los. A lei que se pretendia modificar proibia semelhantes aquisições por outro título que não fosse o de compra. A população brasileira era ainda muito pequena e achando-se espalhada em uma vasta superfície, resultava em que excelentes terrenos se conservavam incultos, não havendo quem os quisesse comprar. O Estado não devia, com relação a

semelhantes terrenos devolutos, proceder como avarento, mais preocupado em guardar os seus tesouros do que em utilizá-los. Paranaguá reconhecia, portanto, há 106 anos, as condições básicas de uma reforma agrária.

A sessão do dia 25 de setembro de 1880 teve início com o presidente do Conselho de Ministros José Antônio Saraiva, lembrando as palavras da Fala do Trono, que abriu a Assembleia Geral naquele ano: "A substituição do sistema eleitoral vigente pelo de eleição direta continua a ser uma medida instantemente reclamada. Para esse fim o Governo oferece a essa consideração o projeto da reforma eleitoral. Confio de vossas lazes e patriotismo que ditarão o País com uma lei que possa contribuir eficazmente para a verdade no nosso sistema parlamentar".

Saraiva defendia o projeto eleitoral como proposta fundamental do seu Governo, e que lhe fora preparado, sob encomenda, pelo deputado Rui Barbosa. "A questão de formularia respeito à inauguração do novo regime eleitoral — lembraria mais tarde Rui Barbosa — mediante reforma constitucional ou lei ordinária. Cun-

pria-nos aceitar a forma, fosse qual fosse, contanto que se salvasse a sustância; era que, fosse por constituinte, fosse por lei ordinária, o nosso empenho definitivo e essencial consistia na eleição direta".

Paranaguá fez ver ao imperador que, diante do parecer unânime dos Conselheiros que o precederam (Abaeté, Muritiba, Jaguari, Dias de Carvalho, Teixeira Júnior, Rio Branco, Bom Retiro, De Lamare Prados) julgava dispensável desenvolver as razões do seu voto, que também era favorável à convocação extraordinária da Assembleia Geral, a fim de resolver-se, definitivamente, a grave questão da eleição direta, cujo projeto, iniciado na Câmara dos Deputados, pendia de decisão do Senado, estando já formuladas, segundo comutava, as respectivas emendas. A necessidade de uma solução, qualquer que ela fosse, era patente.

Rara vez a urgência de uma medida daquela ordem se manifestara tão justificada e terminante. Tratava-se de uma reforma vital para o nosso sistema eleitoral que chegara ao último estágio da desmoralização.

O sistema eleitoral dos dois graus ou da eleição indireta, prevalecera no Brasil de 1826 a 1878. De 1878 a 1881, da 16ª à 17ª legislatura, tivera lugar a lei do terço, que assegurava a representação das minorias, votada em 1875. A Lei Saravia, então examinada pelo Conselho de Estado, quatro meses depois estaria promulgada, com o número 3.029, de 9 de janeiro de 1881, quando o País passaria a contar com o sistema de eleições diretas.

Em dezembro de 1882 o Visconde de Paranaguá constipouceu no Conselho de Estado Pleno, não na qualidade de Conselheiro, mas como Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda e Presidente do Conselho de Ministros. Estava em apreciação o controle da varíola com caráter epidêmico no Rio de Janeiro, e em algumas Províncias, como Maranhão, Rio Grande do Norte, Bahia, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, obrigando o Governo Imperial a aprovar despesas autorizadas pelos respectivos presidentes de Províncias e autorizar outras com o fim de minorar os efeitos da epidemia e socorrer as populações indígentes.

A Junta Central de Higiene Pública, da Inspeção de Saúde do Porto do Rio de Janeiro e os presidentes das Províncias mais afetadas já haviam conseguido do Governo diversas medidas, como a abertura de hospitais afastados dos centros populacionais, criação de maior número de postos vacinicos, e comissões de médicos e farmacêuticos para várias localidades.

As despesas impostas pela necessidade de tais medidas vinham sendo realizadas e autorizadas pela verba "Socorros Públicos", já esgotada com a sobrecarga resultada dos gastos extraordinários provenientes da epidemia. Foi um dos problemas mais sérios, de âmbito social, enfrentados pelo Gabinete Paranaguá, nesse período.

Em 28 de abril de 1883, a reunião do Conselho contou com a presença do Visconde de Paranaguá, ainda na qualidade de Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda e Presidente do Conselho de Ministros. Estava em apreciação o problema mais grave, de conotação política, enfrentado na Corte, pelo Gabinete Paranaguá.

Desde o dia 6 de janeiro daquele ano, datada posse dos seus titulares, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro poucas vezes havia feito sessão, e quando isso acontecia, o tempo era consumido em polêmicas entre vereadores, que algumas vezes quase chegavam ao pugilato, tomado parte os espectadores e levantando-se as sessões tumultuosamente.

O presidente da Câmara vinha solicitando a intervenção da força pública, e esta não lhe tinha faltado. Por ordem do chefe de Polícia, durante as sessões algumas praças, comandadas por um oficial do Corpo de Polícia, ficavam à disposição do presidente. Mesmo com a presença da força, o presidente não vinhava conseguindo manter a ordem, e as sessões, quando não deixavam de existir pela ausência abusiva dos vereadores, eram perturbadas pela anarquia.

A situação da Câmara Municipal da Corre estava prejudicando os interesses do município, escandalizando e desmoralizando a instituição, obrigando o Governo a tomar medidas energicas.

O Conselheiro Lafayete foi quem emitiu o mais longo e judicioso parecer a favor da dissolução da Câmara. Para ele a eleição das Câmaras Municipais pelo voto uninominal fizera o ensaio de um sistema praticamente desconhecido; se a primeira experi-

ência por si já o condenava, po não derrogá-lo no nascedouro?

Uma das mais longas justificações de voto feitas pelo Visconde Paranaguá, foi a análise em expunha ao Imperador a sua felicidade ao projeto encarregado rever e classificar as rendas gerais provinciais e municipais do Império. Naquela sessão de 7 de agosto de 1881, buscavam-se meios, entrais o de cobrir o déficit preso no orçamento geral do Império.

Antes de tudo, era dever da administração do Estado observar mais prudente e rigorosa reservas dispendio dos dinheiros públicos primando em restringindo as vias de certos serviços que podiam adiar, reduzindo pessoal da partidas da Fazenda de algas Províncias, como o do Piauí, o movimento comercial e administrativo muito diminuto.

Em 1883, dois quesitos apresentados pelo Ministério de Estados, relativos às reclamações brasileiras, foram objeto de discussão no Conselho de Estado. O primeiro cogitava se o Governo Imperial abandonaria, como infundadas, as clamações brasileiras, provenientes da captura de navios brasileiros cruzadores britânicos, e da sua denúncia baseada no fato de se a tem tal navios equipados para comércio de escravos. O segundo perguntava se era aceitável o alívio proposto na segunda instância, de retirar cada um dos governos as suas reclamações, e regando-se de indemnizar os reclamantes como entendesse, tendo o Mérito dos Estrangeiros de considerar o exame de tal alívio, se ele é prometido de algum modo as decisões feitas pelo Brasil contra o "Aberdeen".

O Visconde de Paranaguá é ao Impedidor que estava de acordo com a maioria dos seus pares, não via motivo de divergir deles, vez que o voto separado havia deprimido as considerações referentes aos direitos de soberania nacionais e subsistentes as declarações

protestos do Brasil contra a promulgação do Bill Aberdeen e contra todos e cada um dos fatos praticados em virtude do mesmo. Não se podia excluir em sua totalidade as reclamações sobre os apresamentos feitos pelos cruzadores britânicos, de navios brasileiros nos mares da África Ocidental, por se acharem empregados ou serem suspeitos de engajar-se no comércio ilícito de escravos.

Semelhante exclusão reduzia consideravelmente a importância das reclamações brasileiras, e o que era mais, sendo homologada, envolveria o reconhecimento daquele ato de prepotência britânica, contra o qual Paranaguá sempre protestou, no momento conveniente. Se se tratasse, apenas, de uma questão de dinheiro ou indenização por perdas e danos de súditos brasileiros, a resposta ao primeiro quesito formulado poderia ser diversa; tanto era que o desejo de ver terminada uma questão que durava vários anos, que tanto desgostos nos tinha causado e que ainda poderia perturbar as boas relações de duas nações amigas.

A esse respeito pensava, como a Seção de Estrangeiros, cujo parecer serviu de base à consulta do Conselho de Estado Pleno de 20 de dezembro de 1862, que pela honra do Brasil, embora tais reclamações nunca fossem atendidas pelo Governo britânico, jornaços deveriam, por qualquer modo, dar nosso consentimento à sua exclusão. "Não constituem elas, simplesmente, como dissera o Visconde de Uruguaí, como relatou, uma questão de indenização e de dinheiro; estavam inseparavelmente envoltas com graves questões de independência e soberania nacionais".

Abandonar as reclamações daquela origem, para Paranaguá, seria reconhecer e legitimar violências que motivaram os mais energicos e constantes protestos do Brasil. Se se tratasse da retirada pura e simplesmente das reclamações aliadas, a resposta afirmativa ao quesito segundo implicaria contradição com a do primeiro. Mas não se tratava de um acordo para um fim determinado, o que devia ficar expresso para que não se pudesse presumir qualquer retratação ou abandono por parte do Brasil.

A abertura de um crédito extraordinário para cobrir as despesas com obras urgentes na Casa de Detenção da Corte, foi o objeto da sessão de 26 de abril de 1884.

Paranaguá aprovou a deliberação do Governo, mandando proceder aos devidos contatos naquele estabelecimento, lembrando que não havia quem deixasse de aprovar. Observou, no entanto, que se até aquela

data o Governo prescindira do uso de sua incontestável faculdade, e devendo ter lugar, em poucos dias, a reunião das Câmaras Legislativas, mais prudente seria esperar que elas funcionassem para dar-lhes conta de sua deliberação e pedir-lhes os fundos necessários.

Vemos, nisso, a prudência com que Paranaguá manipulava a sutileza das relações dos Poderes.

O Ministro da Fazenda e Presidente do Conselho de Ministros Souza Dantas, expôs, na sessão de 29 de junho de 1884, diante dos Conselheiros, as graves circunstâncias em que se encontrava no País a questão do elemento servil. Era desejo do Governo encontrar uma solução gradual e prudente da escravidão. Souza Dantas estava ali, para acusar a Câmara dos Deputados de absoluta incompatibilidade com as idéias do Governo sobre o caso e, por considerar impossível qualquer negociação com a maioria dos seus parlamentares, pedir a dissolução da Câmara.

Paranaguá concordou, plenamente. Segundo ele, a Câmara revelaria-se de tal forma, intratigante na questão, que sua existência já não era compatível com os grandes interesses nacionais representados por ela.

Paranaguá lembrava ao Imperador que a causa da emancipação era, naqueles dias, o *desideratum* da grande maioria do País, pois dependiam de seu triunfo não só o progresso e a prosperidade do Império, mas sobretudo a paz e a prosperidade públicas.

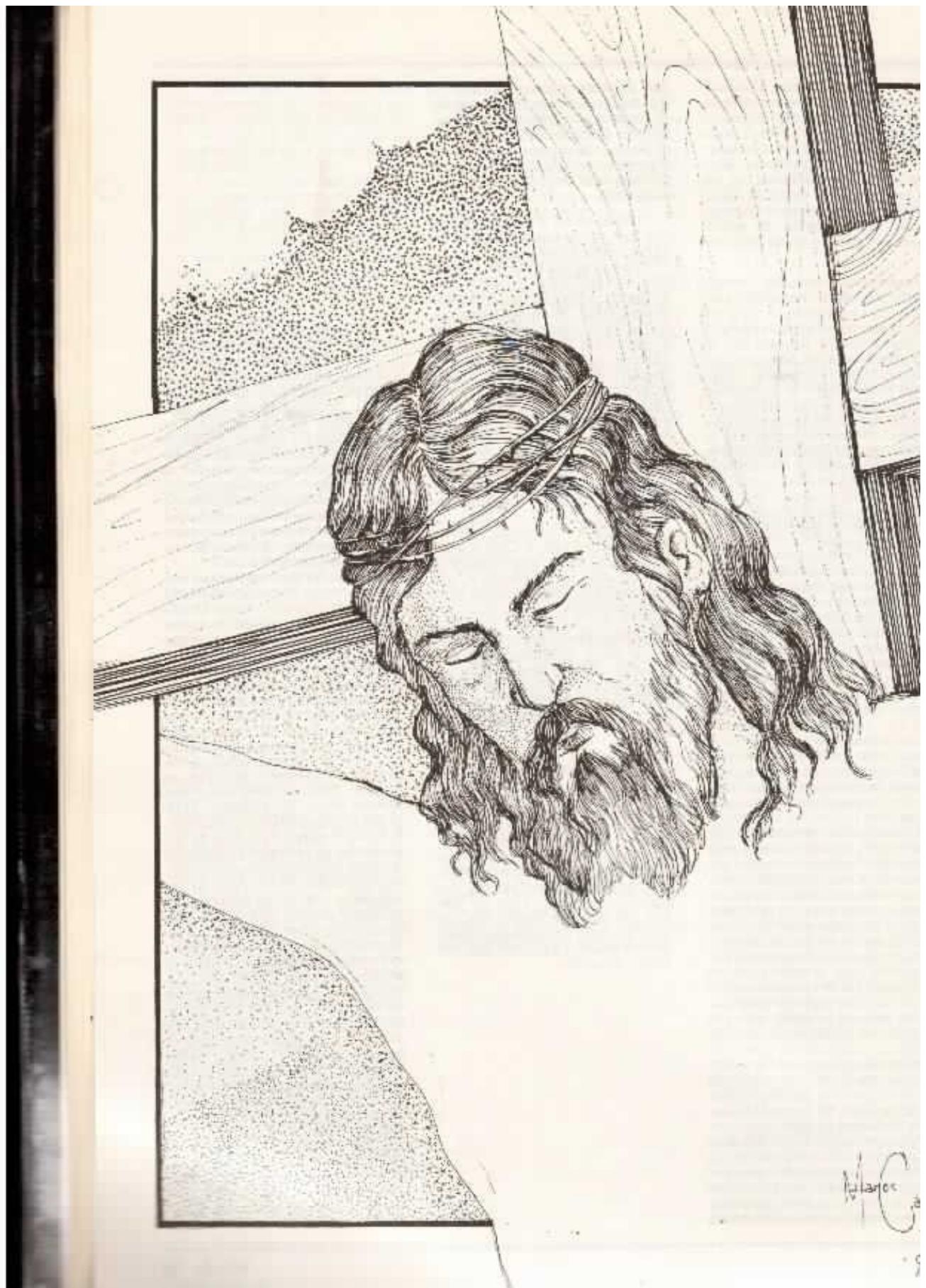
Na corte, a opinião era quase unânime a seu favor. A imprensa toda, com raras exceções, o apoiava e fomentava. Númerosas associações dele faziam o seu objetivo. Todas as classes inteligentes o aplaudiam e o favoreciam. Não havia quem, francamente, cosesse combatê-lo, pris era, em uma palavra, uma aspiração nacional. Com os mesmos pretextos de Paranaguá, que não significava o pensamento unitário do Conselho, a Câmara foi, realmente, dissolvida.

Era assim que Paranaguá pensava e agia. Outros tantos pareceres de momento importante nacional receberam, com acato, o lustro da sua inteligência e da sua ponderação magistral. Deixamos de estudar, aqui, vários deles, inclusive o grande escândalo com o Conselheiro Eduardo Calado, enviado extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Brasil na Itália, acusado, publicamente, de haver furtado ao jogo num clube italiano denominado *Círculo della Caccia*. Tratarmos desse episódio quando examinarmos os feitos de Paranaguá como ministro de Estado.

Paranaguá foi uma das mais assíduas presenças na política do Segundo Reinado. Sempre respeitado pela qualidade dos seus discursos e pareceres; sempre requisitado pelo Imperador, nos momentos de embate dos interesses da Nação.

A apatia de alguns historiadores em simplesmente classificá-lo como "político fulício", é vexo de escritores pouco dignos de respeito, que não deve, por amor à verdade histórica, subentender acomodação às benesses do regalismo e dos beija-pés do trono. Pelo contrário, príncipe liberal das frentes de combate, Paranaguá foi uma das mais lúcidas inteligências e culturas a serviço do Império, sem ser retrógrado no enfatizado, sem ser compenetrado ou perturbado. Conhecedor profundo dos arcaneis da política, da economia, da história e do direito, no plano mais elevado que se podia desejar de um homem de sua posição no seu tempo; sua temperança era bem o reflexo de sua personalidade austera sem azevadura, ciosa nos seus relacionamentos reservados, mas sem compromissos com alguma coisa ou alguém que deprimisse os seus sentimentos de homem íntegro e alto, mesmo quando se tratasse do seu grande amigo e admirador, Dom Pedro II.

Morreu nomagenário, com suficiente lucidez para constatar que os arroubos idealísticos dos republicanos que derrubaram a monarquia, ainda não tinham conseguido assegurar ao novo regime, as realizações condizentes com as suas pretensões, na condução dos novos destinos nacionais.





Religião

CRISTO DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

Pe. Matusalém Sousa
Aluno de Mestrado em Teologia
da Pontifícia Universidade
Católica PUC/RIO

Inicialmente depara-se com uma dificuldade em se elaborar uma Cristologia das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) pela quase vacida postura gnoseológica de já se supor que já se saiba o tema a ser tratado, o modo de enfocá-lo, o interesse correto ao abordar o tema e, etc. Assim a exigência de pressupostos para uma cristologia determinada ou de uma hermenêutica adequada à reflexão — existencial, transcendental, histórica, praxis, revolucionária — intensifica mais ainda a dificuldade. Por outro lado, em base aos textos examinados⁽²⁾ concluímos, pelo menos, para o momento, que a cristologia das CEBs não está numa reflexão elaborada, mas numa praxis comunitária que suscita uma reflexão teológica, ao contrário das europeias, que não pode se compreender a si mesma excluindo pressupostos pré-concebidos e pré-elaborados para uma cristologia ou, ainda, para uma história de teologias, para fazer valer "uma realidade latino-americana de subdesenvolvimento e opressão; uma fé vivida e pensada a partir dos questionamentos que a praxis libertadora apresenta"⁽³⁾.

Refletir esta praxis libertadora das CEBs constitui o objetivo deste artigo, que não é sendo uma experiência superante do idealismo teológico que tematiza, há séculos, a verdade da fé assim: "Deus é absoluto, a fé é transcendente, o espírito é infinitamente superior à matéria". As realidades espirituais são entendidas como distintas das realidades materiais ou humanas. Há entre elas uma espécie de justa posição nestes termos:

Deus Espírito Graça Salvação
+ → → → → +
Mundo Materia Liberdade Política
etcéteras⁽⁴⁾...

Essa oposição excludente entre salvação e política, tocou profundamente o cristianismo de modo a enfatizar o princípio de oposição no qual Deus e o homem se opõem ou reino e sociedade não podem coexistir sem evitar perigo da mundanização ou degradação da ideia de Deus⁽⁵⁾. Há ai uma ideologização teológica que carece de超越amento a uma cristologia das CEBs. Essa constitui a tarefa desse texto.

1 — SEPARAÇÃO DO IDEALISMO TEOLÓGICO

A partir dos teólogos da libertação e das experiências das CEBs, constata-se que o cristianismo sofreu uma ideologização que fez da Igreja "prisioneira da contradição entre comunismo sócio-político e estrutura mental teológica"⁽⁶⁾, impossibilitada mesmo de elucidar o conteúdo de seu discurso e de sua praxis salvífica. Por esta postura da compreensão e totalidade abrangente do conteúdo do termo salvação. Isto equivale dizer que a própria elaboração cristológica e antropológica conduziram à desvalorização do esforço de realização temporal do homem, o esforço e a luta por um mundo mais humano. Tudo isso se deixa ao sistema de cristandade onde a Igreja perseguida converte-se em Igreja triunfante atraída por Constantino, que uma vez liberada deste, vai fazer valer um pensamento essencialmente "logocêntrico" que privilegia o "Logos" como função originante desencadeando um "idealismo teológico", que não permite alocar a fé à altura dos desafios históricos de hoje.

O que acontece é que a conceição da fé é tomada como verdade da fé, ficando despercebido o *ontônio da fé* — sua raiz originária. Mesmo considerando que a fé tem manifestação social (instituição religiosa), este aspecto é o mais superficial porque o que conta é salvação e possibilidade da confissão de fé⁽⁷⁾. Fica pois patenteada a grande herança dualista — salvação e política que se excluem mutuamente. Buscar uma dialética apropriativa, constitui a tarefa do pensamento da libertação e das práticas eclesiais.

O idealismo teológico chega a conceber o cristianismo como uma idéia aclesiástica, clerical e sectária. Daí, concebe a realização empírica da fé religião onde prepondera a virtude intelectiva de modo a desarticular as dimensões fundamentais do homem como unidade originária(8). Por isto mesmo, o lugar da salvação é a religião e o lugar da promoção humana é a política:

As CEBs têm uma caminhada da experiência do Reino como dualidade (* / dualismo) e não como uma coisa ao lado da outra mas, dois momentos de um processo único. A salvação escatológica passa pelas liberações históricas. Isso equivale dizer que ninguém é introduzido, mágicamente, na salvação, mas medianamente o esforço e o compromisso do seguimento de Jesus com as liberações

como a reflexão teológica tendem evitar a reflexão cristológica abstrata, insistindo na primazia do seguimento de Jesus, do viver eti simon com suas atitudes e seu comportamento fundamental, que vai além da mera confissão e fé de reflexão cristológica. Aparece ai a dolorosa agonia do homem se conjugando com o absoluto amor de Deus, pela significação existencial da experiência e



na vida prática tem-se Bíblia para o coração — Pão para o estômago, etc. Não há nem mesmo uma articulação entre libertação e salvação.

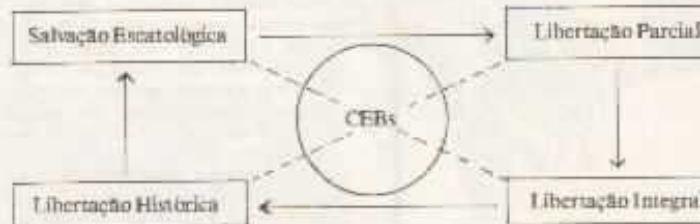
A superação deste dualismo constitui a experiência das CEBs onde o ser de Jesus constitui o princípio hermenêutico para aproximar-nos, tanto noeticamente quanto na praxia real, da totalidade de Cristo, onde se realiza, realmente, a unidade entre soteriologia e cristologia. Significa que Cristo adquire, hoje, uma nova imagem fruto da síntese entre fé e vida. Daí, a cristologia das CEBs é, em sentido amplo, o lugar onde incide "vida e fé"(9). Essa síntese, é o ponto de partida para a superação do dualismo, tendo presente a teologia da encarnação de São João, onde é posto à luz o problema da conceção cristológica.

A teologia joaneira e a cristologia paulina mantêm a tensão: de um lado o Reino de Deus polariza pressupostos antropológicos e históricos da teologia e na prática se torna um princípio hermenêutico para cristologia. Reino de Deus é a expressão que designa o utópico do coração humano: a total libertação de todos os elementos que alienam e estigmatizam este mundo como sofrimento, dor, fome, injustiça, divisão, morte. De outro lado, este Reino de Deus não é um mero prolongamento orgânico do mundo atual como se encontra na história. O Reino de Deus não só evolui, mas irrompe(10).

Tudo isso significa o grande passo de superação do dualismo a respeito da salvação-libertação; libertação integral-libertação parcial. A questão não é, pois, compreender a Jesus a partir do Reino, mas o Reino a partir de Jesus Cristo. Sem o Reino Jesus se converteria num mero objeto de estudo, mas, sem Jesus se parcializaria o Reino. Esta tensão constitui a experiência da CEBs no sentido da, já falada, concentração cristológica, como sendo então uma reflexão sobre Jesus enquanto ele mesmo é o caminho da libertação(11).

que antecipam e preparam a salvação definitiva(12)

Em se tomando a linguagem bíblica, especialmente a neo-testamentária, o Reino já foi apropriado (Luc. 10,9), está em nosso meio (Luc. 17,21), está (Mat. 4,17) e ao mesmo tempo é futuro e objeto da súplica (Luc. 11,2; Mt. 6,10; 19,28). Esta perspectiva é sacramentalizada nas CEBs que se adequa, muito bem, à questão da unidade indissociável e da diversidade sem separação. O esquema superante das CEBs, numa terminologia experimental e num esquema hegeliano, pode ser traduzido no seguinte gráfico:



2 — Imagens Cristológicas

O esquema experimental das CEBs, como dizíamos, é que vai fornecer subáldice para uma cristologia porque não é fundamentado numa Igreja centrada em si mesma, que desvalorize o compromisso temporal ou que apresente uma imagem a-histórica de Cristo, objeto de culto e de recordação sentimental ou ainda, de atributos e predicados teológicos abstratos. Mas, muito pelo contrário, numa Igreja onde o que aparece é a imagem de Cristo vivo, presente hoje na história, questionador e juiz da mesma. As CEBs procuraram repensar a moção de Deus e de Igreja a partir do compromisso histórico pela libertação sem, contudo, deixar de examinar as possíveis manifestações em torno do significado e valor da vida, da obra e da palavra de Cristo. Isto equivale dizer que tanto as CEBs

niveiros a que está, historicamente submetida e que contradizem ao projeto histórico de Deus, que é construir o seu Reino onde tudo é orientado para ele, penetrado por sua presença e glorificado, a nível de cílico e no nível pessoal. Nesta tem Reino de Deus - Sociedade Iajubas CEBs identificam a Cristo com pobre-falante, o oprimido-questionador. E Cristo evangélico, vive e érido na história, questionador e juiz, de modo que a partir de Cristo esmagado pela opressão e convergente, chega-se a Cristo do Novo Testamento.

E, como a Bíblia é o "manuscrito" das CEBs, a imagem questionadora do Cristo é, antes de tudo, legida, experimentada em tudo que é feito ou negado a um dos menores (cf. Mt. 25,40-45).

A explicitação de Jesus-pobre-interpelador das CEBs se manifesta na própria dialética da encarnação ou da inclusão¹⁶, que permite a imanência do transcendente como um processo de identificação histórica da soteriologia e da cristologia. Isto é, o Cristo que haveria de vir, não virá como o final da história, mas no meio da história das CEBs, onde os muros falam, os cegos veem (a contradicção sociedade-reino na tensão entre os surdos escutam e, também não se pode negar que os pobres são evangelizadas) (cf. Jo. 11,3-5) pela ação salvífica de Cristo, anunciada pelos profetas e, agora, experimentada pelas comunidades eclesiásias da base que, constantemente vêm escandalizando a maioria (Jo. 11,6) e amedrontando políticos e mantenedores dos status-quo da sociedade injusta.

2.2 - Libertador-salvador (nas e pelas CEBs)

Sempre será na experiência concreta das CEBs que Cristo se revela pela articulação entre libertação integral - libertações parciais, isto é, no nível econômico, político e social. Nesta experiência sabe-se que não há duas bárbatas e duas realidades. Existe uma só. Enquanto esta única é mesma realidade possui muitas e várias dimensões objetivas que podem ser, adequadamente, compreendidas pela leitura e linguagem religiosa. Linguagem onde toda a realidade é remetida a uma dimensão mais profunda, onde a realidade toca a Deus e a fé vai discernir na justiça a presença do pecado e nos mecanismos de exploração o pecado social.

Neste quadro a fé das CEBs vai lutar, na sua leitura evangélica de Reino de Deus e de anti-Reino e, não em sociedade justa ou injusta. Isto equivale dizer da compreensão de que o Reino se encontra, melhor, se encarna na justiça e, embora o Reino não seja sinônimo de sociedade justa, ele se explicita ali, contudo, ultrapassa para além das dimensões que não são as sociais. Nossas palavras, a libertação daquele que opprime o homem é já fruto do Reino de Deus ainda mesmo que este não se esgote nem se reduza àquela. Daí, os compromissos pela libertação do homem, na América Latina, são assim vistos como medições históricas da libertação do Reino¹⁷. O Reino de Deus é a revolução e a transformação total, global e estrutural da realidade experimentada e experimentável do homem (comunidade), purificada dos males e repleta da realidade de Deus. Reino de Deus não quer ser outro mundo, mas o velho mundo transformado em novo nas CEBs¹⁸. E nas CEBs como é Jesus Cristo?

Cristo é o libertador por excelência porque prega, presencializa e já está inaugurando o Reino de Deus. Nas CEBs Jesus associa a libertação à salvação, gestos e práticas de si não religiosas como curar, possibilitar a participação e a fala, etc. São apresentações em formas concretas da presença do Reino (cf. Mc. 7,21; Mt. 12,28).

Pelas CEBs Jesus Cristo se dirige aos socialmente pobres, aflitos e desfavorecidos. Chama felizes aos pobres e aos perseguidos por causa dessa experiência (Lc. 6,20-23). Como não bastasse, o Senhor aumenta, a cada dia, o número dos que experimentam-se libertados pelo Cristo libertador-salvador nas e pelas CEBs (At. 2,27). Em suma, o Cristo das CEBs é libertador-salvador na expressão física das comunidades eclesiásias onde os comunitários sabem que ali "não há gesto humano (sobretudo depois da encarnação em que o verbo de Deus se fez carne entre nós) que seja neutro em termos soteriológicos". Todo eles possuem uma densidade salvifica na densa sacramentalidade do irmão e da comunidade. Tudo que dissermos, pode ser visualizado no gráfico seguinte elaborado a luz de Fábio Brito e de Hegel¹⁹.

EPÍLOGO

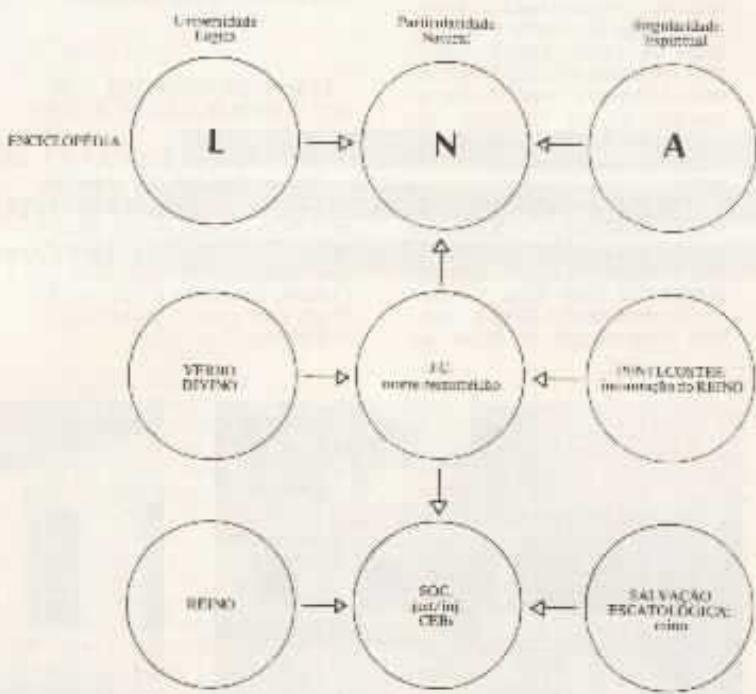
O Cristo das CEBs não é verdadeiro por ser credível ou crível, mas é credível ou crível por ser verdadeiro. E por isso mesmo tanto mais credível quanto mais verdadeiro.

NOTAS

- (1) Sobrino, J. "Cristologia a Partir da América Latina", vozes. Petrópolis, 1983. 99.
- (2) Vide Bibliografia

NOTAS

- (1) SOBRINO, J. "Cristologia a Partir da América Latina", vozes. Petrópolis, 1983. 99.
- (2) Vide Bibliografia
- (3) SOBRINO, J. op. cit. 27-56.
- (4) BOFF, C. "A Dimensão Teologal da Política", in REB vol. 38, fasc. 139, junho (1978) vozes. Petrópolis, 244-245.
- (5) Idem
- (6) RUBIO, A. G. "Teologia da Libertação: política ou proferismo" Inova. S. Paulo, 1983, 109-113.
- (7) CL. BOFF, C. op. cit. 246-248.
- (8) Cf. DUSSEL, L. D. "El Dualismo en la Antropología de la Cristiandad", Guadalupe, 1984, cap. VIII.
- (9) Cf. SOBRINO, J. op. cit. 33, 56.
- (10) Idem.
- (11) Idem 33, 56-60 e DUSSEL, F. D. op. cit. 115.



(12) BOFF, L. e C. Boff. "Da Libertação o Sentido do Teológico das Libertações socio-políticas". 4^a ed. vozes. Petrópolis. 1985. 60.

(13) BRITO, E. "Hegel e a Tarefa Anual da Cristologia". Loyola. São Paulo. 1983. 200-204 e HEGEL, G. W. F. "La Phénoménologie de l'Esprit" vol. 2. Aubier. Paris. 1941. 212, 306, 34.

(14) Cf. BRITO, E. op. cit. 163-170 e HEGEL, G.W.F. "Encyclopédia das Ciências Filosóficas". Athena. Rio. vol. 3 & 571.

(15) Cf. LABARRIÈRE, P. J. "Le Christ Avenir". Desclée. Belgique. 1983. 157-161 e BOFF, L. "Jesus Cristo Libertador: ensaio de uma Cristologia crítica para nosso Tempo" vozes. Petrópolis. 1972. 57-59, 250-274.

(16) Cf. BOFF, C. op. cit. 248-250;

(17) Cf. BOFF, L. e C. Boff op. cit. 57-59 e RUBIO, A. G. op. cit. 148-149.

(18) Vide gráfico anterior fig. 1.

(19) BRITO, E. op. cit. 45-54, e HEGEL, G.W.F. Encyclopédia das Ciências Filosóficas. vol. 3. §§ 564-571. Também carece compreender que a explicitação para a fundamentação de uma Cristologia não pode prescindir da mediação da filosofia e da história; §§ 573-574 e 553, 548.

BIBLIOGRAFIA

BOFF, Clodovis - "A Dimensão Teologal da Política". In REB vol. 30, fasc. 15 junho (1978) vozes Petrópolis. pp. 244-268.

BOFF, Leonardo - "Jesus Cristo Libertador: ensaio de Cristologia Crítica para nosso Tempo", vozes. Petrópolis. 1972.

BOFF, L. e Clodovis Boff - "Da Libertação: o teológico das liberações socio-históricas". vozes. Petrópolis. 1985.

BRITO, E. - "Hegel e a Tarefa Anual da Cristologia". Loyola. 1983.

DUSSEL, E. D. - "El Dualismo en la Antropología de Cristiandad". Guadalupe. 1984.

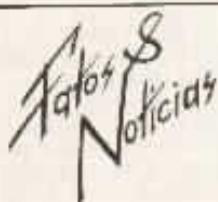
GARAUDY, R. - "Para entender o Pensamento de Hegel" L&PM. Porto Alegre. 1983.

HEGEL, G.W.F. - "La Phénoménologie de l'Esprit". Aubier. Paris. 1941.

HEGEL, G.W.F. - "Encyclopédia das Ciências Filosóficas". Athena. Rio. 1936.

LABARRIÈRE, P. J. - "Le Christ Avenir". Desclée. Belgique. 1983.

RUBIO, A. García - "Teologia da Libertação: política ou profetismo". Loyola. 1983.



OS CAMINHOS DA RIMO

O secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti, representando o governador Hugo Napoleão, e o presidente da Rimo, Edmar Rodrigues, inauguraram, dia 7 de fevereiro, a Pousada Velho Monge, às margens do rio Paranaíba, em Amarante. A pousada dispõe de nove apartamentos, bar e restaurante.

Construída em virtude de convênio firmado entre a Rimo e a Prefeitura Municipal, a Pousada Velho Monge é a quarta unidade hoteleira da Red Rimo a entrar em funcionamento. Já estão também funcionando os hotéis de

Luis Correia, Corrente e a Pousada do Conego, em Oeiras. Os hotéis da Rimo se localizam em municípios considerados de interesse turístico.

Segundo o secretário Jesualdo Cavalcanti, dentro de pouco tempo entraria em funcionamento os hotéis Rimo de Pedro II e Canto do Buriti. Atualmente está sendo construído o hotel Rimo de São Raimundo Nonato. Também estão projetadas unidades hoteleiras em Esperantina e Miguel Alves.

TEMPO DE CULTURA — O NOVO PROGRAMA DE RÁDIO

Sintonizado em 13 emissoras de rádio do interior do Estado e em três da capital, já está no ar o programa "Tempo de Cultura", uma realização da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, com o apoio do Ministério da Cultura.

O programa se destina a divulgar as manifestações culturais do Piauí e está sendo irradiado pelas seguintes emissoras, no 2º e 4º domingo de cada mês: rádio FM "O Dia", às 8 horas; rádio Difusora de Teresina, às 13h10min; rádio Pioneira, às 9h15min; rádio Difusora de Barreiros, às 9h45min; rádio Primeira Capital de Oeiras, às 8 horas; rádio Itamaraty, em Piripiri, às 9 horas; rádio Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, às 9 horas; rádio Difusora de Picos, às 12 horas; rádio Cultura do Gurupi, às 12h30min; rádio Progresso de Corrente, às 12h30min; rádio Heróis do Jenipapo de Campo Maior, às 13h30min; rádio Difusora de Fluminense, às 14 horas; rádio Alvorada do Sertão, de São João do Piauí, às 14 horas; rádio Igarapé de Paranaíba, às 15 horas; rádio Cultura de Amarante, às 18h30min; rádio Vale do Paranaíba, em Luzilândia, às 9h45min.

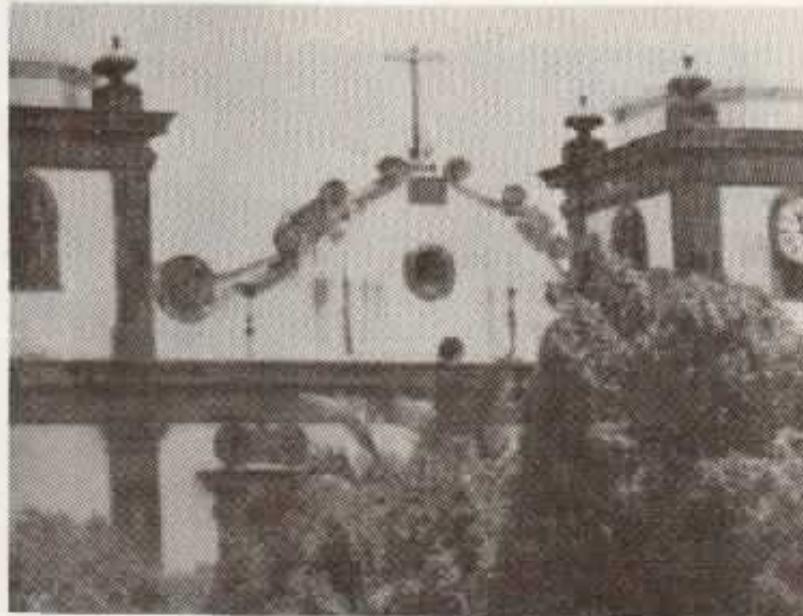


Patrimônio

Alcides Afonso de Albuquerque Costa
arquiteto e Diretor do Patrimônio Histórico do Estado do Piauí.

O presente trabalho tem como tema "A Igreja de Nossa Senhora do Carmo... uma obra barroca... uma obra aberta..."

Para abordagem do tema se faz necessário que tenhamos informações a respeito do objeto em estudo, e de que seja feita uma síntese da teoria de Humberto Eco. A análise morfológica e artística da edificação são pontos imprescindíveis para que seja alcançado o objetivo do trabalho: a demonstração de que a Igreja de Nossa Senhora do Carmo é uma obra aberta, segundo a teoria de Humberto Eco.



Igreja de Nossa Senhora do Carmo

OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo no qual será feita a análise da obra aberta, segundo a teoria de Humberto Eco, é a Igreja Nossa Senhora do Carmo, localizada no município piauiense de Piracuruca. Assim se faz necessário que aqui tenhamos algumas informações sobre o município e a história da construção da edificação.

Piracuruca, localiza-se ao Norte do Estado do Piauí e possui uma área de 1.996 Km². Tornou-se município em 1832, contudo desde o século XVIII existiu no local uma frigueira que teve sua origem ligada à construção de uma capela que posteriormente veio a se tornar Igreja.

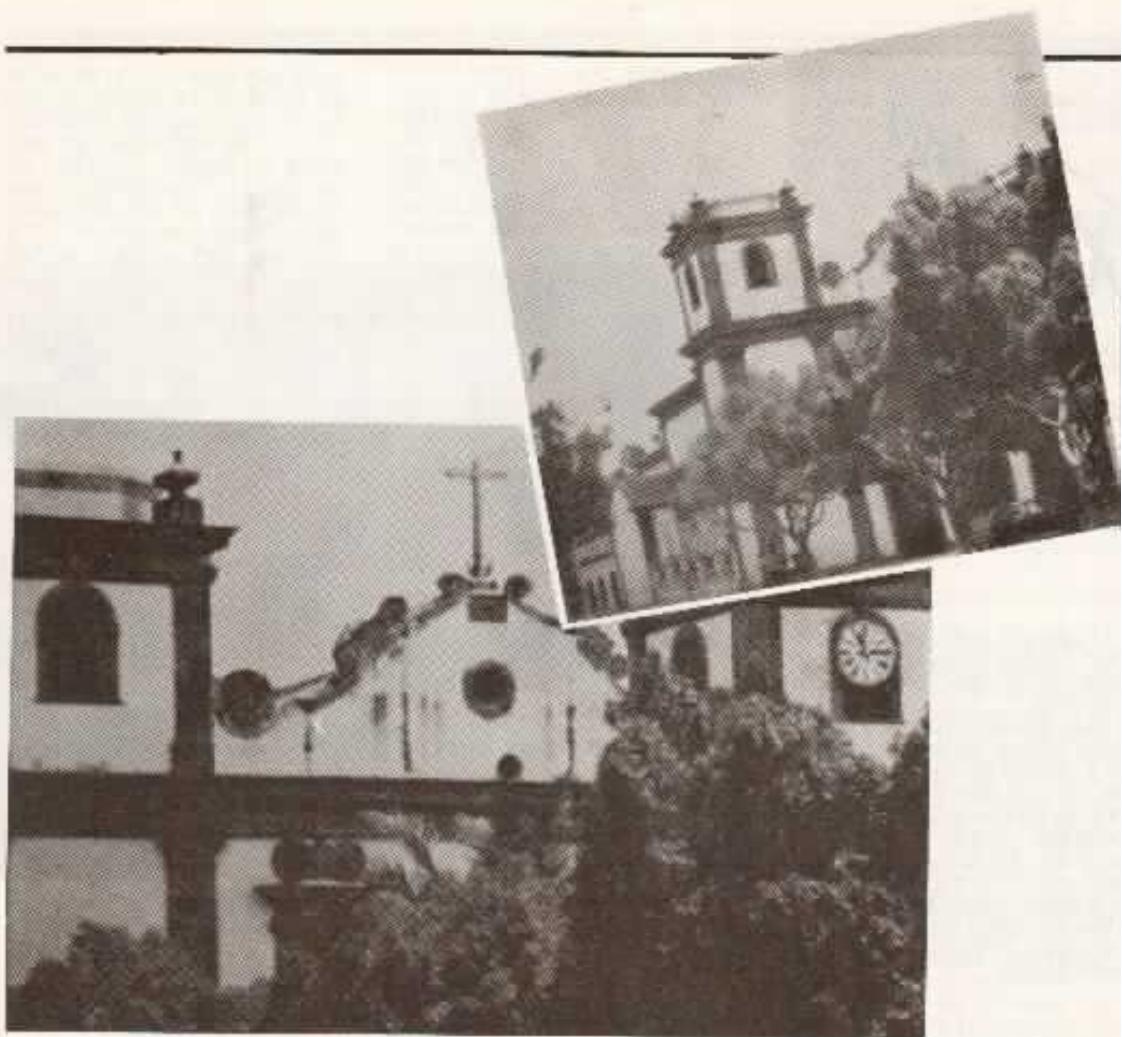
A Igreja Nossa Senhora do Carmo, teve sua fundação segundo uma lenda narrada por Pereira da Costa, que conta, que dois ricos amigos portugueses ao empreenderem uma viagem de exploração ao interior do Piauí, em busca de escravos para seu destino de currais, são aprisionados por indígenas e são condenados à morte. Conscientes do que poderia vir a ocorrer, fizeram um voto à Nossa Senhora do Carmo de constituírem um suntuoso templo no local, caso fossem libertados.

Alcançada a graça, em 1718 iniciaram a construção da obra tendo término em 1743.

Após concluída, a Igreja possuía as seguintes características: nave si-

nica, duas torres e duas capelas laterais. Apresentando no seu frontispício portadas com três vãos de vergas retas e frontões de cantaria, sendo a porta principal, mais alta. Cada uma dessas é vedada por duas folhas almofadadas. A altura do coro, há duas janelas de vergas retas, vedadas por venezianas trazendo frontões de cantaria. As janelas sineiras são em arco pleno e vedadas por venezianas. As torres são coroadas por pirâmides de base poligonal e coruchéus.

A cobertura é de duas águas, escondidas por platibandas nas fachadas laterais e no frontão da fachada principal.



O interior, atualmente encontra-se muito modificado, no que diz respeito ao tratamento das superfícies, mas existem resquícios da sua composição original. O arco cruzeiro da Capela-mor, as capelas laterais, o púlpito, a pia batismal, o lavatório da sacristia, as colunas que suportam o coro, todos esses elementos são de cantaria de uma incrível beleza escultural.

Infelizmente, nos arquivos do Estado, inexistem documentos que nos informe a respeito da autoria do projeto arquitetônico e dos trabalhos escultóricos na cantaria.

Após terem sido dadas informações a respeito do objeto em estudo se faz necessário que seja realizada uma breve síntese da teoria de Humberto Eco a respeito de obra aberta e a análise morfológica da edificação que a classificará quanto ao seu estilo, a fim de que possamos ter subsídios para demonstrar que de fato, a Igreja é uma obra ibérica.

SÍNTESI DA TEORIA DE HUMBERTO ECO SOBRE OBRA ABERTA

Para Humberto Eco, uma obra aberta é aquela obra que após totalmente concluída, deixa espaço para o espectador fazer a leitura visual, interpretativa da obra, da maneira que julgar mais conveniente, ou seja, dar-lhe um significado que julgue coerente com o seu pensamento naquele instante, tendo possíveis outros significados, mas que jamais escaparão do controle do autor que durante a criação daquela peça, pré-estabeleceu esses vários sentidos para a obra.

Assim, o artista cria a idéia, a executa deixando-a em aberto, de maneira que possa ser sentida pelo espectador, passo a passo, olhar a olhar, tendo fluida pouca a pouco, de modo progressivo e relativo, e não de imediato, de maneira absoluta.

Para o autor, uma obra barroca é uma obra aberta, pois é dinâmica, tendendo a uma indeterminação de efeitos (em seu jogo de cheios e de vazios, de luz e de sombra), com suas

curvas, suas quebras, seus ângulos, suas inclinações mais diversas).

O mundo do barroco como mundo de movimento.

E na arquitetura, que é uma arte eminentemente "jungida ao equilíbrio estético", — esse movimento vai ser resultante de um ato de empatia do espectador upa a identificação com o objeto receberá o movimento por ele sugerido devolvendo-lhe a sua própria reação. E será alcançado através da magia das formas, interagindo no espaço, superfícies curvas, diferenças de nível, secçãoamento e a interpenetração de ambientes. As paredes ondulam, os frontões se desdobram em outros frontões, arredondam-se, e assim, o espectador participa de uma ação musical e teatral.

A IGREJA...
UMA OBRA BARROCA...
UMA OBRA ABERTA.

A arquitetura produzida no Brasil durante o século XVIII, época de construção da Igreja em estudo, fe-



de influência nitidamente portuguesa. Havendo, porém, alterações, adaptando-a às condições de sensibilidade, clima, técnicas e materiais construtivos, adequações à topografia local e aos sistemas sócio-económicos do local.

Pode-se dizer, que a Igreja Nossa Senhora do Carmo encaixa — se no 1º ciclo do barroco brasileiro, que vai de 1700 a 1730, aproximadamente. Aqui, a arquitetura permanece seguindo os princípios maneiristas: presa a modenaturas e a estruturas renascentistas, seguindo esquemas genéricos arcáicos, contudo apresentando decoração externa nas fachadas, principalmente no que se refere ao uso de portadas esculpidas de pedra, uso de frontões trabalhados, "barrocos", cornicionamento de torres, etc. O volume apesar de ser retangular, apresenta movimento na salinidade das torres, que sobressaem do corpo principal, e no jogo de telhados, com diferentes alturas das águas que cobrem as naves. O interior é composto de nave, capela-mor, sacristia transversal e corredores em toda a extensão lateral. Infelizmente, não pode-se dizer que o interior da Igreja é barroco, pois a mesma tem sofrido durante todos esses anos, várias modificações que a desfiguraram comple-

temente do seu estado original. Sabendo-se, através de artigos escritos a respeito da Igreja, que o altar-mor era talhado em madeira e dourado; havia, também, uma pintura de ferro no teto da capela-mor. Contudo, são depoimentos que não podem ser confirmados pois, inexistem documentos fotográficos e gráficos que comprovem tal fato.

O entorno da Igreja é um outro fator importante no espaço barroco. E o "clima" do barroco está presente na cidade de Piracuruca: sua localização é privilegiada no espaço urbano, sendo o foco das atenções da cidade centro de formação daquele núcleo urbano.

Assim conclui-se que o volume da Igreja, que está sendo analisada é realmente barroco. Um barroco incipiente mas que, amea ver, consegue movimento através do seu jogo de telhados, com diferentes alturas; do "saque" de suas torres; da contraposição existente entre curvas e retas no frontão que possuem em si próprias uma dinamicidade incrível, as volutas... É barroco, também em não permitir que jamais o espectador a perceba "de uma visão privilegiada, frontal, definida..."; ao observá-la o espectador sente a necessidade de deslocar-se constantemente a fim de poder apreendê-la sobre novos aspectos.

Aqui pode-se afirmar, que encontra-se a "aberraria" da forma aberta barroca, no seu nascimento, no seu despertar, na sua mais pura manifestação por todo esse Estado do Piauí, terras das antigas fazendas de criação de gado, onde a pobreza campeava, onde as informações demoravam a chegar, mas onde o barroco brasileiro com a sua febre, durante o século XVIII, conseguiu deixar-nos uma marca... A Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Piracuruca.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. Eco Humberto. *Obra Aberta*. SP. Perspectiva 1976
2. Costa Lúcio. *Arquitetura jesuítica no Brasil*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 5, RJ. 1941
3. Costa Pereira de Cronologia da História do Piauí, Artenova, 1983.
4. A Era do Barroco. Museu Nacional de Belas Artes, RJ. 1982.
5. Avila Afonso, et alii. *Barroco Mínimo* Glossário da Arquitetura e Ornamentação. RJ. Fundação João Pinheiro e Fundação Roberto Marinho, 1979.
6. Santos, Paulo Ferreira. *O Barroco e o Jesuítico*. RJ. Livraria Kômos Editora, 1951.

Luiz Pires de Freitas

Artur da Távora escreveu: "Eu eduto hoje com os valores que recebi ontem para pessoas que são o amanhã. Os valores de hoje, percebo alguns. Dos de amanhã, não sei. Educo com os de ontem (os de minha formação)? Perderei os de hoje e os amanhãs. Educo com os de hoje? Perderei o que havia de sólido nos de ontem e nada farei pelos de amanhã, que serão outros. Educo com os de amanhã? Em nome do quê? De adivinhações? Da minha precária maneira de conceber um amanhã que escapa pelos desvãos do meu cérebro? Se uso só os de ontem não eduto; condiciono. Se uso só os de hoje, não eduto; complico. Se uso só os de amanhã, não eduto, faço experiências à custa de crianças. Se uso os três, sofro. Mas eduto".

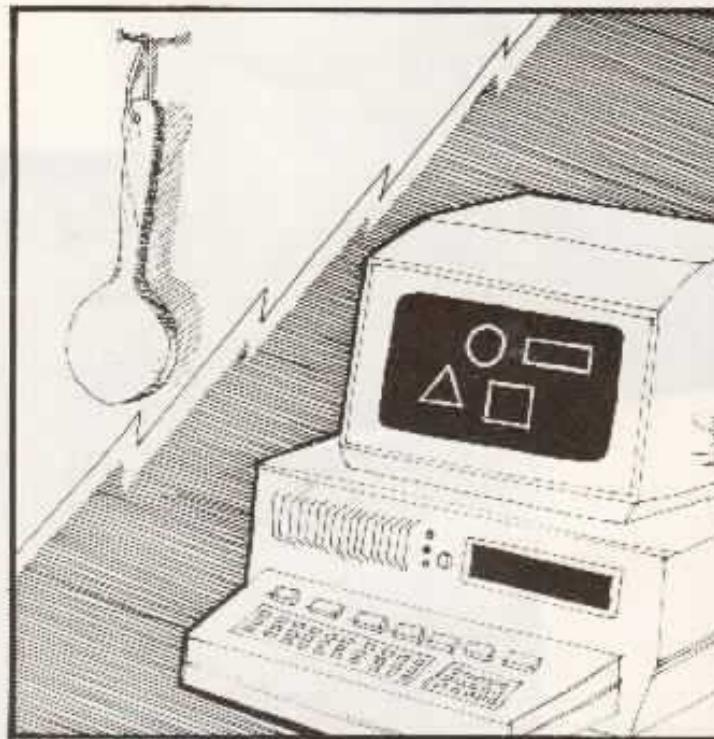
A Educação é vida e preparação para a vida. A educação é o ontem. É uma escola que existe, que está aí, real, com todas as marcas e cicatrizes do passado de um povo e de uma época. É uma escola cujas paredes podem ser vistas pintadas ou sujas, cujas carteiras estão aí duplas ou simples, anatômicas ou incômodas, usadas ou feridas pela malandragem das gerações anteriores, cujo professor é uma figura de carne e ossos, sofrida e fatigada pela vida...

A educação é vida e preparação para a vida. A criança é biológica, psíquica e intelectualmente, um ser em formação! A criança é alguém que está criando a sua própria personalidade. É o hoje. É a função da educação é ajudar essa criança a chegar de um modo mais fácil e seguro a tornar-se plenamente homem. É o amanhã. Poderá alguém negar que se trata de um período totalmente voltado para o futuro? Poderá alguém negar que se trata de uma preparação para o amanhã?

Fala-se muito em escola ou educação tradicionalista e escola ou educação progressista. Esta distinção não a aceitamos apenas como instrumento para levantar problemas.

Duas preocupações harmónicas, e até complementares devem animar uma escola, um tipo de educação e um educador. A comunicação da verdade, ou seja a entrega do patrimônio de cultura, construído pela humanidade através do tempo, e ao mesmo tempo o escovar da inteligência em desenvolvimento, para que se desabrochem mais facilmente e com maior segurança as suas energias interiores, num processo criador.

COMO EDUCAR?



COMO EDUCAR?

Educar é perder-se sem perder. É amarrar o estabelecido. Viver perplexidades das mutações. Ver horizonte com angústia incerta. Ter sensibilidade e distinguir o que muda do que é só o efêmero.

Educar é fundir os ontem, hoje e os amanhãs.

Não diconomizar a pedagogia clássica e a pedagogia progressista.

Educa a velha professora patria do quem nos lembramos com saudade. Educa a velha pedagogia viva de Aristóteles e Santo Tomé que apresentam a educação de "ars cooperativa naturae" (arte operativa da natureza). Educa a pedagogia que busca aprimorar, enriquecer-se na luta para agrenho seu patrimônio os novos recursos técnicos, o progresso da sensibilidade e da inteligência humana. E conhecimento do espírito, da inteligência. Ile vem oferecendo e por outro lado sofrendo o desgaste do tempo, recebendo sobre seus umbros novos encargos que o progresso acarreta. E neste entrelaçamento pedagogia tradicional e da moda-progressista que se educa. P quanto a pedagogia tradicional se muito bem que a inteligência humana é uma faculdade ativa e que a

simulação de uma verdade é um ato criador — a jubilosa criação de um novo ser imaterial em nosso espírito. Nem se descuidou a pedagogia tradicional de estimular a procura, animar a curiosidade e o desejo de descobrir. O celebre processo da matemática, que vem de Sócrates, caracteriza essa preocupação. Educa quem integra, sempre e sempre pedaços de uma realidade mais ampla do que nós. E só quem educa em qualquer nível ou atividade merece viver integralmente as paradoxais intensidades de que é feita a vida.

Educa quem for capaz de fundir ontem, hoje e amanhã, transformando-os num presente, onde o amor e o livre arbítrio sejam as bases.

Educa quem for capaz de dotar os seres dos elementos de interpretação dos vários presentes que lhe surgirão cheios de passados em seus futuros.

A escola não é, nem no espaço, nem no tempo, o único lugar de

nossa educação, a única modalidade ou forma de educar. A educação só termina quando fechamos os olhos para abri-los na eternidade.

Mas mesmo sem colocar essa vida temporal em confronto com a eternidade, o espírito humano, enquanto não se apaga ou não se esclerose por completo, vive procurando algo mais, um novo conhecimento, uma nova beleza, um novo aprimoramento.

Educa quem for capaz de dar no presente, com decisão, coragem e tudo o que no futuro fizer lembrar — ainda que com dor, mas se possível com muita alegria — o momento da educação.

Concino, ainda, refletindo Artur de Távora, "Educar é perder-se". Educar é perder as batalhas do imediato. É perder qualquer pretensão do reconhecimento e saber que, quando ele vier, se vier — já tempo não haverá para receber o agasalho de sua manifestação nem como reparar as injustiças feitas, o silêncio,

a falta do "muito obrigado". É perder porque é aceitar perdurar apenas na lembrança. É perder porque em qualquer sistema, em qualquer estrutura, em qualquer institucionalização de qualquer coisa sobre a face da terra, o verdadeiro educador estará ameaçando algo, até mesmo aquilo em que ele próprio acredita. Porque o verdadeiro educador é o que acompanha as mutações da vida, dos tempos, dos comportamentos. Porque educar é educar-se a cada dia. Faz-se capaz de equidistâncias de esquemas ou fórmulas inférteis de domos da verdade última das coisas.

Prof. Adjunto do Departamento de Fundamentos da Educação

— CCE — FUFEPI —

Prado, Dom Lourenço de Almeida
Educação para a Democracia —

— Editora Nova Fronteira

Rio de Janeiro — 1984

Távora, Artur da — Meu Testamento,
Rio de Janeiro, Salamandra, 1979

LENA HOMENAGEADA

A Academia Piauiense de Letras concedeu a subsecretária Leila Monteiro de Carvalho a sua Medalha do Mérito Lucídio Freitas, em reconhecimento aos servi-

ços que vem prestando à cultura piauiense.

A professora Lena já havia recebido, em solenidade realizada a 24 de janeiro, a Medalha do Mérito Visconde da Parnaíba, instituída pelo Instituto Histórico de Oeiras.



NOVA DIRETORIA DA FETAPI

A Federação de Teatro Amador do Piauí já tem nova diretoria, eleita para o biênio 86/87, no dia 12 de janeiro, durante o III Congresso de Teatro Amador do Piauí.

José Wilson Oliveira, do Grupo JW Produções, é o novo presidente. Integram ainda a diretoria da Fetapi: Reginaldo Alves Pereira, Watson Lobo Sampaio, Rangel Willys Santos Maranhão, José Telózinho Castro, Edson dos Santos Reis, Antônio de Paula Silva, Francisco Lauro dos Santos, Pedro Celestino N. de Macedo, Raimundo Dias e José Nazareno.

INSTITUCIONALIZADA A ESCOLA DE MÚSICA

Por ato do governador Hugo Napoleão foi institucionalizada a Escola de Música de Teresina como órgão integrante da Fundação Cultural do Piauí, mantida pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

A Escola, que é dirigida pela professora Marly Gondim Cavalcanti, está oferecendo os cursos de iniciação musical, musicalização, violão clássico, violão popular, flauta doce, piano e órgão a uma clientela de mais 30 alunos.

ABRA SUA Bepoupar



A maneira nossa de fazer poupança



Foto Fernanda Miranda

A MOLÉSTIA SEM TEMPO

Você sabia que raiz de aroeira serve para inflamação, que catuaba serve para os nervos, que tipi serve para reumatismo?

Numa pesquisa realizada no Mercado Central, sobre Cultura Popular de Teresina, a SECTUR descofreu as mil e uma utilidades das nossas raízes, que servem para curar as mais variadas doenças, desde uma simples gripe a uma doença como a gripe. Além disso, a pesquisa mostra que algumas raízes servem para "defumar" ou seja, são utilizadas em serviços de Limbando. Outras dificilmente poderiam ser indicadas na cura de crianças, devido ao efeito que é lento, ou, como eles los raizeiros dizem, "cura com o tempo".

"O remédio da farmácia é mais rápido", diz o raizeiro Aureliano Marques de Sousa, 52 anos, natural de Campu Maior. Ele aprendeu a mesclar com ervas com um "banqueiro" antigo a filha aperfeiçoando através do contato com populares que lhes ensinavam outras finalidades. O raizeiro explica o que se destinam alguns deles. A "batata da cunha" serve para normalizar a regra na mulher. A pessoa toma o chá ou bota na bebida e ser tomada todos os dias pela manhã e à noite. O amigalho é bom para calafrio e para quem engordou muito. Toma-se o chá ou "lambedor" (mistura). O chá de

baldo é bom para o fluxo. A imbirinha serve para gases. Pina-se as sementes ou põe na bebida e toma três vezes ao dia.

É famosa a utilidade da semente da eucúpia. Serve para ressaca através do gargarizinho ou para gripe mal curada no hirudônico. A garrucha do "pau ferro" serve também para catarro e o "pro tudo" é para todos os tipos de dor. Bota-se de molho para beber pela manhã.

O chá de açafrao e de sabugueira, serve para lastrina e sarampo. Toma-se cinco ou seis vezes ao dia. Carrapicho-de-boi? A garrufada serve para inflamação de qualquer

mpo. Lá a conhecida catuana é ótimo "pra homem e mulher que feijão assim me mole". O lambedor de cebola serrante é bom para asma. Pintica a cebola mudinha e cogumelo. Bota rapadura ou açúcar e al faz aquela mal". Marcella é bom para o lúpido; azeite de membra é piargante e malunguê serve para uretra. Seu Aureliano usa a mescla para defazedor e uma curiosa mistura colorida, para banho, magiaço de Unibanda.

Dona Cecília Raimunda de Jesus, a segundo entrevistada, tem 56 anos e reside em Teresina. Como seu Aureliano, é talvezza e curandera, utiliza as raízes como meio de subsistência. Dona Cecília explica que a raiz de "pouste" é bom para hemorroidas "pra mulher que quer perder o menino. Pra homenidade a gente focha de "mol" e bula no nome aquela focha e 3 vezes coloca no lugar um algodão molhado com a água da "pouste". Pra perder o menino é cozinhar e tomar. Tudo é bom para reumatismo ditta a raiz no suíno ou no cachaça". Filha de Sessé é bom pra ventre, sopa o chá adicado. A amendoa serve para dores nas costas e no peito. A cumomba é boa pra curvatura da criança e dor de barriga (côco de semente). Alimenta, três vezes ao dia, é bom pra cólica da mulher. A raiz de pimentão serve para porco e vacarro quando não quer comer (não mais nem apetite). A henna de peixe-boi é boa pra unha inchada, e a barba de couro da boi serve para as amigalas.

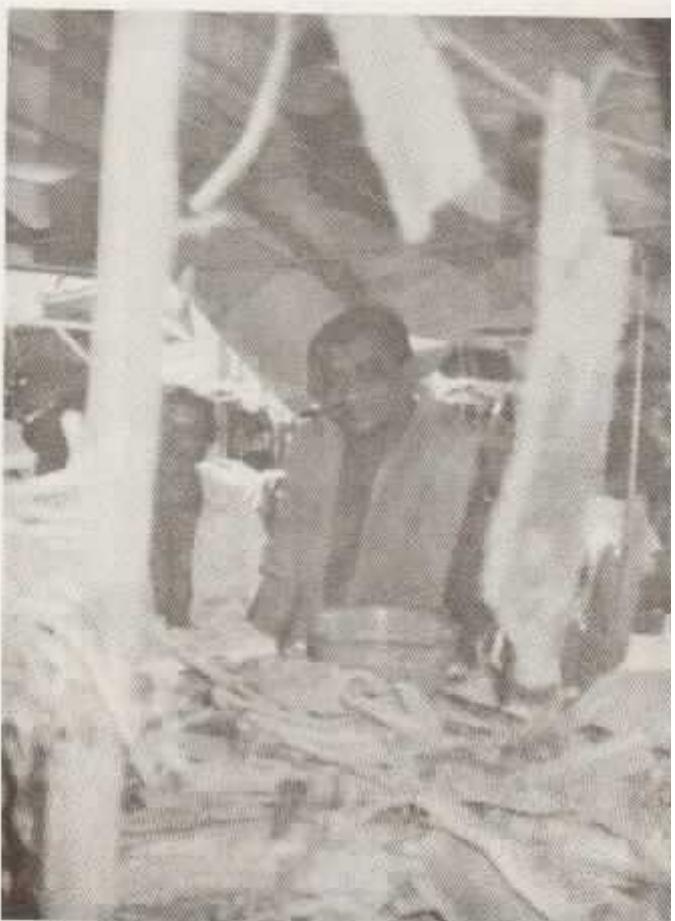
Dona Cecília aprendeu o "ofício de raizaria" em um livro de ervas que ela encontrou em São Paulo. Trabalha nisso desde meados dos primeiros conhecimentos, ela aprendeu com o pai. As ervas que ela vende são encantadas do Meranha.

lá, o talherista Francisco Miguel da Costa, 42 anos, aprendeu o ofício no instinto. Vê-sua liga que é talherista de sangue: "Kapaz, isso aqui é instinto mesmo! Tive um tipo de doença (lá vinte anos atrás), uma doença venérea. Todo tempo lo mandava remédio de farmácia e não tinha jeito. Ai sua pedi a Deus que me mostrasse um remédio, e no sonho mesmo, ele me mostrou que era esse tipo aqui". Seu Francisco mostra a raiz de capela de negro: "Se prepara na cachaça ou no vinho mesmo. Na água não dá, fica fraco. Tome três vezes ao dia".

A saída das ervas é razoável. Segundo ele, a clientela é de velhos

mesmo. Os jovens só procuram quando precisam de remédio para desidratação. Seu Francisco é especialista em preparar remédios. Ele prepara mistura de raiz de cavalinho, ameixa e aterracue. Bosta no álcool

é muito bom para uretra. Bota o topo, cozinha bem e depois coa (já de botar açúcar). Aí só tomar. E tanto de molho a raiz de aceiro, cavalinho com aroeira, é ótimo para bronquite. Seu Francisco é um



e deixa passar três dias curtindo. É bom pra covidão esporádico, coceira (especialmente alergia) e dores. O sumo da raiz é quem cicatriza qualquer tipo de ferimento". Dor de dente, dor de cabeça, são curadas também com a curiosa mistura.

Seu Francisco mostra a erva de tpi, diz que também é procurada por mulheres que quer abortar mesmo. Aconselha o uso externo dessa erva por sete tricos, especialmente a raiz. Segundo ele, o lambedor de jabotá com angico preto e eucalipto,

também razoável, diz que não usa remédio de farmácia a trinta e tanto anos! "O que cura mesmo é nosso remédio!"

Dona Maria do Socorro Silva, residente em Teresina, foi criada numa família de rasteiros. Como os outros, também é curandera. Por outro lado, diz que procura os médicos as farmácias. "As vezes tem caso que só serve com os médicos e farmácias. Mas muita coisa aqui é medicinal, serve." Ela recomenda chás de eucalipto para gripe, enxampagem

Cultura Popular



na Socorro. "Febre alta: sou acostumada a curar meus filhos com isso ali (mamuscada). Pra mulher de res guardou, nada melhor que alfazema queimada na cachaça. Pra criança o chazinho também serve."

Todos os raizeiros vendem a "usina de mescle" ou "resina de mescle" para defumar ou contra sinusite. A favada e o alecrim, também são para banho, assim como a jardineira. Dona Maria do Socorro Silva, além do defumador, usa uns chifres para se defender de olho grande, de inveja, de feitiço, de tudo que não presta e até para afastar o diabo debaixo da cama! Como se pode ver, a superstição caminha lado a lado com a medicina popular.

Outro aspecto importante dessa interessantíssima pesquisa é com relação à utilidade das raízes que geralmente servem para várias enfermidades ao mesmo tempo, além do que, na sua maioria, são as mesmas. O tipi, o angico, a sursupira, a batata-da-ciência, estão na banca de todos os três entrevistados.

Além disso, é importantíssimo frisar que essas pessoas fazem dessa atividade seu meio de subsistência e se valem de uma clientela com postos de humens, mulheres com problemas uterinos, e gente que procura remédios para resfriado. Haja vista a infinitude de remédios nas bancas do Mercado Central para doenças venéreas, do útero e para constipação.

Foto: Fernando Miraúla

■ Febre alta: Ferve, faz o chá, abafa o borm. Para constipação e limpeza, ela recomenda chá de jardineira rara, e casca de chapada para: intestino, sifilis e vírus. E no chá, bota de malva, põe na geladeira, e pôde tomar o dia todo se quiser. A imbuta na-bicheira serve para constipação, uripe, febre, para lavar a cabeça, para banho em criança, para se ramo e catapora.

O pau de leite ou janagubo é bom para "suspenção" e para o sangue. A batata de purga serve

de sopa três ao dia, não esquecendo de pôr entre as sementes e deixar curtir por 24 horas. E sementes de girassol? Nove sementes fazem o chá, stimo para "lepsia" (leprosia). Todo tipo de doença, segundo D. Socorro, você resolve com imbirinha (chá ou na cachaça). "A mamuscada e o pixiri servem para derrame cerebral, entacão, 'lepsia'. Se a criatura fiver sem fala, coloca a raypa debaixo da língua que fala. Fizeram isso com meu menino na hora que ele chegou no hospital", diz D.

COORDENAÇÃO DA PESQUISA
— Liana Monteiro de Carvalho

PESQUISADORAS — Dona Medeiros de Lima — Coordenadora de Assuntos Culturais do DAC
Fernanda Da Costa e Silva

REDAÇÃO — Ana Miranda

PRÉMIO ESPECIAL MANUEL BANDEIRA

Em homenagem ao centenário de nascimento do poeta, o Instituto Nacional do Livro está lançando o PRÉMIO ESPECIAL MANUEL BANDEIRA para ensaios inéditos sobre sua obra.

As inscrições para esse concurso nacional estarão abertas na sede do INL (SCRN-Q, 704/705 - Bloco C - nº 40 - 70.730 - Brasília - DF), de 01 de abril a 31 de julho; e cada trabalho, de no mínimo 60 páginas datilografadas, deverá ser enviado em 03 (três) vias, assinadas sob pseudônimo. Em envelope fechado que acompanhe os originais, o autor deverá encaminhar uma ficha contendo sua identificação e endereço completos. As obras poderão ser enviadas pelo correio,

DE VOLTA O THEATRO ABERTO

O Theatro 4 de Setembro, sob a direção da professora Alda Fortes Caddah e José Afonso de Araújo Lima, voltou a executar o Projeto Teatro Aberto, com vistas a apoiar os grupos locais.

A abertura da temporada aconteceu, em 31 de janeiro, com a peça de Francisco Pereira da Silva *Os Dois Amores de Lampião antes de Maria Bonita e só Agora Revelados*, produzida pelo Grupo Harém e dirigida por Alimatan Martins.

Nada menos de 10 grupos teatrais serão convidados a participar do Projeto, nas áreas de música, teatro e dança, reunindo, assim, as melhores produções do Estado.

Foto: S. Notícia
500 cruzados para o segundo lugar e Cr\$ 600 cruzados para o terceiro prêmios entregues pelo presidente da PIEMTUR, David Ribeiro da Silva, e pela subsecretária de Cultura Desportos e Turismo, Lena Monteiro de Carvalho, respectivamente.

MINC DESTINA VERBA À SECTUR

O Ministério da Cultura vai aplicar Cr\$ 1 milhão e 800 mil cruzados no Piauí através da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, conforme convênio firmado entre o secretário Jesualdo Cavalcanti e o m-



O Grande Prêmio Kart

sob registro cuja data será considerada como a de inscrição.

O ensaio classificado em 1º lugar entrará na programação editorial do INL, além de receber um prêmio no valor de Cr\$..... 15.000,00 (quinze mil cruzados). Os classificados em 2º e 3º lugares receberão, respectivamente, Cr\$..... 10.000,00 (dez mil cruzados) e Cr\$..... 5.000,00 (cinco mil cruzados). Todos os vencedores terão direito ao diploma concedido pelo INL.

II GRANDE PRÊMIO DE KART CIDADE VERDE

O secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti, fez a entrega de Cr\$ 1 mil para o vencedor do II Grande Prêmio de Kart Cidade Verde, realizado dia 19 de outubro na Prainha. Na ocasião, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e a PIEMTUR festejaram o Dia do Piauí oferecendo ainda Cr\$

mistro Aluísio Pimenta, dia 27 de dezembro, em Brasília.

Com os recursos será restaurada a Usina Maria Bonita, em Fluminense, readaptada para funcionamento de um espaço cultural. Está também prevista a inclusão da Casa de Cultura da Corrente, além da execução de outros projetos importantes na área da cultura.

Em 1986, o MINC programou aplicar no Piauí a soma de Cr\$ 3 mil cruzados

Conto

MARIA, ESTRANHA FLOR DA CHAPADA

Ailton Sampaio Araújo

"Caminho solitariamente pelas ruas de minha cidade, e guardo-me para desvendar seus enigmas".

Paulo Machado

Maria, porta a sete chaves, segredo entre rios, mentira e verdade, cabeça imensa, crespos cabelos de lodo, olhos vermelhos. Que no mistério aíras haverá?

Dizem tanta coisa, tecem tantas telas, traçam inventivas, labirintos, estórias, mentem, mentem, e vige a verdade, fábula de carne e osso, mirada maltrapilha, andarilha, Maria, encanto e espanto de águas indígenas, espanto e encanto de terra triqueira, guarda de coriscos e mistérios, sol é lendas, esquinas e peçados, crimes, impunidades, formosuras, estranhezas — o velho Pedro, a casa de pedra, o bairro de pedra, o homem touro, o delegado que é lobo e é homem nas noites de quinta pra sexta ouvia a lua cheia, a vezz porca de narinas de fogo, o adro da igreja, o cruzero, uma linda mulher acende o seu cigarro ao poste e com ela não se pode. Maria é sua sônia, maldição, a cabeça imensa, os crespos cabelos de lodo, os olhos vermelhos, Maria e sua formosura, Maria e sua história, entrancada, emburrada, embranizada, segredo, enigma, charada na Chapada,



— monstro!
Não, ele não devia tratar você assim, não devia,

— monstro!
Apodo, achincalhe, ofensa, faca na alma,

— monstro!
E no seu coração só luas cheias, estrelas, pirlampoms, libélulas,

— monstro!

E na sua boca só resmungos, queixas, amores, pragas, vaticínios, monstro!

Não, ele não, ele não podia sangrar você assim, que apodasse, que ferisse, que magrassem, havia os despachos, os amuletos, os esconjurados, a mandinga, o rio e o rio, mas ele não, ele o gerou, durante sete luas cheias ele o gerou, o ventre do pai, e o ventre do pai parecia criaturas admiráveis, e a filha vezas muitas amava o pai, a filha amava o pai,

— monstro!
Não, ele não, o pescador era pai, o pescador era ancião, o pescador era sábio, e ela, ela só queria abraçá-lo, tecer uma carícia, um dengue, um titim, afago, ternura, meiguice,

— monstro!
Palavras entre dentes doem, boca que grita ira queimou, olhos em lagrimas esturricam coração que é flor,

— monstro!
Então ele não a engendrara? Então ele não a pusera do ventre ao mundo? O povo fala tanto, cada fôfo de palavra dá tanta história, tanta

trama, tanta teia, que Maria sangrou sete vezes o coração do velho, que Maria arrancou-lhe os olhos, que Maria cortou-lhe a língua, que Maria enterrou vivo, que Maria, que Maria, que Maria, que, que, que,

— monstro!

Tantos relatos, tantas narrativas, tantas verdades,

— monstro!

Bofetada, faca no coração, alma estrangulada,

— monstro!

Existem porém os poetas, e os simples, e os rios, e os poetas, e os simples, e os rios te acolhem, te guardam, te mimam, te regam nos crepuscúlos e nas auroras, nas cheias do Poti e do Parnaíba quando nas crespas águas desce, traquinhas e sapéca, estranha, você bole com os pescadores, você bole com as lavadeiras, você bole com os banhistas, aparece encantada, parece mentira, parece verdade, que enigma na chapada*, triqueira moça de tostada terra, sofrida terra, terra linda, terra de coriscos e trovões, ô fragmentos de imperatriz, eu te amo, eu te quero, eu te gosto, as tuas ruas, as tuas praias, os teus quintais em agonia, a tua lua, o teu sol, os teus mistérios, o Parnaíba, o Poti, Maria,

— monstro!

O velho Crispim irado, os peixes rareavam, os rios morriam, o tempo de fartura já se ia longe, tempo de boa pesca, os cambos cheios, a venda

farta, tempo de Crispim menino, de Crispim moço, os crespos cabelos agora brancos, completamente brancos, os dedos magros enfiados neles, o rosto só rugas entre as mãos, a cabeça baixa, os cotovelos ficados nas pernas, e essa menina a me dizer denguiões, e essa menina a me acarinhá, a vida braba e elas a bobar, a vida braba, a vida dura, a vida cretina.

— monstro!

Desde o primeiro instante que sahia, desde que sentiu a barriga crescer que atinou com a estranheza,

— monstro!

Foram sete luas cheias, sete luas cheias em que ele a carregou no ventre crescido, a barriga grande,

— monstro!

Todos os olhos lhe tinham terror mas todos os olhos o curiavam, sete luas cheias de estranheza e espanto, sete luas cheias de amor e ódio, ora as mãos a afagar o volumoso ventre, ora a face pronta a acabar com tudo,

— monstro!

Sussurraram entre os dentes certados, o ser nas mãos, a cabeça imensa, os olhos vermelhos, os olhos terrivelmente vermelhos.

— monstro!

Pensou em matá-la, infinitas vezes pensou em matá-la, sempre a face ficou suspensa, os olhos nadando em lágrimas, a face suspensa,

— monstro!

Toda as bocas assim chamavam, todas as bocas, todas as bocas.

— monstro!

E ela se escondia nos rios, amiga dos rios, quedava-se neles horas e horas e horas, as pernas abertas, as águas a lhe vararem o sexo, ela gemia de gozo, contorcia-se de prazer, os rios a cobriam, a queriam, a condiam, dela só a cabeça imensa se via a boiar,

— monstro!

A palavra sempre presa na garganta, o amor vencendo o asco, a palavra morria na garganta, sem som,

— monstro!

Queria feri-la e não queria feri-la, queria vingar-se das horríveis sete luas cheias e as maravilhosas sete luas cheias sujigavam a vingança, a palavra áspera morria na garganta,

— monstro!

Os olhos de Crispim fora das órbitas, os dentes rilhados, facas lhe saltam da boca irada, apodre, atingalhe, ofensa,

— monstro!

Ela tapa os ouvidos, ela sucade a cabeça imensa, enfa os dedos nos crespos cabelos de lodo, os olhos sangram, Maria sangra, desabala para o rio, se aconchega nas águas, o corpo imenso, a imensa cabeça boiando, seis meses no Póti, seis meses no Parnaíba, transa com os pescadores, vira-lhe as cancas, rasga-lhe as tarras, vezes muitas fuga-se num aro, repuxa-o-e, róbata, vem à toca, a cabeça imensa, os crespos cabelos de lodo, os olhos vermelhos, pânicos e

encanto, esconde as roupas das ledeiras, helisca a bunda dos baniás, travessa menina, filha de Crispim, o da cabeça grande, o da caça que nem uma cujuba, que nem uma cuia,

— monstro!

Ele sabia, sempre soube, tinha a cabeça grande, mas os seus cabelos eram verdes nem vermelhos nem os seus olhos,

— monstro!

Sim, diziam, diziam muito e ele matara a mãe, eu não me lembro que não me lembro, só atinco junto aos rios, o corpo imenso a cabeça grande boiando,

— monstro!

A barriga crescendo, sete luas cheias, e quando por fim ela chorou quis matar ela, e quando a lhe ficou suspensa em chorando disse: — vai se chamar Maria, e vi que tinha cabelos verdes que eu não tinha, e vi que tinha olhos vermelhos que eu não tinha, e sete dedos cada mão, e coxas de mulher, e si de mulher, eu disse fazendo o sí da cruz você vai se chamar Maria, ela ficou se chamando Maria, e a cabeça imensa, e crespus cabeças de lodo, e olhos vermelhos, e baba flor das águas, a metade do ano Póti, a outra metade no Parnaíba adora travessuras, e adora ir para um monstrinho, na verdade é um monstrosinho nosso de cada dia poética estranheza de uma cidadezinha pequena cidade na zona terra do Nordeste do Brasil...

Agora você pode tirar da gaveta aquele livro que escreveu e não tinha como publicar. O Governo Hugo Napoléon, no sentido de estimular a produção literária, criou o Projeto Petrólio Portella para editar livros que refletem o Piauí, seu povo, sua cultura.

Rua Miguel Rosa, 2330 - Teresina - PI

Secretaria de Cultura
Desporto e Turismo

GOVERNO
HUGO
NAPOLÉON



PROJETO
PETRÔNIO
PORTELLA



Análise crítica

Fernando Pessoa

A CRIAÇÃO HETERONÍMICA

Aumentar o mundo com personagens fictícios foi uma necessidade que surgiu em FERNANDO PESSOA, desde a sua infância. Segundo o próprio poeta, o aparecimento delas se deu, por volta dos cinco anos de idade, com a criação de um Capitão Thibaut e de um Chevalier de Pas. Essa tendência, contudo, não desapareceu com a infância. Enraizou-se nele e tornou-se a forma natural de seu espírito.

M. P. Socorro Neiva Nunes Rêgo
professor de Literatura Portuguesa
da UFSC

"Hoje já não tenho personalidade, quanto em mim haja de humano, eu o divido entre os autores vários de cuja obra
sendo só o executor. Sou hoje o ponto de reunião de uma
humanidade só minha".¹

"Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros
espelhos fantásticos".²

Havia, portanto, bem nítida, em Fernando Pessoa, a
consciência da pluralidade, da multiplicidade de si próprio.

No poema "Passagem das Horas" declara:

"Multipliquei-me, para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me,
Ei em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente".³

O nascimento da família heteronímica pessoana data de 1914. Alberto Caeiro, o mestre, teria dado origem a dois discípulos - Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Todos eles, inclusive o Ipse, são personagens distintos entre si e distintos daí, Fernando Pessoa. Constituem, assim, desdobramentos de personalidades ou invenções de personalidades diferentes.

Pessoa (Ele mesmo) é o marcado pelo questionamento metafísico do ser - a si e a tudo interroga, o que gera uma angústia de penetrar no mais profundo sentido do ser e do mundo.

"Oh, canta, canta sem razão!
O que em mim sente, está pensando."⁴

"Ah! poder ser tu, sendo eu!
Ser a tua alegre inconsciência,
E a consciência disso! O céu!
O campo! O círculo! A ciência,

"Pesa tanto e a vida é tão breve!
Entrei por mim dentro! Tornai
Minha alma a vossa sombra leve!
Depois, levando-me, passai!"⁴

Embora sabedor da angústia de ser consciente, há na sua alma a obsessão do raciocínio, o vício de pensar.

"Furia nas trevas o vento
Num grande som de alongar.
Não há no meu pensamento
Senão não poder parar."⁵

Os poemas da obra ortônima são marcados pela
inventividade, pela ausência do rigor formal, pela emoção e pela
musicalidade.

"Leve, breve, suave,
Um canto de ave
Sobe no ar com que principia
O dia.
Escuro, e passou...
Parece que foi só porque escutai
Que partiu."⁶

Alberto Caeiro é o mestre bucolico, o panteista, o
conciliado consigo mesmo e com o mundo. Os seus versos
são livres, naturais.

"Sou fácil de definir.
Vi como um danado.
Amei as coisas sem sentimentalidade nenhuma.
Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca
queri.
Mesmo ouvir nunca foi pra mim senão um acompanhamento
de ver.
Comprendi que as coisas são resis e rodas diferentes uma das
outras,
Comprendi isto com os olhos, nunca com o pensamento.
Compreender isto com o pensamento seria achá-las todas iguais.
Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.
Fechei os olhos e dormi.
Além disso, fui o único poeta da Natureza".⁷

A metalinguagem encontra-se presente na obra de Caeiro. Pode-se constatar, em alguns dos seus poemas, uma crítica reflexiva sobre a poesia tradicional.

"E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas..."

Que triste não saber florir!
Ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um muro.
E ver se está bem, e tirar se não está!...
Quanto a única casa artística é a Terra toda
Que varia e está sempre bem e é sempre a mesma."⁸

Enquanto Pessoa (ele-mesmo) privilegia o pensar, Cacito condena qualquer atividade conceitual, privilegia o sentir.

"O espelho reflecte certo, não em porque não pensa. Pensar é essencialmente errar. Errar é essencialmente estar cego e surdo." 9

"O essencial é saber ver. Saber ver sem estar a pensar. Saber ver quando se vê. Nem pensar quando o se vê. Nem ver quando o se pensa." 10

Sobre Cacito afirma Pessoa:

"A vida de Cacito não pode narrar-se, pois que não há nela de que narrar. Seus poemas são o que houve nele de vida." 11

Ricardo Reis é o neoclássico, o conciliado por esforço. Recorre à saliedoria dos antigos numa tentativa de encontrar solução para os seus problemas. Há na sua obra uma retomada do classicismo antigo.

"Não consentem os deuses mais que a vida. Tudo pôs refusemos, que nos alce."

A irrespirável pincelada, Perenes sem ter flores. Só de aceitar tenhamos a ciência. E, enquanto bate o sangue em nossas fontes, Nem se engelha conosco. O mesmo amor, duremos, Como vidas, as horas transparentes. E deixando descortar a chiva triste. Só morremos ao sol quente, E refletindo um pouco." 12

Os versos de Ricardo Reis são contidos, cortos.

"Quer pouco; tem tudo. Quer nada; será livre. O mesmo amor que tenham Por nós, quer-nos, opime-nos." 13

Destacam-se neles um tom latinizante e um vocabulário crúido.

"Saudito inútil de astros dominantes, Passageiros como eu, vivo uma vida Que não quero nem amo, Minha porque sonha,

No ergástulo de ser quem sou, contudo, De em mim pensar me livro, olhando no alto Os astros que dominam Submissão de os ser brilhar." 14

Alvaro de Campos é o poeta futurista. Os seus versos são livres, desencadeados, uma espécie de prosa poética.

"E eu, que amo a civilização moderna, eu que beijo com a alma as máquinas Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro, Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vida só veleiros barcos de madeira. De não saber d'outra vida marítima que a antiga vida dos mares! Pois que os mares antigos são a Distância Absoluta, O Pôm Longe, liberto do peso do Atual..." 15

Sobre ele assim se expressou Ricardo Reis:

"O que verdadeiramente Campos faz, quando escreve em verso, é escrever prosa ritmada. Campos é um Grande prosador, um prosador com uma grande ciência de ritmo." 16

Poeta sensacionista, Alvaro de Campos busca, com uma finta euforia, captar a realidade, o que concorre, às vezes, para uma conquista dispersão do sujeito.

"Eu, o poeta sensacionista, enviado do Acaso Às leis irreprensíveis da Vida," 17

"Vivai por mais termos do que aquelas em que toquei... Vírias paisagens do que aquelas em que pus os olhos... Experimentei mais sensações do que todas as sensações que senti. Pois que sentisse, sempre me faltou que sentir. E a vida sempre me doeu, sempre foi pouca, e eu infeliz." 18

Há, na obra de Alvaro de Campos, uma evolução. Enquanto alguns dos poemas apresentam uma visão entusiástica do poeta em relação ao mundo contemporâneo, outros trazem marcas de desilusão, de desencantamento. Esta última fase é denominada por José Clécio como depressiva. 19

"A dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica Tenho febre e escrevo. Escrevo rangendo os dentes, fera para a bela disto. Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos." 20

"No dia triste o meu coração mais triste que o dia... Obrigações morais e civis? Complexidade de deveres, de consequências? Não, nada... O dia triste, a pouca vontade para tudo... Nada..." 21

Leyla Perrone-Moïses, focalizando a ficção heteronímica diz que ela surgiu, não decorrente de uma riqueza, mas de uma falta de SFR, de um excesso de desejo.²²

Realmente, o excesso de desejo, uma fônia de SFR aparecem claramente em muitos poemas de Fernando Pessoa e, especialmente, em Alvaro de Campos.

"Sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,
Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos:
Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo."²³

Explicar o fenômeno da heteronomia não foi o nosso objetivo no presente trabalho. O que pretendemos foi, numa vez mais, destacar a riqueza da criação heteronímica e a sua importância para a compreensão do universo poético pessista.

NOTAS

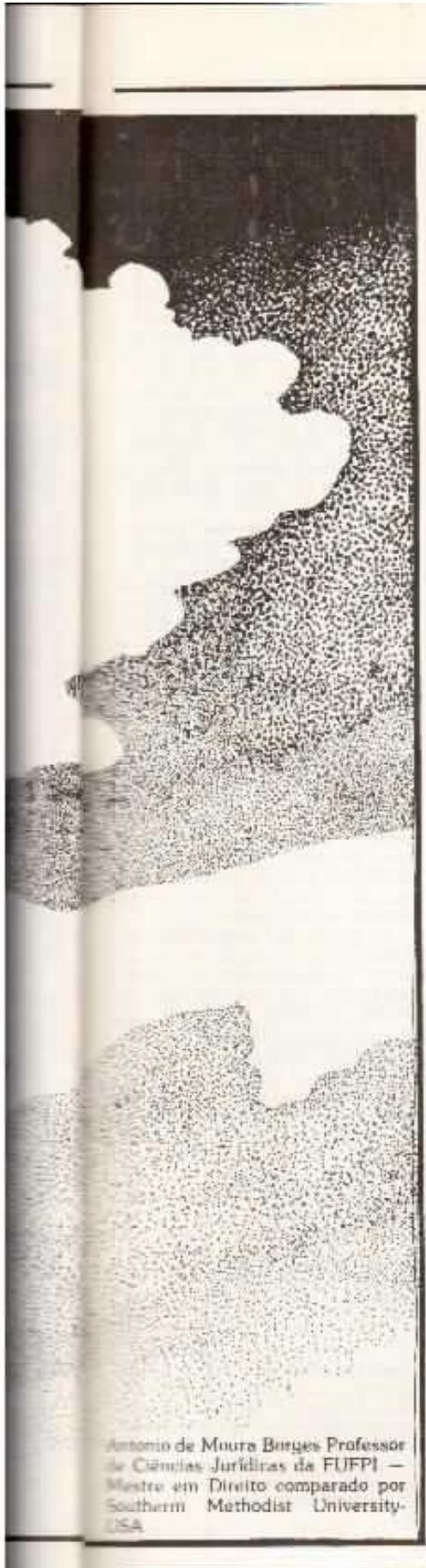
- (1) PESSOA, Fernando. *Páginas Intimas e de Auto-Interpretação*. Atica, Lisboa, 1966, p. 102.
- (2) Ibidem, p. 93.
- (3) PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Aguilar, Rio de Janeiro, 1977, p. 345.
- (4) Ibidem, p. 144.
- (5) Ibidem, p. 160.
- (6) Ibidem, p. 140.
- (7) Ibidem, p. 237.
- (8) Ibidem, p. 222.
- (9) Ibidem, p. 235.
- (10) Ibidem, p. 217.
- (11) PESSOA, Fernando. *Páginas Intimas e de Auto-Interpretação*. Atica, Lisboa, 1966, p. 330.
- (12) PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Aguilar, Rio de Janeiro, 1977, p. 260.
- (13) Ibidem, p. 254.
- (14) Ibidem, p. 291.
- (15) PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Aguilar, Rio de Janeiro, 1977, p. 319.
- (16) PESSOA, Fernando. *Páginas Intimas e de Auto-Interpretação*. Atica, Lisboa, 1966, p. 397.
- (17) Ibidem, p. 347.
- (18) Ibidem, p. 342.
- (19) QUINTADO, José Clecio Basilio. *O Conteselado Fernando Pessoa*. Imago, Rio de Janeiro, 1976, p. 102.
- (20) PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Aguilar, Rio de Janeiro, 1977, p. 306.
- (21) Ibidem, p. 373.
- (22) PEREIRAS - MOISÉS, Leila. *Fernando Pessoa aquém do eu, além do outro*. Martins Fontes, 1982, p. 89.
- (23) PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Aguilar, Rio de Janeiro, 1977, p. 344.

MARIA DO P. SOCORRO NEIVA NUNES DO REGO
PROFESSORA DE LITERATURA PORTUGUESA DA FUPPI.



A Guerra e o Direito a Vida

Manoel
Campos
86



Antonio de Moura Borges Professor de Ciências Jurídicas da FUFPI — Mestre em Direito comparado por Southern Methodist University USA

Gerais

Muito se tem dito e escrito acerca do fenômeno guerra. São conhecidos os malefícios que ela acarreta, não somente à população, mas, até, à economia dos países belligerantes. Com o desenvolvimento da ciência e dos meios de comunicação, proliferaram, nos tempos atuais, as organizações internacionais. Dentre os motivos de criação dessas organizações, destaca-se como o mais importante a manutenção da paz na comunidade internacional. Com efeito, o art. 1º da Carta das Nações Unidas declara como propósitos da ONU — organização internacional de caráter mundial por excelência —, dentre outros, manter a paz e a segurança internacionais. Apesar dos invariáveis esforços da ONU, muitos dos quais com resultados benéficos, ela infelizmente não tem impedido a irrupção de diversas guerras no nosso planeta.

A guerra é uma constante na vida dos povos. Ela sempre existiu e sempre poderá existir. Examinando a história antiga, verifica-se que mesmo os deuses da Grécia e de Roma lutavam entre si, e os livres sacerdos de todos os povos dão conta de encontros sangrentos.

No antigo mundo, os povos viviam em acenado isolamento. Reuniam entre eles sentimentos hostis em relação à estrangeiros, os quais eram considerados inimigos. As guerras, nessa época, pois, envolviam todos os habitantes de países em luta, visto que todos eram considerados belligerantes. Os sobreviventes do país vencido eram transformados em escravos, os quais prestaram relevantes serviços na construção de fortificações, monumentos públicos e palácios reais.

Com o surgimento do Estado Moderno e a consequente criação de exércitos permanentes, a guerra passa a ter nova concepção: os lutantes travavam apenas pelas forças combatentes.

Neste século, todavia, a guerra volta a ser geral, dela participando toda a população dos países em contenda. Indústrias e fazendas passam a priorizar, tanto em vista às necessidades da guerra. Ademais, uns ares, avires de passageiros são derrotados; nos

mares, navios mercantes são afundados, e cidades inteiras são destruídas, dizimando milhares de pessoas, como em Hiroshima e Nagasaki.

Apesar das cílicas que são dirigidas à guerra, essa continua também com os seus defensores. Alegam estes, dentre outras coisas, que ela é imprescindível ao desenvolvimento da civilização e da cultura.

São constantes as controvérsias internacionais, que, se não solucionadas por meios diplomáticos ou jurídicos, podem transformar-se em guerra. Suas causas são em maior diversidade, sendo geralmente classificadas em políticas ou jurídicas. Na primeira, entretanto, nem sempre é fácil distinguir as controvérsias de natureza política das de natureza jurídica. "As de caráter jurídico podem resultar: a) da violação de tratados ou convenções; b) do desacatamento, por um Estado dos direitos de outro; c) da ofensa a princípios correntes de direito internacional, ou possessão de um cidadão estrangeiro. As de caráter político envolvem apenas desejos de interesses políticos ou econômicos; ou resultam de operações visando a dignidade de um Estado" (Hildebrandt Accioig, Manual de Direito Internacional Público, 11 ed., 5ª tiragem, São Paulo, Saraiva, 1985, p. 242).

Atualmente, o mundo — dividido em dois blocos, o comunista, liderado pela União Soviética, e o capitalista, sob a direção dos Estados Unidos — vive em eterno conflito, tal qual que passou a chamar-se de "guerra fria". Quase todos os países do mundo, especialmente as duas superpotências, a pretexto de se aparelharem para eventual defesa, utilizam a técnica e a ciência para fins de destruição, criando novas armas, cada vez mais poderosas.

A causa da guerra fria parece ser de caráter político, pois as duas superpotências ambicionam por novos mercados e novas fontes de matéria-prima e tentam, a todo custo, exportar as suas ideologias.

Sendo constantes as controvérsias entre Estados, podendo transformar-se em guerra, importa analisar-se da necessidade da existência do Estado, assim como das razões profundas pelas quais o

homem lhe obedece, a ponto de ser constrangido a participar de conflito armado, ou se, ao contrário, não é o Estado que se subordina ao homem. Trata-se de assuntos antigos e muito polêmicos. Ao longo da história, os muitos pensadores que ocuparam este tópico, cada um, opinião própria sobre a questão, com base nos mais variados argumentos.

Não há dúvida acerca do caráter social do homem. Antes de Defoe, com o seu *Rohimón Crusoe*, vários autores tentaram imaginar alguém em terra desabitada, mostrando a dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de o homem viver isoladamente. A vida em sociedade, é pois, uma necessidade premente do homem, a fim de desenvolver plenamente a sua personalidade e encontrar o auxílio mínimo de que carece. Ademais, para se proteger contra o egoísmo e o espírito de injustiça imanente no coração de muitos, ele necessita de normas que pantem a sua conduta, e de uma autoridade superior que garanta a paz e a ordem no grupo social. Resta saber se o Estado é o meio mais idôneo para que se alcance estes importantes fins.

O problema da justificação do Estado tem sido por demais estudado. As teorias que o justificam podem ser classificadas em pecaminosas e teológicas. As primeiras tentam demonstrar que somente o Estado está apto para garantir a defesa, a ordem e o desenvolvimento dos indivíduos, apesar de a sua existência ocasionar a estes determinadas desvantagens. As últimas partem da idéia de que o Estado resulta de uma vontade divina (ver Reinhold Zippelius, *Teoria Geral do Estado*, Tradução de Antônio Cabral de Moraes, 2. ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, p. 255 e ss).

Ao lado das teorias que justificam o Estado, existem as teorias anarquistas, que negam a

necessidade de sua existência. São estas passíveis de crítica pelo seu exagerado otimismo, ao afirmarem a sociabilidade, ao amor ao próximo, à razão, força suficiente para manter a ordem na sociedade.

O Estado, dessa maneira, até que se errei algo que o subsistema, é imprescindível à vida em sociedade. Pode ele tentar moldar toda a comunidade, penetrando o máximo possível em todos os aspectos da vida dos indivíduos, ou, ao contrário, eximir-se ao máximo dessa tarefa, respeitando especialmente determinados aspectos da vida, considerados fora de suas atribuições. Aquela se denomina Estado totalitário e, este, Estado liberal. A grande maioria dos Estados encontra-se em algum lugar entre os dois tipos acima referidos, tendendo mais para o totalitário.

E o nosso tempo caracterizado por acentuado nacionalismo, tratase de sign patenté e que não foi absolutamente previsto pelos pensadores dos séculos XVIII e XIX (para maiores detalhes, consultar Bertrand de Jouvenet, *Los orígenes del estado moderno - História de las ideas políticas en el siglo XIX*, Tradução de Gerardo Novas Pelegrín, Madrid, EMESA, 1977, pp. 395 a 401). Em outras palavras, observa-se, atualmente, um certo endeusamento do Estado. Devido à sua tendência totalitária, o Estado reduz ou extingue a liberdade intrínseca dos indivíduos por meio de propaganda política, realizada através do rádio, da televisão e da imprensa.

E evidente a inversão de valores predominantes nos dias de hoje. Efectivamente, o Estado é organização posterior ao homem. Ele não é fim em si mesmo, mas meio para a consecução dos fins humanos, devendo, assim, respeitar os direitos de personalidades, que são inerentes à natureza humana.

Dentre os direitos de personalidade, subressai, pela sua importância, o direito à vida, pois dele

dependem todos os demais direitos. Deve o direito à vida ser respeitado por todos, inclusive, e claramente, pelo Estado, que como atribuição sua provê segurança na sociedade, e como combater possíveis causas morte, como a miséria, a fome, epidemias.

Nada justifica, num prazo jurídico, possa o Estado obrigar cidadãos seus a partirem de guerra, pondo sua própria vida em risco. Infelizmente legislação de quase todos os países do mundo prevê sanção àqueles que se recusam a participar de guerra, até aqueles que se exigem prestas serviço militar em épocas pacíficas, mesmo que por fundada razão de consciência.

As guerras não são travadas com o objetivo maior de defender interesses da coletividade, maioria das vezes, seus objetivos meramente políticos. Que de exemplo, a mais recente, ocorrida na América do Sul encetada pela Argentina contra Inglaterra, a fim de despossuir das Ilhas Malvinas. Viiram com isso os militares argentinos, a promoveram, a desviar a opinião pública daquele país das desmaias que ali praticavam, para perseguir o poder. E o que dizem a primeira e a segunda guerra mundial? E das guerras da Coreia e do Vietnam? Teriam hoje americanos motivos para se achar da morte, nas selvas do Vietnam, de consideradas seu?

As guerras de nenhuma forma se justificam, momentaneamente, com o desenvolvimento da democracia e do Direito Internacionais. Estudos dispõem de numerosos meios de solução pacífica das controvérsias internacionais.

*Professor do Departamento Ciências Jurídicas da UFPI, mestrado em Direito Comparado, Southern Methodist University, USA.

PARA SEU CONTROLE Despeje este cartão e passe

cheque nº _____
Banco: _____
data: _____

PRESENÇA

FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ
Pra. Maranhão, 1000, 86010-000
Fone: 323-4657
CEP: 64000-000 - Teresina - Piauí

PEDIDO DE ASSINATURA

PRESENÇA

SIM. Desejo fazer uma assinatura da revista PRESENÇA pelo período de 1 ano no valor de Cr\$ 20,00

Anexo cheque nº _____
de Banco: _____
a favor da FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ
Praca Maranhão, Despacho 860-C
Fone: 323-4636 - R. 21 CEP: 64000

Nome: _____	CPF: _____
Endereço: _____	Estado: _____
Numero: 00000000000	CEP: _____
Nome: _____	Nome: _____
Nome: _____	Nome: _____

Memória

Djalma Carvalho Nogueira, presidente
"Instituto Histórico de Artesanato Piauiense"
de Leme.

A Talha no Piauí. Retábulo-II

Esboçada em trabalho anterior subordinado ao mesmo tema, uma primeira tentativa de compreensão artística da talha dos retábulos no Piauí, propomo-nos dar continuidade à referida análise, estudando outros lugares. Ainda na catedral de Oeiras - "nas igrejas paroquiais não se fundavam capelas sem as doiar de retábulos" (1) - cujo altar-mor foi-nos inspiração e tema, encontram-se quatro outros, antigos, também de muito significado para a história de nossa arte. Segundo Victor Tapié em sua obra notável que é **Barroco e Classicismo**, trata-se (o estudo da talha de retábulos) dum vasto campo documental, que os historiadores têm desprezado muito, sobre as ideias, a sensibilidade religiosa e o gosto de muitas gerações.



Santo Antônio, no arco-cruzeiro
da Sé.
A santidad magnifica

Oeiras - Nossa Senhora da Vitória Retábulos do Arco-Cruzeiro

Ladeando o monumental arco-cruzeiro da cantaria da Matriz de Nossa Senhora da Vitória, estão os altares de Santo Antônio (Evangelista) e de São Miguel Arcanjo (hoje a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro), lado da Epístola. Simetricamente dispomos entre as molduras do arco e as quades laterais da grande nave, esses pequenos retábulos, sobre serem os mais graciosos da igreja, são, de fato, os de melhor feitura e gosto artístico. Semelhantes na forma e na composição, destacam-se pela proporcionalidade do conjunto definido por colunas de capitel coríntio. As arquitraves sustêm subertos baldaquinos que se constituem nos melhores elementos de decoração em talha de toda a igreja. O camarim, pouco profundo, quase um nicho, tipo oratório doméstico, ocupa, praticamente, o intercolúnio; caracteriza-se, sobretudo, pela proporção latero-lateral e tem a estipitebrechlo, apenas, grossa porta envidraçada. A banqueta tem-se renovado parcialmente



Catedral,
São Miguel Arcanjo, hoje
de N. S. do Perpétuo Socorro
Arco-Cruzeiro

a cada restauração mas, conserva o estilo primitivo tomada da capela-mor. Nesses retábulos agnudam, isoladamente, a par da proporcionalidade do todo, as colunas de fuste cingido com entalhe floral e as saias de volutas e conchas harmônicas.

Capelas do Transepto

As capelas do transepto são, em Oeiras, dedicadas ao Santíssimo Sacramento e a Bom Jesus dos Passos, padroeiro do maior devocionário local. Comunicam-se com a nave central por grandiosos arcos da mesma laje e da mesma cantaria do Cruzeiro, guarnecidos de magníficas portas em talha salomônica. Os retábulos ocupam completamente as paredes de fundo e têm piano em módulos bem delimitados, na mes-

ma linha de composição. No corpo do retábulo propriamente dito, abre-se, intenso, o cumarim, enquadrado por pobres apainelados de madeira. Nos dois lados considera a presença de volutas, como suporte das colunas do corpo superior, a força da arquitetura e a ideia de cúpula conseguida pelo ariante do camarin. Ainda, o aparecimento primeiramente, nas colunas, de caneluras tão ao gosto do rococó. Na Capela do Solissimo encontra-se extraordinário nicho de nossa melhor talha que pertence ao retábulo (destruído) da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

O mesmo conjunto (Santíssimo Sacramento da Catedral) integra sacristia da mais fina expressão artística, trabalhado à imitação de pequeno retábulo, em módulos limitados por colunas toras que destacam, na pormenor em arco abatido, magistral alto-relevo do milagre da resurreição. Na Capela do Bom Jesus, a banqueira abriga imagem jacente do Senhor.

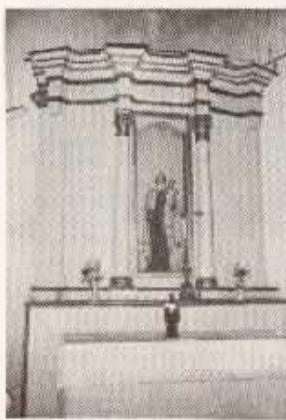
Dispostos simetricamente e em diagonal ao Arco-Cruzeiro, estão, no Rosário, os altares de Nossa Senhora do Carmo (Evangelho) e Santa Luzia, lado da Epístola. De mesma talha e composição, acha-se o último em melhor estado de conservação. O de Nossa Senhora do Carmo perdeu as colunas distais de que não restam sequer pilares e capitéis. Constam, no conjunto, de base e frontal planas, apontando-se naquela, os ele-

mentos de sustentação da arquitetura. Como referido, duas dessas colunas de fuste liso e capital coríntio enquadram o retábulo como um todo e duas outras (as centrais), o nicho de pórtico mais trabalhado em Santa Luzia. Ressalte-se, aliás, a extraordinária proporcionalidade das peças. Estes retábulos chegam a impressionar pela elegância, efeito que soube tirar, da simplicidade, o artista excepcional. Também aqui se destacam os baldaquins de açoitudo e talha inquestionáveis.

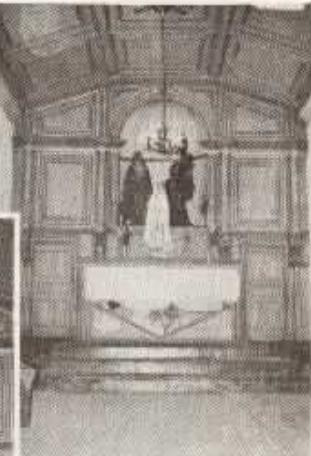
Altars do Coração de Maria e São Vicente (Instituto Histórico de Oeiras)

As antigas sacrarias laterais à capela-mor da Catedral, elevadas à dignidade de capelas, foram dedicadas, a do lado da Epístola ao Coração de Maria; a do Evangelho, a São Vicente de Paulo. Os retábulos existentes até a última restauração datam, o

primeiro, de 1935; o de São Vicente de 1949. Obra em talha de gorte execução local, representam esses retábulos, momentos expressivos: uma atividade artístico-ocupacional já em franca decadência na cidade da região. Excluídos da igreja restaurada, conseguiram o Instituto Histórico de Oeiras recompor em ambiente sua sede, no Sobrado Major Seletivo, um deles (pelo material, o do Coração de Maria) aproveitando frontal do altar mais bem conservado de São Vicente. Vale como documento de uma época e modelo único os retábulos de três nichos, enquadrado por colunas de terço basal canelado e capitel compósito. Caracteriza-se ainda, o renascentista, por elementos de decoração sobreposta



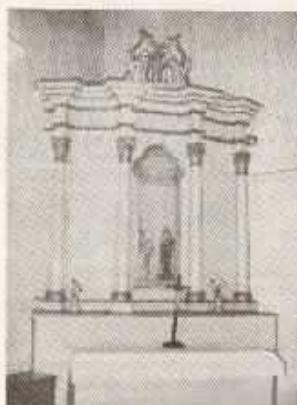
Rosário. Nossa Senhora do Carmo, sem as colunas distais e a sanfona.



Catedral de Oeiras.
Bom Jesus dos Passos.
Sob o altar,
a imagem jacente do Senhor



Santíssimo Sacramento.
As volutas de sustentação das
colunas. Destaque também para
o sacrário.



Rosário. Altar de Santa Luzia.
Diagonal do Arco-Cruzeiro.



Capela do Santíssimo.
O nicho que pertenceu ao retábulo
de Nossa Senhora do Rosário.



Instituto Histórico.
Retábulo e altar restaurados.

inspirados no grande retábulo e frontão em curva obtida por harmoniosa justa posição de volutas entalhadas.

Capela do Palácio dos Bispos

O retábulo da capela do antigo Palácio dos Bispos de Oeiras, hoje Museu de Arte Sacra, é originário do Hospital de Caridade de Oeiras. Da capela do hospital que foi inaugurado no Governo de Anselmo Francisco Peretti, em 31 de março de 1849. De proporções elegantes, mas sobre salto, define-se por colunas de entorse medial acentuada, fuste liso e capitel compósito avançadas sobre pilastres de mesmo lavoura terminal. As duas colunas projetam-se no entablamento através de pilastres correspondentes apenas sacadas que realçam, a cornija, cornija, friso



Oeiras. Palácio dos Bispos,
Meados do Século XIX.

e arquitrave destacam-se, alias, neste retábulo, também por filigranas entalhadas de raro efeito visual. Abre-se o camarim ricamente empoldurado entre pequenas pilastres cuja força apenas se depreende nas cornijas. O coroamento é obtido por arco pleno de intraduzo delicadamente entalhado. Os elementos de decoração lateral (sobrepostos), ganham à altura das impostas do arco, expressão inédita na talha local. Duas rosáceas de gosto ainda não surpreendido compõem os vazios geométricos do desenho de boa qualidade que elemento floral de outro lavoura (agora de mesmo gosto dos relevos que acompanham as pilastres do camarim) enquadra em um todo de leveza e graça. Com o rebaixamento (última restauração) do forro da capela, perdeu-se, lamentavelmente, parte considerável do entablamento.

Piracuruca.
Igreja-Matriz de Nossa Senhora
do Monte do Carmo

Igreja votiva, a Matriz de Piracuruca tem crônica e vida das mais intensas. Administrativamente abandonada pela Irmandade mantenedora entre os anos de 1893 e 1920, consequência de problemas com autoridades diocesanas, perdeu já em 1922, parte do retábulo da capelamor. Dez anos mais tarde ainda parecia recuperável, conforme observação autorizada de Anizio Britto que então via em sua Matriz "belos altares, no entanto, infelizmente mal conservados" (2). Nada se fez pelo velho retábulo que já em 1926 era substituído pelo atual e do qual se guarda no Museu de Teresina, o altar propriamente dito, aqui reproduzido. Daquele depoimento, depreende-se ainda ter possuído a igreja outros bons retábulos, pelo menos setecentistas. De 1936 são os atuais do arco-cruzeiro e das capelas do transepto.



Piracuruca - Retábulo neoclássico
de N.S. do Carmo.

Pode-se dizer que o atual retábulo da Matriz de Piracuruca, de gosto neoclássico, segue muito de perto aquele partido em arco triunfal que dos grandes tratados de arquitetura civil militar foi, depois, adotado com sucesso nas portadas de boas igrejas manejistas e, finalmente, absorvido como elemento de decoração (retábulos) nessas mesmas igrejas. O interessante neste retábulo é que o destaque fica por conta dos nichos laterais, enquadrados por colunas de fuste liso e capitel compósito limitados por pesado entablamento onde nascem as pilastres que definem o espaço central. Colunas e cornijas daqueles nichos impõem recuo especial à edícula do centro, cuja harmonia com o todo se consegue através de volutas acentuadas. Do velho retábulo, conserva-se, em excelentes condições, o sacrário primitivo.

Museu de Teresina

Encontram-se no Museu do Estado, em Teresina, duas das mais extraordinárias peças de nossa talha de retábulos. O altar, em cedro, frontal trabalhado no melhor estilo barroco, pertenceu à Matriz de Piracuruca. É de fins do setecentos. Como o da Sé de Oeiras, destaca-se pela sinuosidade das linhas, pelo rico medalhão central em alto relevo que volutas em desenho da mesma talha, compõem em um todo de grande efeito. O nicho tem frontão e molduras laterais entalhadas também ao gosto barroco com bonita porla coroada em verga de curva e recurva. Como o altar, merece toda a atenção.

Jacobs Igreja Matriz de N.S. das Mercês

A freguesia de Nossa Senhora das Mercês de Jacobs - escrevemos em História Episcopal do Piauí - criada pela Província Real de 25 de setembro de 1801, foi instalada em 1803, ano em que teve execução aquela provisão. Instalou-a, seu primeiro vigário, o Padre Antônio Delfino da Cunha. Sua origem tem o nome de Cajueiro, remonta a 1731, quando ali se aldearam, pela primeira vez os índios Jacobs. Em 1766 recomendava o governador ao diretor da aldeia que "...a seu tempo levantassem as casas necessárias e, sem demora, a Igreja em termos decentes ao santo ministério, e que os índios não faltassem à missa e tivessem todo respeito ao seu pároco"(3). Em 1769 era diretor espiritual da aldeia Frei Francisco Tavares. Sua matriz é de 1833. Estava concluída em 1839, graças ao trabalho de benemerência do Padre Marcos de Araújo Costa. Concluída, portanto, a igreja, já o estava o seu retábulo ou, em poucas, o seria.

Trata-se de peça em talha de ex traordinária qualidade artística e elegantes proporções. De verticalidade impressionante, limita-se, a partir da base propriamente dita, por colunas (duas a cada lado) de entusiasmo acentuado e capitéis compósitos.

O espaço entre as colunas aquinhão suficientemente amplo para nichos laterais, tem a destaca-lo alto relevo de pequenas volutas recurvadas justapostas. A arquitetura, de friso enriquecido por filigranas entalhadas, limita o espaço central onde se abre o camarim. O retângulo obtido, completa-se, a partir do fuste (apenas salientado) das pilastras de sustentação do arco, por desenho geo-

métrico rico de elementos decorativos de caráter simbólico. O terço inferior é composto por apainelados de gosto rococó. A composição do camarim, sua traça e execução guardam afinidade artística com o retábulo da Capela do Passo Episcopal de Oeiras. Tal observação cabe, principalmente, ao Monsenhor David Ângelo Leal, atual Vigário Geral da Diocese de Oeiras - Floriano, jacense círculo de suas origens e observador atento de sua vida cultural.

Jerumenha/Santo Inácio Igreja Matriz de Santo Antônio

1746 - Neste ano fixa fundada- escreve Pereira da Costa - a Igreja Matriz de Santo Antônio de Jerumenha, como consta de uma inscrição esculpida sobre a sua fachada(4). Para Artur Passos, no entanto, sua construção teve inicio em 1740, dando-se na data antes referida, a bênção do templo(5). Outro dado significativo é o de que em 1866, "ameaçando ruínas", foi visitada pelo presidente da Província, Dr. Franklin Américo de Menezes. Dizia que "encarregou das obras necessárias a uma comissão, por ele nomeada, que deu cabal desempenho de sua incumbência"(6). Se não há retábulo a estudar, dispondo-se as imagens mais antigas sobre trôneos de sólida estruturação e gosto austero.

Assim também encontramos orago e co-padrinhos da capela (nova) da antiga residência jesuítica de Brejo de Santo Inácio, atual cidade de Santo Inácio do Piauí. Aqui, apesar de pobre, o conjunto (altar-retábulo) é bem mais expressivo, destacando-se sacrário com caneluras nas pilastres laterais e portaria com relevo simples.



Altar primitivo da Matriz de Piracuruca, hoje no Museu de Teresina.



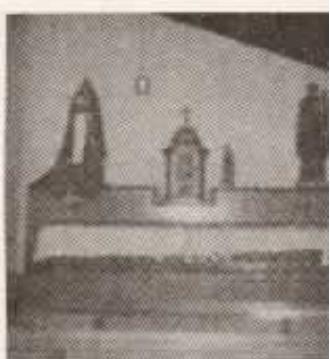
Jacobs: Retábulo de Nossa Senhora das Remédios.

Notas:

- 1 - Tapié, Victor; Barroco e Colonialismo I, Editorial Presença, São Paulo, pág. 269.
- 2 - Britto, Anizio de Melo; in Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Dagoberto Carvalho Jr.), vista Presença nº 8, pág. 16.
- 3 - Pereira da Costa, F.A., No sobre as Comarcas do Piauí (manuscrito) Arquivo Público do Piauí, pág. 235.
- 4 - Pereira da Costa, F.A., Crônica Histórica do Estado do Piauí, vol. I, pág. 116.
- 5 - Passos, Artur; in Nota de A. Filho à Cronologia Histórica do Piauí, vol. I, pág. 117.
- 6 - Pereira da Costa, F.A., ibid., pág. 116.



Santo Inácio - Altar-retábulo da Capela dos Jesuítas.



Jerumenha:
Altar-retábulo da Igreja Matriz de Santo Antônio.

ção de 1857 - in RIHCB. Consulta realizada no Arquivo Público de Teresina por J. Baleiro, cf. Notícia da primeira página com foto no "Jornal da Manhã" dia 18-01. Teresina).

O Pará entrou para a literatura brasileira através do romance de Assis Brasil: "Beira-Rio, Beira-Vida", em que narra a vida das súias mulheres de vida "fácil", prostituídas pelas injustiças sociais, na maioria das vezes.

O Mundo de sexo, marinheiros e mulheres da vida acaba! Os vapores estão no cemitério de navios, quando muito. Um poucos motores para viagens de, no máximo 15 horas, sem boliche, sem rede, apenas em bancos de madeira, navegando no médio e alto Pará, restando duas ou três barcas maiores, que fazem a ligação Pará-Tutóia, passar por duas delas, quando estava a bordo do "Fiji", pesqueiro seguindo para o mar alto, como já descrevi neste jornal (cf. Peças do Lugarão na Coluna PI-JBL).

Rio de cinco bocas, diz-me o dono do "Lirio dos Campos", o Pármalo é uma espécie de Nilo. Tendo suas terras fertilizadas pelas cheias periódicas. Centenas de pessoas se dedicam ao plantio de arroz na Ilha Grande de Santa Isabel. As bocas de Tutóia, Caju, Carrapapo, Camarão e Igarapé abrem-se em leque no mafra de mais de 15 quilômetros, o que é considerável para os parcos 66 Km de costa.

Seu Justino ex-fluvial, ajudam-me na identificação das paradas, dos portos no trecho Içá-Zé Amarante. Um por um, zás 8 horas de viagem ao "Nosa Teresina", anotando. A margem esquerda está o Maranhão, à direita o Piauí. Do



outro lado de Floriano está o Baixo de Goiás, cidade da mesma forma que São Francisco está diante de Amarante. Rio abaixo, registro os locais: alguns, meras referências: Olímpia, Cachoeira, Jarobá, Pedrinha, Águas Boas, Remanso, Novo Fábrica, Iapó, Tapera, De Amarante para baixo: Mandacaru, Tacum, Barras das Maquilas São José; Alto: Içá, Içá Prata; Riacho Fundo, Caco, Água Fria, Marro da Azura, Grotas do Céo, Pedras, Descarvo, Castelo, Turque, Peninha, Corrente, Querimbas, Belém, Carmelitas e Babá, daí o trecho entre o Remanso e Palmeiras, nem percorre o de quase dez leguas (medida usada pelas embarcações da "Lirio dos Campos", e da "Nosa Teresina"). A meio caminho de Palmeiras, vindo de Amarante está o Mucurá da Ayara, ladeado Maranhão.

Raras são as canas que passam por mim. A preferência é dada ao transporte rodoviário. O que se us-

am das barcas do Caribe Bartão os cibearinhos, que teriam andar legumas, as vezes, entre as casas e as suas casas.

Jo com 36.000 Km pelos rios e 400.000 de viagens de balsa por todo o Brasil não foi de entender a vida da gente do Pará, seu costume e sua tradição, todas já filtradas pelos meios de comunicação. A civilização chegou talvez os cantos do Piauí e do Maranhão é inegável, ainda que não resolvendo os problemas mais graves do povo empreguasse fome, doença.

ASSINE

PRESENÇA

* * * * *

COLABORAÇÃO PARA A "PRESENÇA"

As colaborações literárias destinadas a publicação na REVISTA PRESENÇA deverão chegar a sua redação (Praça Marechal Deodoro 816 Fone: 223-4656 Ramal 26 — 64.000 — Teresina - PI — Brasil), até o dia 30 de novembro.

Temos o maior interesse em contar com as mais diversas colaborações culturais.

A EDITORA

PROJETO MORRESITE

A Certeza De *Uma Vida Melhor*



O Projeto Morresite é uma iniciativa de
investimento imobiliário, que objetiva o desenvolvimento
de um novo bairro no distrito de São João
da Boa Vista, na Zona Leste de São Paulo.
O projeto visa fornecer habitação digna e
sustentável para famílias de baixa e média
renda, promovendo a integração social e
econômica da comunidade.

As etapas do projeto envolvem a
construção de casas populares, com
varias opções de valor e área construída,
e a criação de uma infraestrutura completa
que inclui escolas, creches, postos de
saúde, comércio e lazer.

O projeto é liderado por uma parceria
entre a Prefeitura de São Paulo, a
Companhia Urbanizadora do
Bairro Morresite (CUBM) e a
Fundação de Desenvolvimento
Social (FDS).

O projeto é financiado por
investimentos privados, com
participação de empresas locais
e internacionais, que visam
apoiar o desenvolvimento
e a melhoria da qualidade de vida
na região.

O projeto é uma iniciativa
que visa garantir a
dignidade e o bem-estar
das pessoas, promovendo
uma sociedade mais
equitativa e justa.

O projeto é uma iniciativa
que visa garantir a
dignidade e o bem-estar
das pessoas, promovendo
uma sociedade mais
equitativa e justa.

O projeto é uma iniciativa
que visa garantir a
dignidade e o bem-estar
das pessoas, promovendo
uma sociedade mais
equitativa e justa.

O projeto é uma iniciativa
que visa garantir a
dignidade e o bem-estar
das pessoas, promovendo
uma sociedade mais
equitativa e justa.

O projeto é uma iniciativa
que visa garantir a
dignidade e o bem-estar
das pessoas, promovendo
uma sociedade mais
equitativa e justa.

O projeto é uma iniciativa
que visa garantir a
dignidade e o bem-estar
das pessoas, promovendo
uma sociedade mais
equitativa e justa.

O projeto é uma iniciativa
que visa garantir a
dignidade e o bem-estar
das pessoas, promovendo
uma sociedade mais
equitativa e justa.

O projeto é uma iniciativa
que visa garantir a
dignidade e o bem-estar
das pessoas, promovendo
uma sociedade mais
equitativa e justa.

HUGO NAPOLEÃO
FÁTIMA AURORA


HUGO NAPOLEÃO
FÁTIMA AURORA

ASPECTOS DA VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO

Por Maria Auxiliadora F. Lima

Sabemos que a variação percorre todos os níveis de língua: fonológico, morfológico, sintático e semântico. A concordância nominal, que se situa no nível morfo-sintático, é fortemente marcada pela variação na área da flexão de número. Vejamos, por exemplo, um pequeno trecho da fala de um nativo do português:

"Todos os anos eu brinco. Se num brinco quadrilha assim no bairro, eu brinco da escola. Mas todo ano assim da escola eu brinco. As quadrilhas daqui são mistura de tudo o aluno de toda a classe né?".

Esta variação é decorrente da redundância do sistema flexional do português que está presente tanto na flexão de gênero quanto na flexão de número. O aspecto redundante deste sistema permite uma variação no emprego das respectivas regras de concordância. No entanto, a variação se faz presente apenas na flexão de número; a flexão de gênero continua possuindo uma regra categórica na produção oral dos falantes nativos do português. Não é comum se ouvir, por exemplo um enunciado do tipo: "a menina bonito" ou "a menino bonito". A desinência de gênero - a, quando existe, é categoricamente repetida em todos os elementos do sintagma nominal.

O mesmo procedimento não ocorre com a flexão de número cuja regra rende a ser variável na concordância nominal e na concordância verbal. Trata-se evidentemente de duas categorias flexionais distintas. A categoria de gênero é conceptual e categoricamente complexa em português, contrastando com a categoria de número que possui uma noção e uma formação de plural bastante simples sem as restrições que circundam a flexão de gênero (Mattoso: 1979: 77).

Incluindo as demais diferenças e levando em consideração apenas o efeito da não realização da concor-

dância, podemos observar que, quando a concordância de número não é aplicada, provoca somente uma queda do - s; no entanto, se a concordância de gênero não se completa no SN, ocorre um forte coníate de sons que não existe com a omissão da marca de plural.

Assim, a não aplicação da regra de concordância de gênero gera a emissão de seus distintos entre determinante e determinado (a - menino) por não ter havido a troca da vogal temática pela desinência. Situação diferente encontramos no sistema flexional de número que possui condições lingüísticas favoráveis à eliminação da redundância na concordância entre determinante(s) e determinado. A marca de plural é representada por uma consonante que possui, assim como a consonante - r em final de palavra, uma forte tendência a ser eliminada. Tal tendência é decorrente da instabilidade da consonante final existente em diversas línguas de origem indo-europeia (Malberg in Polack: 1979):

"O desenvolvimento do espanhol em contact com o latim e contactos do indo-europeu, em diversos períodos e áreas geográficas, apresenta um padrão complexo da instabilidade da silaba final e de consonantes em final de palavra".

A perda da consonante em final de palavra representando ou integrando qualquer elemento mítico, contrasta com a norma do português padesso. Restringindo o fato linguístico à área da flexão de número, já se torna redundanteressaltar que a variabilidade no emprego da flexão de número é uma constante na produção oral dos falantes, embora a norma padesso exija a presença da marca de plural em todos os elementos do SN, ou seja, nos elementos determinantes variáveis e no elemento determinado,

"Os outros todos meus irmãos".
Vários estudos e observações assistemáticas do uso da fala têm mos-

trado a flutuação na aplicação da regra de concordância, apresentando o falante uma inclinação usar o princípio da economia gráfica. Ele pode recorrer a princípio de uma forma total parcial, pois existem duas alternativas para o não uso da concordância que exemplificaremos a seguir:

a. indicar a pluralização através flexão de um elemento do S de um elemento quantitativo
"Meu pai conversava com amigos"

"Fui só duas maia"

b. flexionando mais de um elemento quando o SN possui mais de dois constituintes flexionáveis
"Ela faz comparação da g com as suas prima"

Convém salientar que usar não a marca de pluralização durante da fala, não está a critérios da disposição do falante para conscientemente. Existe uma rede de fatores linguísticos e extralingüísticos (sexo, classe social, esfera, etc.) que podem favorecer a presença de - s nos elementos desintagmáticos.

Concluiremos este artigo, fazendo uma rápida abordagem da fluência de um condicionamento linguístico sobre a retenção ou não da marca de plural. A posição que a palavra ocupa não pode favorecer ou desfavorecer sua pluralização. A posição se situa ao lugar em que a palavra se encontra no SN dentro de uma estrutura ordenável. Em um SN com três elementos:
O I 2 3
"O meu irmão pequeno"

O primeiro elemento encontra-se posição zero, o segundo na posição um, o terceiro na dois e o quarto na três.

A distância entre os elementos SN repercute na presença ou ausência da marca de plural, dependendo do grau de distanciamento do d

analizado em relação ao primeiro elemento do SN. Estudos realizados mostraram que, quanto maior o grau de distanciamento, menor é a possibilidade do elemento que se distancia da posição zero, receber a marca de plural.

Dentro de uma sequência ordenada de pluralização, um SN de 4 elementos, por exemplo, possui quatro possibilidades de ser pluralizado:

- Os meus irmãos pequenos
- Os meus irmãos pequeno
- Os meus irmão pequeno
- Os meu irmão pequeno

O elemento na posição 3 é o mais favorável à perda da marca de plural por estar mais distante da posição zero. Em português, a presença da pluralização no elemento zero é quase categórica, enquanto que nas demais posições, ocorre uma variação entre presença e ausência. A presença da marca de plural na posição zero possui um papel funcional em relação às outras posições por ser um indicador primário da pluralização do sintagma nominal.

* Professora da Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Notas

- SN = Sintagma Nominal
- Sintagma nominal = locução cujo núcleo é o nome
- Determinantes = elementos que especificam o substantivo (artigo, adjetivo, pron., adjetivo, numeral)
- Determinado = elemento principal do sintagma nominal

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA JR, Joaquim Mattos (1979). Estrutura da língua portuguesa, 2^a ed. Rio de Janeiro. Vozes.
- BRAGA, Maria Luisa (1977). A concordância de número no sintagma nominal no triângulo míneto. Dissertação de Mestrado. PUC/RJ.
- LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira (1984). A concordância de número em sintagmas nominais na área escolar de Fortaleza. Dissertação de Mestrado. UFSC.
- POPIACK, Schana (1979). Function and process in a variable phonology Unpublished University of Pennsylvania Ph.D. Dissertation.

Professor de Língua Portuguesa da UFPI; Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Piauí.



Ubras editadas pelo

Projeto Petrônio Portella

Fato & Notícia

PROJETO PETRÔNIO PORTELLA

Até o final da gestão do deputado Jesualdo Cavalcanti à frente da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, o Projeto Petrônio Portella deverá ter publicado mais de 20 obras.

O Projeto Petrônio Portella foi instituído para editar livros de autores de nosso Estado e/ou que refletem aspectos da vida piauiense.

Já foram publicadas ou estão em prelo as seguintes obras:

Petrônio Portella, Deportamentos à História, Oswaldo Lemos; Novos Contos Piauienses, vários autores; Carral de Assombrações, Fones Ibiapina; Uni Manica, Abdias Neves, A Guerra do Fidié, Abdias Neves; Poemágico, vários autores; Piauí Colonial, Luiz Mott; A Batalha do Piauí, Maria Amélia Mendes de Oliveira, A Rebelião de Joaquim Pinto Macêdo, Sócrates Brito; O Mundo

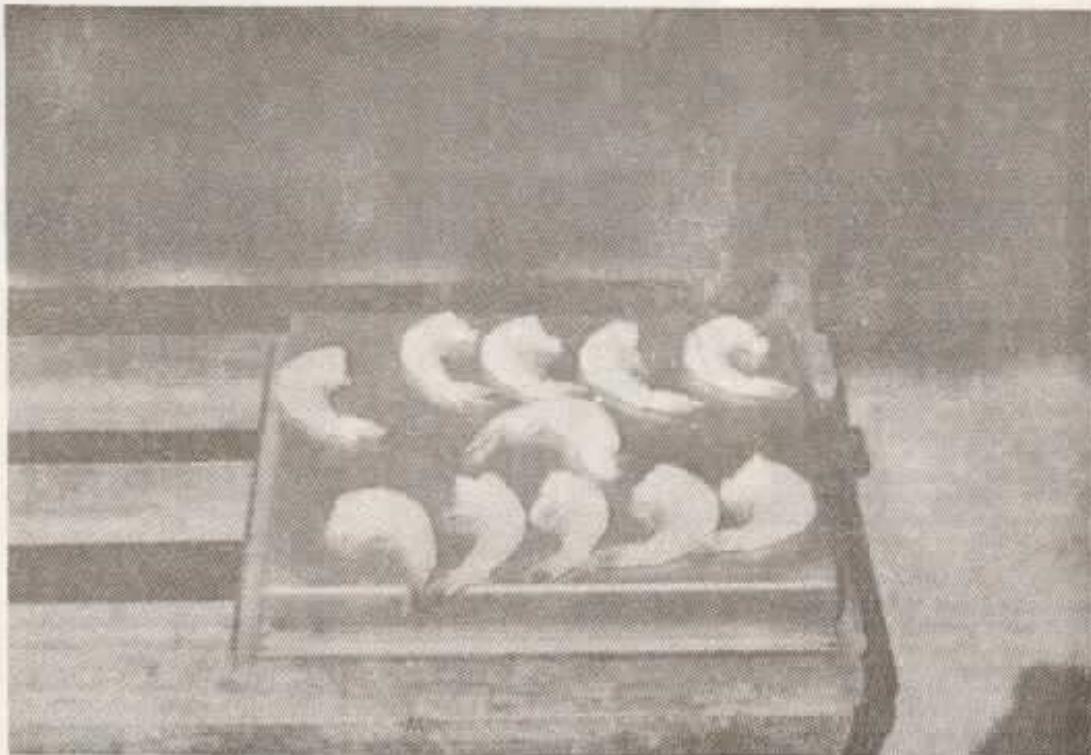
Degrado de Lucinio, Fabiano Ribeiro Nogueira; As Mamoranas; Estácio Florindo, Moura Rêgo; Estação de Manobras, Magalhães da Costa; Tempo de Cultura, Jesualdo Cavalcanti; A Província Restituída, M. Paulo Nunes; Poesia e Prosa, Jonatas Baziote; Lima Rebelo, o Homem e a Substância; A Tito Filho; Um Homem Particular, H. Dobal; O Município de Francisco Santos, Mariano da Silva Neto; As Colônias do Gurguéia, Francisco Heitor Leão da Rocha; O Piauí na 1^a Metade do Século XIX, Miridan Britto Knex; Gente e Humor, A. Tito Filho; Mapas Geohistóricos, João Gabriel Baptista; O Parnábia, Edson Gayoso; Castelo Branco Barbosa; O Tempo Consequente, H. Dobal; Moenda Poesia, Cid. T. de Abreu; Cândidos Tripleais, Cláudio Carvalho Guerra; Asas Quebradas, Humberto Soares Guimarães; Vaqueiro e Visconde, José Expedito Rêgo; As Margens do Velho Monge, Maria II. C. Medeiros; Movimento Popular e Repressão, Claudiomar Dias; Teorias do Simples, Hardi Filho; Meu Avô José de Freitas, Altizio Napoleão.

RENOVADO O CONVÉNIO DA ESCOLA DE DANÇA

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e a Secretaria de Educação renovaram o convênio para manutenção da Escola de Dança do Theatro 4 de Sete Lheiros, que funciona sob a coordenação da professora Marinês Medrado.

A EDT atende aos alunos oriundos da rede oficial de ensino, tendo suas inscrições alcançado o total de 520 candidatos no corrente ano.

Método diferenciado de cultivo de camarão em cativeiro



Eduardo Ferreira Lima*

Professor pós-graduado em Carcinologia

Após a II Guerra Mundial, a exploração econômica de camarões pesqueiros se desenvolveu de maneira surpreendente e nos últimos dez anos as pesquisas sobre estes crustáceos vêm ocupando valor de destaque no campo da agricultura. Além disso, diante da demanda sempre crescente do produto, busca-se aumentar a produção, explorando-se novas áreas, incrementando-se as técnicas de captura e aumentando-se o esforço de pesca. Isso vem causando uma queda brusca nos estoques naturais, e, consequentemente, aumento dos preços no mercado. Deve-se ainda lembrar que a necessidade protéica não pode ser suprida apenas com a pesca marítima em virtude dos custos de transporte, que estão cada vez mais altos na medida em que aumentam os preços dos combustíveis e demais insumos.

O cultivo de alguns pesqueiros de valor comercial poderá suprir o incremento da demanda dos estoques naturais.

A alta rentabilidade estimada para esta atividade é determinada por um volume de investimentos relativamente pequenos, pela alta produtividade e por preços de venda do produto que permitem altas taxas de retorno. Outro atrativo é a durabilidade das instalações provida pelo investimento inicial que assegura baixos custos de produção nos anos subsequentes. Estas instalações podem ser construídas em terrenos impróprios para outras atividades agropecuárias, como por exemplo, manguezais (*) e apicurus que são excelentes para formação de viveiros.

No Brasil a falta de tradição e o desconhecimento de uma tecnologia apropriada contribuiram, em par-

te que não tenham sido dirigidos grandes investimentos nesta área, que é tão ou mais rentável quanto qualquer outra atividade agropecuária continental.

AS ESPÉCIES CULTIVÁVEIS

WICKINS & BRADFORD (1978) citam 40 países que se dedicam ao cultivo de 46 espécies, sem se falar das espécies tradicionalmente cultivadas na Índia e Sudeste Asiático, elevando para 80 o número de espécies de pesqueiros explorados.

Dentre as principais espécies de valor econômico exploradas na América do Sul destacam-se *Penaeus aztecus*, *Penaeus brasiliensis*, *Penaeus paulensis*, *Penaeus californiensis*, *Penaeus schmitti*, *Penaeus*

stilicostris, *Peneus vannamei*, *Xiphopenaeus kroyeri*. (SCELSO, 1974).

Todas estas espécies possuem um ciclo de vida semelhante. A reprodução se dá em mar aberto em profundidades que variam de 08 a 150 metros segundo a espécie. Com a eclosão dos ovos, as larvas migram, enquanto passam pela metamorfose, para as baías e estuários onde se tornarão juvenis, alimentando-se, durante esse período, da matéria orgânica proveniente dos manguezais e posteriormente de pequenos animais.

Todos os países que pretendem realizar uma carcinicultura moderna fazem utilizando basicamente a técnica dos cultivos do camarão *Penaeus japonicus* elaborada pelo Dr. Fujimaga, de 1933 a 1960, posteriormente aperfeiçoada pelo Dr. Shiguno (1975). No Brasil utiliza-se com maior sucesso o cultivo do próprio camarão imperial japonês, devido ao fato de sua maturação em cativeiro, o que não acontece com espécies nativas.

Em vários Estados nordestinos, se faz cultivo de camarões marinhas, inclusive das espécies nativas como *Peneus schmitti*, apesar dos altos custos com a captura das fêmeas ovigeras em alto mar. Não é necessária a coleta de machos, pois as fêmeas já vêm com o espermatóforo

(pequeno saco de espermatóforos) e a fecundação se dá no momento da desova.

AS TÉCNICAS DE CULTIVO

CULTIVO EXTENSIVO

Escolhem-se grandes áreas à margem das baías e estuários e se fazem, utilizando máquinas pesadas, os tanques em argila compactada. A área total pode chegar a 45 hectares, com paredes de 1,20 metros de altura. Obrigatoriamente, as post-larvas são colocadas, antes dos tanques de engorda, em tanques denominados berçários, onde passam aproximadamente 30 dias. Após esse período, vão aos tanques definitivos até alcançarem o tamanho de mercado (05 a 08 meses).

Os tanques possuem entradas e saídas de água, colocadas estratégicamente nas posições das marés alta e baixa. Com a entrada de água durante a maré alta, esta traz alimentos naturais e oxigênio para a população de camarões. Até o momento, conseguiu-se apenas 100g/m²/ano.

CULTIVO INTENSIVO

Este tipo é o mais utilizado no Japão e na maioria dos países. O tanque é de no máximo 05 hectares de área em argila, entre as marés. É cercado com diques e comportas, ca-

nal de entrada e canais laterais. É necessário a adaptação de um sistema de telas finas de nylon para impedir a entrada de entulhos e precursores. Com todo esse cuidado ainda entram ovos que, após a eclosão, danificam parte da população. Os camarões são alimentados com produtos naturais trazidos da água do mar e com alimentos artificiais como complemento de suas dietas. A produção é de 200 a 400g/m²/ano.

CULTIVO MUITO INTENSIVO

Os tanques de 400 a 800m² em concreto são construídos fora da costa de marés. A água utilizada é corrente ou renovada diariamente de 1/3 a 1/4 do seu volume. Os camarões são alimentados artificialmente com ração MEYERS (1972). A produção pode alcançar 2,5 kg/m²/ano.

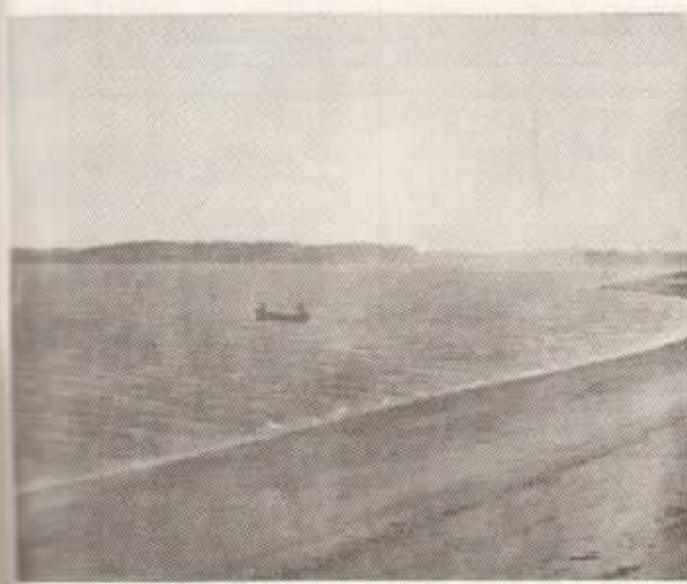
CULTIVO HIPERINTENSIVO*

Os tanques são construídos em concreto com até 300m² e 1,5 metros de altura com forma retangular. Nas paredes internamente são fixados anéis no sentido vertical equidistantes de 30cm e no sentido horizontal de 20cm. Através desses anéis serão presos laços de polietileno rígido de 0,5mm de espessura e com a largura do tanque. Essa camada de polietileno a cada 30cm funcionará com fundo falso. Assim, em vez de ter-se um tanque com apenas o fundo natural, ter-se-ão quatro fundos utilizáveis. O peso da água em cada fundo falso será nulo, porquanto seguir-se-á o princípio dos vasos comunicantes de Arquimedes e apenas o fundo natural sofrerá pressão.

No centro de todos os fundos falsos deve haver um espaço a ser preenchido por uma tela fina (0,5 milímetro) de nylon para circulação de oxigênio em os vários segmentos do tanque, separados por polietileno (módulos).

Nas paredes devem ser colocados (Fig. 01) tubos de PVC rígido de 100mm para alimentação dos camarões em cada módulo. Essa alimentação é feita totalmente artificial com ração previamente elaborada de acordo com os princípios propostos por MEYERS et alii (1972).

A oxigenação da água também será totalmente artificial, feita à base de compressor. Serão colocadas pedras de aeração no fundo natural e esse, através da abertura central no polietileno oxigenará os outros módulos.



A produção será a mesma do cultivo, muito intensivo (2,5 kg/m²/ano), multiplicada pela quantidade de módulos. Como são quatro os módulos, deve-se ter na produção de 10 kg/m²/ano.

BIBLIOGRAFIA

AIJEN, D.M. and T.I. COSTELLO - Additional references on the biology of shrimps, Family Penaeidae. V. S. Fish. Wildl. Ser., Fish. Bull. 68(1): 101-134. 1969.

KUBO, I. - Studies on penaeids of Japan and its adjacent waters. Jour. Tokio coll. fish 36(1): 01-147. 1949.

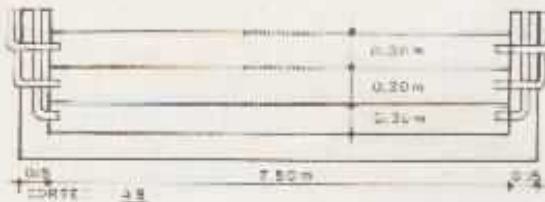
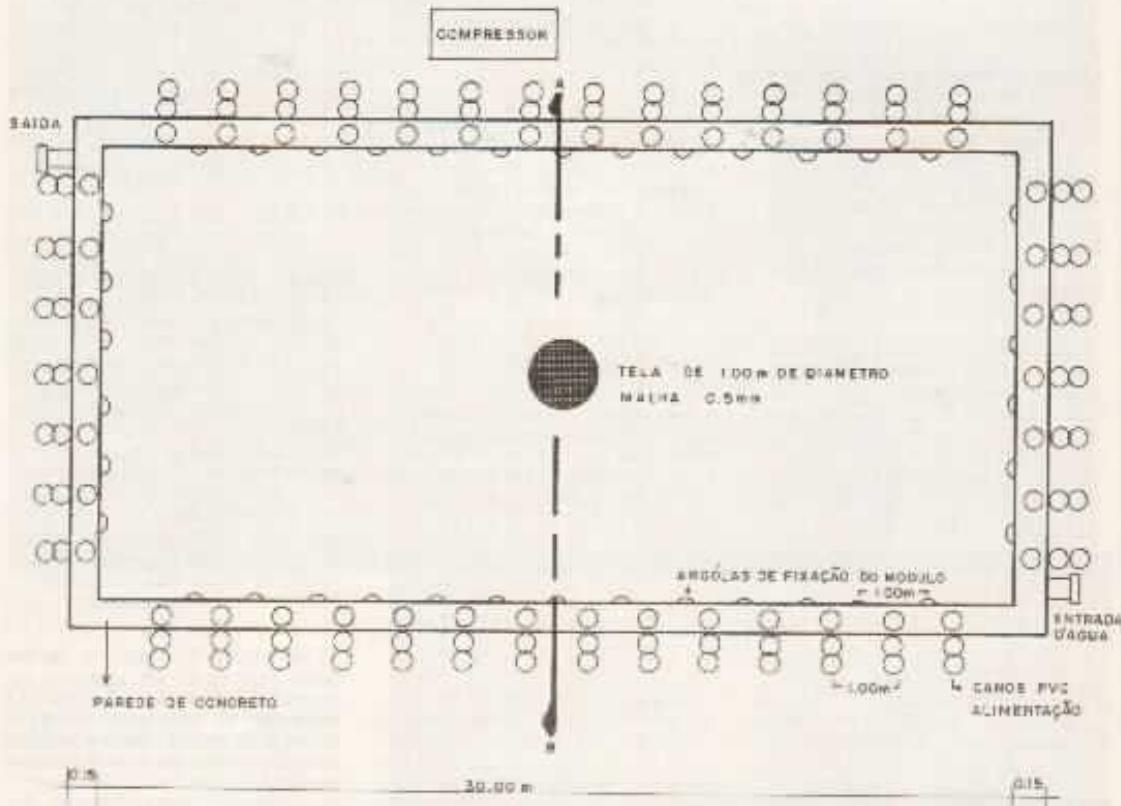
HUDINAGA, M. - Reproduction, development and rearing at Penaeus japonicus. Bact. Jap. Jour. 300 1 10(2): 305-93. 1942. - Culture of Kuruma - Shrimps (Penaeus japonicus). Current Aff. Bull 36: 10-11. 1963.

HELDY, J.H. - Reproduction chez les crustacés Decapodes de la famille des Pénéides. These de doctorat Sci-Nat. Univ. Paris 206 pp. 1938.

MEYERS, S.P., BUTLER, O.P. & HASTINGS, W.H. - Algimines as binders for crustacean稚虫. Progressive Fish. Cult., 34:09-12. 1972.

WICKINS, J.F. e T.W. DEARD - Ministry of Agriculture, Fisheries and Food. Prawn culture research Laboratory leaflet Naff Direct. Fish. Res., Lowestof 42:1-141. 1978.

FIG. 01



Gerdib

Uma Conversa sem Graça

Era recreio no colégio de Dona Pontuação. O barulho, provocado pelos gritos das crianças, era delirante. Notava-se entretanto, que a roda maior provinha da posição retiniana do Travessão.

A Virgula, uma danadinha metida, gritava para Os Dois Pontos:

— DOIS POCONTOS!! Meio desajeitado, ajeitando a cabeça a cada instante, ele falou, meio irônico:

— Viva nossa relações-pública!

— Você está me chamando de fofoqueira??!

— Não, minha pequena pauzinha. Estou dizendo que a todo momento nós a usamos, seja quando ENUMERAMOS termos, seja quando SEPARAMOS dicas, ou ainda, quando CHAMAMOS alguém. Além disso, você está metida em muitas outras situações: SEPARA AS EXPLICAÇÕES, ALTERAR AS CIRCUNSTÂNCIAS DE TEMPO, DE MODO E DE CAUSA, e, ainda, ENFEITA O QUE OS OUTROS DIZEM, explicando. Você é mesmo uma danadinha!

— Em compensação, você está sempre EXPLICANDO as coisas, NUMERANDO-AS.

— E, gostamos de aparecer.

— Ia, viu você a arrogância do Ponto de Exclamação? Perguntou a Virgula.

— Vi, sim. Parece um palito, de tão reto. E que elegância! Pobrezinho... Não se mexe para lado nenhum.

— Mas, também, só vive se admirando de tudo! E o pior é quando se junta com o Ponto do Interrogação. Fica com cara de bobo. E é tão esperto que deixa o cara que pergunta com aquele ar de quem não sabe as coisas.

— Por que você diz isto??

— Porque você está com a cara de bobo, como falei, respondeu a Virgula.

Fatos & Notícias

PROJETO PIXINGUINHA EM TERESINA

Com o patrocínio local da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, um dos maiores projetos de divulgação da nossa música popular, o "Projeto Pixinguinha", será realizado em Teresina a partir de abril, com duração de 6 semanas.

O "Pixinguinha" consistirá na apresentação de espetáculos semanais no Theatro 4 de Setembro, a partir das 18 horas. Artistas de renome nacional realizarão os espetáculos, juntamente com artistas locais.

Vão a Teresina Wagner Tiso, Cida Moreira, João Nogueira, Lúcia Alves, Zizi Possi, Ermílio Santiago e Marlene, entre outros. Do círculo local participarão Ana Miranda, Ronaldo Bringel, Grupo Candeia, Geraldo Brito, Lúmenice França, Ruben Miranda, Edvaldo Borges, Janete Dias, Zézé Fonteles, Eduardo Nascimento, Luaro e Solange Leal.

Jose Afonso de Araújo Lima é o coordenador local do Projeto.

SEMANA CHICO PEREIRA

Com descerramento de placa comemorativa e discussão da obra do dramaturgo piassense Francisco Pereira da Silva, foi aberta, dia 10 de dezembro, a Semana Chico Pereira, no Theatro 4 de Setembro.

A Semana constou ainda da apresentação, por grupos locais, das peças "Os Dois Amores de Lampião antes de Maria Bonita" e "Raimunda Jovita na Roleta da Vida".

"UM HOMEM PARTICULAR"

Editado pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, a-

— Dois Pontos, você já viu como aquela menina que todos chiamam de Retidencias é misteriosa? Insinuante, relicente, nunca diz tudo por completo. Deixa que os outros pensem o que quiserem.

— É inteligente...

— E não conversa demais como eu, não?

— Não falei nada.

— Certo. Você diz que sou metida, mas não reparou na atitude daquele rapazinho sério, que sempre

través do Projeto Petrônio Portella, foi lançado o livro "Um Homem Particular", do poeta piassense H. Dobal. O lançamento ocorreu no Palácio da Cultura, com a presença do secretário Jesualdo Cavalcanti e do governador Hugo Napoleão.

A apresentação da obra do poeta foi feita por Cinzas Santos. H. Dobal destacou o apoio que o Governo vem dando aos escritores piassenses, ressaltando que esse exemplo deveria ser imitado por todos os Estados brasileiros.

COMISSÃO DE TURISMO INTEGRADO DO NORDESTE REÚNE-SE EM TERESINA

O Governador Hugo Napoleão e o secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti, inauguraram, dia 12 de dezembro, a 68ª reunião da Comissão de Turismo Integrado do Nordeste, que reúne os presidentes de órgãos oficiais de turismo da região.

Durante o encontro da CTI/Nordeste foi lançada a Campanha Promocional, "Paiol, Sim", patrocinada pela Embraer. A campanha divulga as potencialidades turísticas do Estado, a nível nacional.

SEMINÁRIO DE ESPORTES

Os professores Pedro Mendes Ribeiro e Valter Soares representaram a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo no Seminário de Esportes, realizado em Teresina. Em audiência especial com o professor Bruno Silveira, secretário de Educação Física e Desportos do MEC, os representantes da Sectur discutiram assuntos referentes ao desporto e à utilização dos espaços do Verão e Albertão. Também foram abordados problemas de distribuição de recursos financeiros às entidades responsáveis pelas ações da política desportiva no Estado.

fica no final das filas. Sempre encerra as discussões. E categórico em suas afirmações. Depois disso, sempre se recolhe em seus assuntos.

Puxa, como fala esta pestinha! Pensou os Dois Pontos. E, deixou-a falando sozinha, encaminhando-se para as ladeiras do Ponto Final, que, de longe, observava a gurizada divertir-se.

Maria Dolores Teles

João do Rêgo Monteiro - Barão de Gurguéia

Dados Biográficos (Histórico)

Filho do Tenente - Coronel Tomé do Rêgo Monteiro e de dona Silvária Joaquina de Oliveira Rêgo, sua parente natural de Recife - Pernambuco, onde ambos, ali, de familiares residentes, membros de tradicional família Sousa Martins, de Olarias - Piauí e de Portugueses ilustres e abastados. Nasceram em 1º de maio de 1809, no lugar ainda, hoje denominado "Barra do Rio das Lagoas", município de União, neste Estado. O Barão de Gurguéia, Tenente-Coronel João do Rêgo Monteiro.

Em consequência de litígio de terras com o padile Silvestre Martins Afonso, Tomé do Rêgo Monteiro foi assassinado em 1813, em seu próprio lar, quando escrevia para os jugimentos do citado padre e a mando deste, João do Rêgo Monteiro, se fez órfão e bem assim seu irmão Benedito José do Rêgo, os quais viveram em companhia da mãe viúva, diante de seu despótico anágua-nista, rico e potente, com culminado objetivo de facilmente apoderar-se de suas terras. O abominável e traíçoeiro homicídio ficou impune.

Em União (Pianchado), o Barão de Gurguéia, trabalhador, empreendedor, inteligente e econômico, ampliando o seu patrimônio, edificou casas residenciais, uma capela, logo mais transformando-se em Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, hoje matriz de União, cuja criação de Paróquia se deu a 27.08.1853 pela lei nº 348.

Conciliando amigos ajudou-lhe nessa obra de benemerência pública, em pouco tempo o povoado "Pianchado" cresceu. Deon ao governo Provincial meia legião de terra para o patrimônio municipal, casas para Câmara Municipal, Quartel de Polícia e da Cadeia Pública e a Casa Paroquial. Aceita a dâdiva pelo governo da Província elevou-se à Vila, (17 de setembro de 1889), intitulada União, nome eleito por João do Rêgo Monteiro, (Barão de Gurguéia), em virtude da aliança dos seus habitantes. Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional dos Municípios de Campo Maior e União; comendados de ordem das Rosas, Cavaleiro da Ordem de Cristo, chefe do Partido Conservador de União, de grande prestígio eleitoral do Município de Campo Maior, onde sua ação se fazia sentir diretamente. Juiz de Paz e Deputado Provincial nas legislaturas de 1854 a 1857 de 1870 a 1873. É finalmente ornado com o Santuoso pergaminho de Barão de Gurguéia, por Decreto Imperial

real de 16 de setembro de 1874, pelos seus méritos e serviços prestados à ciência e aos governos da Província e do Império.

Católico, Apóstolo Romano, o Barão de Gurguéia na capela de sua fazenda "Gumeleira", tinha o hábito, rezar o terço nos sábados, acompanhado de sua família, dependentes e vizinhos. O Barão era possuidor de 198 escravos. Proprietário apuradamente de duas fazendas de terras, "Suçupara", e "Santa Rita" e quatro fazendas de gados vacum, equinos, caprinos, ovinos e suínos, nos lugares "Gumeleira", "Tucum", "Soledade" e "Pianchado", transferida essa, onde havia sítio e casa, currais localizados em um alto à direita, defronte ao porto do Rio Parnaíba, para o lugar "Sicó", mais ou menos a dois quilômetros de União.

Como homem público, sempre foi o Barão, um devotado a colaborar com o desenvolvimento urbano. De espírito empreendedor e baralhador incansável pelas obras públicas de Piauí. O Barão foi um colaborador inestimável do Conselheiro Saraiva na época em que fundou Teresina. Como prova disso, agraciou o governo, em Teresina, com o prédio que ainda hoje, funciona uma Escola Pública na praça Saraiva, denominado Grupo Escolar "Barão de Gurguéia". Pachecó, Coelho Neto, Coelho Rodrigues, Praça Rio Branco e o antigo Palácio da Praça Saraiva, onde em seu domicílio, vendido após a sua morte para diocese de Teresina, tornando-se residência oficial do Arcebispo e posteriormente, com a construção do atual Palácio Episcopal, velho e histórico sobrado transformou-se em Seminário, pioneiro, nessa categoria, aqui em Teresina. Também nessa época, o Barão construiu uma casa geminada ao seu sobrado residencial, destinada a trabalho de artes, ensaios de um conjunto musical e guarda de instrumentos, de 15 a 17 figuras, inclusive um mestre que regentava a orquestra. Os Edifícios Artísticos-Institucionais designada

a esudo de menores pobres mantidos à sua custa.

Em Teresina, beneficiou ainda com mais de dois edifícios: a igreja de Nossa Senhora das Dores, na praça Saraiva e a casa de mineração. Construiu também casas em Campo Maior e competiu com Conselheiro Saraiva na edificação de Teresina. Foi então o Barão de Gurguéia, um dos pioneiros na construção dos primeiros sobradinhos de Teresina, e para tal empreendimento na sua grande fábrica, havia mísulas, tubuladores brancos, ovinhos, carpinteiros, ferreiros, pintores, pedreiros, oleiros, etc. Suas filhas e filhos ensinavam a ler e escrever aqueles que desejavam aprender.

De idade avançada, abandonou a vida pública e retirou-se para sua fazenda União onde viveu alguns anos, no refúgio do lar e morreu a 8 de dezembro de 1897, aos 89 anos de idade em sua residência, ao lado da Igreja Matriz, hoje construído no local, o Sítio Piauquai, e o poço do "ISPESP", esquina com a Prefeitura Municipal, e o excedente do quartel cercado de domicílios.

Os restos mortais do Barão e da Baronessa jazem no segundo cemitério comum em União.

Em memória ao seu passado histórico, destacou-se em homenagem ao benemerito Barão o Grupo Escocês "Barão de Gurguéia" e a avenida "Barão de Gurguéia", em União, a praça "Barão de Gurguéia", onde é localizada a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios.

Fontes Bibliográficas:

- A Família do Rêgo Monteiro
- Irineu Neto do Rêgo - 1979
- Conselho de Teresina (Arquivo)
- Edição: 10.03.1971, nº 221
- Escrita por Odacelmo Pretes

Autor da Pesquisa:

José Elias de Brito
Coordenador do Patrimônio Natural, Histórico e Cultural do Piauí.

Livros

Tempo de Cultura, de Jesualdo Cavalcanti. Secretário de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, Teresina, 1985, capa de Paulo Moura, prefácio de A. Tito Filho, 60 págs. O Dep. Jesualdo Cavalcanti reuniu neste pequeno volume, feito com muito esmero e mimo, artigos de apresentação de livros, editoriais publicados na revista Presença, discursos e pronunciamentos proferidos em solenidades de que participou como personagem principal, mensagens diversas transmitidas por ocasião de eventos culturais e promoções da SECTUR, vazadas, todos eles, em linguagem de muita clareza e precisão, em que se ressalta o poder de simse, qualidade essa que faz prever o nascimento de um escritor altamente comunicativo. O livro, apesar de trazer assuntos vários sobre temas de cultura, presos à Secretaria de Cultura, tem uma unidade constatada após se fechar suas páginas, e dá ao leitor a visão exata que o articulista imprimiu à causa da cultura entre nós, com uma boa proposta. A obra é resultado de um trabalho, organizado, prévia e cuidadosamente, por uma equipe, à frente o próprio autor, além de constituir uma prestação de contas, bem feita, do administrador em dois anos - de março de 1983 a igual mês de 1985 - de sua gestão à frente da SECTUR. Um re-

gistrio, sem dúvida, fiel e bem elaborado, da dedicação que dispensou (e ainda dispensa) aos movimentos de cultura em nosso Estado, (que, nos últimos anos, como sinal dos tempos, vinham sendo menosprezados, ou sem nenhum atrativo) visando a dar ao povo participação e premiação nas acontecimentos culturais, revelando valores novos nos mais diversos setores artísticos e da diversão, com o que deu uma dimensão extraordinária à sua Pásia, que assim se tornou mais abrangente estruturalmente. É, enfim, uma obra que transmite uma mensagem de otimismo e crença no destino do piauiense, tudo como uma raça indiferente e apática, mas que hoje já tem em que acreditar e preservar, no campo, especialmente, da inteligência. "Uma nação se faz com livros e homens". Não afirmo tanto, mas não tenho medo de reconhecer um novo Piauí cultural hoje, renascendo. Louve-se, mais, o trabalho gráfico da "Editora Júnior", praia de casa, e da bala.

se, considerado por ele próprio como escritor marginal desligado do contexto linear e das clássicas, voltado para a nossa realidade, além de pessoa revoltada com as injustiças sociais e preocupado com o destino do nosso povo". Endereço do Autor: Rua Fernando Marques, 1.381/CEP: 64.800 - Floriano - Piauí.

"História de João da Silva", de Clóvis Moura, Seleção Folhetim, Edição Corisco, Teresina, 1986, prefácio de Manuel Paulo Nunes, 22 págs., formato de corde, 9º volume da série. A história do lavrador João da Silva, caboclo nômade, do Piauí de queijo e coulhada e do trovão bonito, de gente humilde e indiferente, mas de trabalho, e de luta também, vai contada aqui como de um homem sem terra, mas que vê chegando a sua vez e hora, ou sua hora e vez, o momento de ver sair da garganta o grito há muito preso, sufocado, num xingamento gosioso final, de quem se vê recompensado pela espera e ganha a sua confiança, o momento da vitória final e derradeira, que é ter um pedaço de chão onde possa trabalhar e morrer em cima, nem que seja do tamanho de um couro de boi. Trata-se de um poema, escrito em redondilha maior (leitura ou retíssimabu) que Moreira Campos, o grande contista cearense, chamou de "coisa boa", dizendo ser "um grito da terra, um grito de homem, o Nordeste gemendo no cerne, e (tudo isso em ritmo muito nosso, porque a redondilha, apesar de sua origem erudita (perdeu-se no medievalismo)" - ensina o Mestre Moreira

- "é linguagem do povo, da nossa gente". Salienta MC que "até as últimas palavras de revolta (Palavrão, como dizem) revelam a consciência que já começamos a adquirir, no sentido de nossa afirmação". Vale ressaltar que o livro tem uma edição barata, preço popular (3 cruzeiros) feito, mesmo, para transmitir a mensagem do autor ao nordestino sufiado, ao homem do campo abandonado, e enganado sempre, por políticos safados, patrões maldados, com promessas vãs, que lhe tiram até a última gota de suor e sangue, mas que hoje vê uma estrela brilhando no horizonte de sua libertação e real melhoria. A obra está à venda na Livraria Corisco. Vá lá e adquira e conheça esta narrativa triste, de grande força telúrica.

Magalhães da Costa
Contista crítico literário

Endereço: (p/renessa de livros de autores piauienses) Rua Alvaro Mendes, 2.121 CEP: 64.020 - Teresina - Piauí.



Poemartelo, de Hélio Ferreira, edição do Autor, capa de Paulo Moura, Floriano, prefácio de Lourdes Teodoro, 60 págs. Com este livro, o poeta florianense inicia, na nossa literatura, o ciclo de ferro, cantado aqui em oito cantos e um poema, de feitura moderna, criativa, de bona inventio, de quem sabe, realmente, trabalhar na bigorna ou martelo, poesia seca como o aço, mas que reina no coração do leitor, ferindo-o como uma lança, fortes versos, de cadência e ritmo ajustados, murros de mão fechada, manoplas de ferro bem temperado. Não conheciamos o vate, e foi uma alegria conhecê-lo agora, através da amiga Sônia Cunha e Silva, para quem Hélio Ferreira é "exceiente poeta piauien-

POEMA DE LOUVOR A AMARANTE E À VIDA (Remansos)

quem ouviu o grito plantado na vida do rio
e percebeu o mistério dos olhos na ciranda
das águas
aprendeu que a esperança anda a galope
nas margens do parnaíba.

Poema

guarda no peito com cuidado
os nostálgicos sons de Amarante
dos rios, serras e segredos
partitura do nosso encantamento
casarão da rua principal
rua do fogo, do fio
areias da nossa vida.

quem ouviu o crepitar da acendalha
no beijo da ribanceira
e percebeu o renascer da invernada
no ciclo evolutivo das sementes
aprendeu que o povo guarda o segredo
das raízes.

desça hoje a escadaria
entre fantasmas azuis
e lusas lembranças
da cidade que entre rios
delira.
onde uma gente luminosa e livre
amorosamente livre
constroi o amor definitivo.

ali o mundo mágico dos sentimentos
se agiganta
aqui a poesia brinca nas areias da confluência.

carvalho neto

Poema

sutil sábio do dia
forte e incompetente no mundo do open-mar
até no amor me destempo.

que posso?
contra o mistério do eu so-terrado nos
ca
pri
chos
que posso? que quero?
- sendo gente, esconder-me bicho?

francisco miguel de moura

Gerais

MUSEU DO PIAUÍ



O Museu do Piauí, criado em 22 de dezembro de 1980, está instalado na Antiga Sede do Poder Judiciário, prédio de 1859, construído pelo Comendador Manoel Gaioso de Almendra, tendo sido sua residência particular, depois Palácio do Governo durante quase toda República Velha.

Auxílialmente acolhe com dignidade um valioso acervo Histórico e Artístico que lhe cabia mostrar.

Nesse curto período de vida, vem o museu atingindo suas metas, não só na preservação do patrimônio sob sua guarda, como também num extenso trabalho de atendimento ao público, divulgando as características principais de seus objetos ali expostos, tornando assim suas visitas educativas.

São dez salas de exposição permanente, dispostas em dois pavimentos com largas janelas e portas com sacadas para a praça Marechal Deodoro, ou para um pátio aculhedor, com um engenho, um carro de boi, uma prensa de fazer queijo, duas cambões e um portal.

A coleção é num total de 5.600 peças, na maioria doadas e organizadas em Teresina-PI, através de várias cidades do Estado e até mesmo proveniente de colecionadores particulares do Rio de Janeiro. Nem todo o acervo está em exposição, apenas 60%.

As coleções, de grande qualidade, se compõe de objetos que vão do século XVI aos dias atuais. São exemplares de prata, louça da Companhia das Índias, porcelana chinesa e

Selma Duarte musicóloga e Coordenadora do Sistema de Museus

inglesa, imaginárias, cristais, pinturas piauienses, esculturas em madeira, cédulas e moedas nacionais e estrangeiras, medalhas, móveis, condecorações, leques em madreperola turanugas em marfim, indumentária da guarda nacional, instrumentos de suplicio, objetos indígenas, Geologia, Zoologia, Botânica, Pelos de Barracha, Pau Rosa, Paleontologia (peixes fossilizados).

Os objetos são apresentados ao público em vitrines especiais, alguns sobre móveis e módulos, acompanhados de textos plásticos descrevendo, com detalhes, as peças expostas. Há também, oito guias à disposição dos visitantes para melhor informar, inclusive bilíngues.

Quanto à parte técnica, o valioso acervo está passando por uma nova catalogação e classificação. O livro de tombamento, está sendo traçado de forma especial para a ecética coleção. Foi adotado a numeração bipartida; sendo o primeiro número relativo ao uso, o segundo, ao número de ordem, no ano; quando for o caso será usado o terceiro número referente ao número de ontem no conjunto. As folhas são numeradas tipograficamente e rubricadas pelo

diretor e apresenta um termo de abertura e outros de encerramento, que são assinadas pelo diretor ou pelo museólogo.

Além da numeração e peça é registrada com os dados mais importantes: nome do objeto, procedência, dono, modo de aquisição, autor, dimensões, estado de conservação e observação. O ficheiro está sendo organizado com fichas descriptivas, estas são mais completa pois nelas devem acompanhar: histórico, fotografia, nº de exposição, restauração, bibliografia.

Sobre a segurança, dispõe o Museu de guardas salas e vigias noturnos. Nos cuidados contra incêndio, estão distribuídos em pontos estratégicos escolhidos por uma firma especializada, extintores e aparelhos.

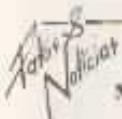
Possui ainda órgão, como apoio, de um auditório com capacidade para 64 pessoas sentadas, duas salas de exposição temporária, um hall e uma cantina.

O Museu é mantido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e Fundação Cultural do Piauí. O seu corpo técnico é formado por um mu-

seólogo, que é também o diretor e responsável pelo serviço de pesquisa, documentação, montagem e programação cultural, numa Secretaria, um chefe de seção de Assuntos Culturais, responsável pelo serviço museu-escola e um chefe administrativo.

A direção do Museu e sua equipe entendem que Museu é um Patrimônio Cultural, que permite preservar, estudar, educar, através das épocas passadas e provocando ao mesmo tempo no presente um "Pensar" no futuro.

"Descubra o passado. Preserve o presente e pense no futuro".



MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL

Em solenidade realizada no Palácio de Karnak, dia 22 de novembro, o governador Hugo Napoleão fez entrega da Medalha do Mérito Cultural "Da Costa e Silva" a várias personalidades, como parte das comemorações alusivas ao transcurso do centenário de nascimento do nosso poeta maior.

Receberam a honraria: Ademar Bastos Gonçalves, Afrâncio Castelo Branco, Agenor de Almeida Lira, Ageu Alves de Melo, Albert Nunes de Carvalho, Alberto da Costa e Silva, Adelmo Soares da Silva Filho, Alda Fortes Caddah, Antônio Bugyja de Sousa Brito, Antônio de Almendra Freitas Neto, Antônio Santana e Silva, Armando Madeira Bastos, Atílio Freitas Lira, Benjamin do Rêgo Monteiro Neto, Carlos Castelo Branco, Carlos Evandro Martins Eulálio, Celso Barros Coelho, Clidemir de Freitas Santos, Clóvis Moura, Dário Macerio, Deolindo Augusto Nunes Couto, Doralice Parentes, Emilia da Paixão Costa, Expedito Antônio dos Santos, Flamarion Mossi, Flávio Teixeira de Abreu, Francisco Aureliano de Queiroz Câmara, Francisco da Cunha e Silva, Gerardo Melo Mourão, Grupo Mel de Abellia, Grupo Candela, Hélio de Carvalho Matos, Heriberto Sales, Instituto Histórico de Oeiras, Irene Carvalho do Rêgo Barros, Jesualdo Cavalcanti Barros, Joaquim Itapary Filho, João Emílio Falcão Costa Filho, João Nonô de Moura Fonseca Ibitipoca, José Afonso de Araújo Lima, José Alves de Oliveira, José Camillo da Silveira Filho, José de Arimatéia Tito Filho, José do Egito Estrela, José Elias Martins Arêa Leito, José Gomes Pires de Almendra Freitas, José Gomes Campos, José Guilherme Merquior, José Lopes dos Santos, José Miguel de Matos, José Raimundo



de Araújo Carvalho, José Raimundo Texeira e Silva, José Vidal de Freitas, Josias Clarence Carneiro da Silva, Kenard Kruel Fagundes dos Santos, Léna Monteiro de Carvalho, Luís José dos Santos, Luísota da Costa, Mairi Ribeiro Madeira Campos, Manoel Felício Pinto, Manoel Paulo Nunes, Marcos Vítor Vilas, Maria Gomes Figueiredo dos Reis, Nô Mendes de Oliveira, Odilon Nunes, Ofélia das Chagas Leitão, Orlando Geraldo Rêgo de Carvalho, Paulo Afonso Martins de Oliveira, Paulo de Tarso Melo e Freitas, Pedro Mendes Ribeiro, Raimunda Nonata de Castro, Raimundo Alves Lima, Raimundo Nonato Oliveira, Rangel Cavalcante, Ricardo José da Costa Pinto Neto, Sebastião Lacerda, Sebastião Rocha Leal, Segismundo Ferreira de Alencar, Sílvia Leite, Tarciso Prado, Valdemar Sandes, Valter Soares, Vânia Duarte Napoleão do Rêgo, Wilson de Andrade Brandão, Zenon Rocha.

HUGO CONDECORA JESUALDO

O governador Hugo Napoleão, em solenidade realizada no Palácio de Karnak, concedeu o deputado Jesualdo Cavalcanti, secretário de Cultura, Desportos e Turismo, com a Ordem do Mérito Renascer do Piauí, no Grau de Grande Oficial.

Ainda em 1985, o deputado Jesualdo Cavalcanti foi agraciado com as medalhas do mérito Visconde da Farmácia e Lucídio Freitas, no Instituto Histórico de Oeiras e da Academia Piauiense de Letras, respectivamente.

**ASSINE
PRESENÇA**

Geraldo

GRUPO MEL DE ABELHA: O desafio de fazer o cinema piauiense

Laura Lealh
Jornalista



o grupo Mel de Abelha, fundado em 1981, produz documentários e curta-metragens.

"Povo Favela"; "Pai Herói"; "Espaço Marginal"; "Relógio de Sol"; "Dia de Passos"; "O Povo de Amarante"; "Da Costa e Silva" esse é o resultado do trabalho artístico do Grupo Mel de Abelha, formado por 4 engenheiros civis: Valderi Duarle, Luis Carlos, Socorro Melo e Dácia Ibiapina. Um grupo de super-ópticas que partiu em breve para a produção de filmes 16 milímetros, podendo até mesmo, com a ajuda que lhes é característica, chegar ao 35 milímetro.

O grupo nasceu quando o documentário "Povo Favela" deu, em 81, uma bolsa de trabalho-arte, financiada pelo MEC, a um de seus componentes; Valderi Duarle, até então aluno de Linguística da UFPI. A ele se juntaram três colegas de turma, Luis Carlos, Socorro e, logo depois, a estudante de Economia, Lourenç Rêgo, que no fim do ano passado foi embora do Piauí, deixando o grupo. Juntos pensaram um nome para o grupo. Após várias sugestões surgiu Mel de Abelha, aceito pelos doces cineastas, que a partir

dali foram a campo, com máquina Super-8, emprestada do Cine Clube de Teresina, produzindo para reproduzir nossa história e nossa cultura através do cinema, sendo os pioneiros de um trabalho de envergada importância.

O que mais lhes faltava era apoio mas o grupo não fraquejou, foi em frente e após serem reconhecidos fora do Piauí, ganhando prêmios na VII Jornada de Cinema Nacional, no Maranhão com "Dia de Passos" e VIII Jornada de Cinema Nacional, também em São Paulo, com os quais compraram equipamento de Super-8, o grupo passou a receber apoio dos braços competentes, que embora poucos, muito contribuíram na produção de filmes.

PRODUÇÕES

"Povo Favela", primeiro documentário, de 20 minutos, retrata a vida de algumas favelas de Teresina, em bairros de periferia, como Matreiro, Buenos Aires, Chese, etc, procurando enfocar aspectos de edu-

ciação e saneamento dentro das favelas. Ainda em 81 o grupo parte para filmar um dia na vida de uma família resiliente no bairro Buenos Aires. E o pai herói e seus cabeçudos, que ganhavam a vida caminhando tocando nos mais diversos pontos de Teresina, por força das circunstâncias. "Pai Herói" ganhou, em 82, o prêmio de melhor documentário no Festival de Cinema de Teresina.

Ainda no mesmo ano foi produzido "Relógio de Sol", com 6 minutos de duração, que ganhou o prêmio no Festival de Cinema de Teresina de melhor filme didático. Ele ensina como fazer um relógio de sol. "Espaço Marginal" veio pouco tempo depois, também em 82, e com ele o grupo criou, nos que o assistiam, muita polêmica quanto à eficiência na comunicação das pichações. Nele o sociólogo Antônio José Medeiros dá depoimento sobre a influência das pichações no comportamento social da população. Para Valderi, o filme foi a experiência mais dolorosa e amarga, trazendo grandes frustrações. "Só quem acreditou no filme fomos nós" afirmou ele.

Mesmo assim o grupo não desanimou e foi à luta, dessa vez mais longe, em Oeiras onde filmaram uma procissão já característica e secular da cidade. Daí veio "Dia dos Passos", o primeiro filmado com duas câmeras, o que exigiu maior dinamicidade dos cineastas. O sacrifício valeu o prêmio na VII Jornada de Cinema Nacional, no Maranhão mesmo concorrendo com vários filmes de 16mm.

Em 84, o grupo fica mais conhecido em Teresina com a produção do "Pagode de Amarante", onde passaram a noite filmando, até as seis horas da manhã. Com uma produção prévia e filmado com seu diretor, foi uma das produções mais interessantes, afirma um dos componentes. A filmagem da dança não agrada apenas aos que dançavam ou aos cineastas, mas também aos que o assistiam. Na VIII Jornada de Cinema Nacional, no Maranhão, ganhou o troféu especial. Este filme foi financiado pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí.

Com muito entusiasmo o grupo gravou seu último filme em Super-8 "Da Costa e Silva", contando a vida e obra do poeta amarantino com depoimento de familiares e conhecidos, como também de poetas modernos. Com esse filme o grupo, além de se

tornar conhecido através da imprensa, ganhou a medalha do Mérito Cultural, em novembro de 85.

F AGORA?

Há quem pense que o Mel de Abeija está inativo. Os que assim pensam vão notar o quanto estão enganados ao ver a futura produção de filmes 16 milímetros. O grupo é muito forte e ambicioso para ter esse futuro. No entanto, antes de partir para a próxima produção, esperando contar, para isso, com o apoio dos órgãos competentes, o Mel de Abeija fará uma divulgação de todo o trabalho já realizado, pois, segundo afirmou Valderi Duarte - "primeiro vamos divulgar os 7 filmes já feitos, depois partiremos para novo trabalho". Na cabeça os componentes já tem um projeto para apresentação à Secretaria de Cultura Municipal: um filme sobre Teresina. Se aceito teremos uma memória histórica da nossa cidade a preservar. Além disso o grupo pensa em trabalhar com vídeo, juntamente com pessoas de outras áreas como teatro e música. "Não é que o grupo vá acabar, essa é uma maneira de expandi-lo" disse Valderi, que tem como projeto criar uma nova geração de pessoas interessadas em cinema em Teresina.

dando ele mesmo orientação ibérica através de mini-cursos. "Não adianta ficar apenas um grupinho, poi assim o movimento não cresce, quando paramos?"

Bom ideia. São muitas as pessoas que produzem ou fazem algo interessante, como é o cinema, e ficam com os conhecimentos presos. O Mel de Abeija não é assim, além de doce e inteligente. Mas por incrível que pareça faltam além de oportunidades, pessoas interessadas no assunto. Foi o constatado por Valderi, após várias tentativas de dar um mini-curso sobre cinema, em Teresina.

Mesmo assim vai mais uma tentativa. Como secretário de Cultura do Centro Acadêmico de Comunicação Social, Valderi Duarte trabalhou e entidade promoveu, juntamente com a Mostra de Cinema Piauiense, onde foram exibidos todos os filmes do Mel de Abeija, além de outros "A Fila", de Joaquim Saravia; "Cartaria Pega, Mata e Come", de Arnaldo Albuquerque e os 16 milímetros "Tio João" de Anônimo Noronha, "Oeiras, Tradição e Fé" e "Folguedos do Piauí", de Hamilton Ferro. A realização da Mostra de Cinema Piauiense nos dias 20, 21 e 22 de março.



Edson — Da Costa e Silva (1985)

LIGUE



Centrais
Elétricas
do Piauí S.A.

CEPISA
Trabalhando
com
energia

TELEFONES ÚTEIS PARA CONSUMIDORES DE TERESINA

120

- Alteração de nome na conta
- Ligação provisória
- Verificação de débito e cadastro
- Variação de consumo
- Aferição de medidores
- Padronização de "entrada de serviço"
- Taxas de serviço
- tarifas

Atendemos através desse número, nos dias úteis das 08:00 às 17:30 horas, pedidos referentes a:

- Ligação nova
- Desligamento
- Religação
- Vistoria
- Emissão de 2ª via de conta

Para maior brevidade no atendimento, informe o código de localização constante em sua conta de luz.

